



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Ricardo Luís Barata Lourenço Dias Ferreira

*OS PULVINI MONUMENTAIS DA CIVITAS
IGAEDITANORUM*

Dissertação de Mestrado em Arqueologia do Território, especialização em Arqueologia Romana orientada pelo Prof. Doutor Ricardo Jorge Costeira da Silva, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Outubro de 2021

FACULDADE DE LETRAS

OS *PULVINI* MONUMENTAIS DA *CIVITAS* *IGAEDITANORUM*

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	<i>Os Pulvini Monumentais da Civitas Igaeditanorum</i>
Autor/a	Ricardo Luís Barata Lourenço Dias Ferreira
Orientador/a(s)	Ricardo Jorge Costeira da Silva
Júri	Presidente: Doutor Armando José Mariano Redentor Vogais: 1. Doutor Pedro Jorge Cardoso de Carvalho 2. Doutor Ricardo Jorge Costeira da Silva
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Especialidade/Ramo	Arqueologia Romana
Data da defesa	15-12-2021
Classificação	17 valores



Agradecimentos

A todos os que de uma maneira ou de outra me apoiaram e tornaram possível a realização deste trabalho, um grande obrigado!

Ao meu orientador, Professor Doutor Ricardo Costeira da Silva, pela confiança em mim, pelo incansável empenho e dedicação que investiu neste trabalho, pela motivação constante que me deu durante toda a sua orientação e acompanhamento.

Ao Professor Doutor Pedro Carvalho, que me lançou o desafio e confiou em mim o estudo destes materiais.

Ao Doutor José Luís Cristóvão, por todas as informações e registos disponibilizadas e, pelo empenho, interesse e disponibilidade que demonstrou em todo o processo de identificação e levantamento dos elementos que me propus estudar.

Ao Professor Doutor Tomás Cordero Ruiz, por todas as conversas informais que tivemos sobre o tema e, pela disponibilização de informação.

Ao Doutor Bruno Franco Moreno, pela pronta disponibilização e sugestão de bibliografia de referência, essencial ao estudo destes materiais.

Ao André Oliveirinha, que enquanto responsável pelo Museu Municipal de Penamacor, se prontificou a disponibilizar várias informações e registos.

Ao Rui e à Maria, pela amizade, motivação e acolhimento, que me deram durante a fase de levantamento e registo dos materiais, feito sob o clima rigoroso da Idanha.

Aos meus amigos Barbosa, Oliveira e André pela forte amizade que partilhamos desde o início da nossa vida em Coimbra.

Aos meus amigos Babo e Catalin, pela amizade, companhia, motivação e, sobretudo, pela ajuda imprescindível que prestaram na identificação e registo dos materiais.

À Carvalha de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela motivação e apoio.

À Mar por todo o amor, cumplicidade, motivação, apoio e, por ter estado sempre presente durante todo este tempo.

E claro aos meus pais e irmã, pelo apoio e motivação incondicionais, por me incentivarem a seguir o meu caminho e por existirem.

RESUMO

Os Pulvini Monumentais da Civitas Igaeditanorum

A presente dissertação tem como principal objetivo dar a conhecer o extraordinário conjunto de *pulvini* monumentais da capital da *Civitas* dos *Igaeditani*. Estes elementos revelam uma constatada importância por constituírem um dos principais indicadores materiais da presença das estruturas funerárias que coroariam os designados “mausoléus em forma de altar com *pulvini*”. Deste modo, a expressiva presença destes elementos vem reforçar a existência destes *monumenta sepulcralis* em *Igaedis*. Esta realidade ainda não se encontra atestada pela identificação dos contextos de utilização primários a que estariam associados estes coroamentos. Acrescentamos ao conjunto já conhecido e publicado por D. Fernando de Almeida em 1956 e Gustav Gayer em 1989, cerca de quatro dezenas de exemplares que permaneciam inéditos até ao momento.

Apresentamos neste trabalho os resultados do estudo desenvolvido em torno destes elementos arquitetónicos decorativos, que se caracteriza essencialmente pela sua identificação, catalogação, descrição e análise. Em simultâneo com a sua identificação e contabilização, procedemos à respetiva inserção no quadro tipológico definido.

Como veremos este grupo igaeditano apresenta, dentro das suas variedades formais e ornamentais, uma gramática formal e decorativa homogénea, muito semelhante aos restantes exemplares inscritos na província da Lusitânia, onde se destaca o conjunto emeritense. Embora estes testemunhos de perpetuação da memória derivem de um “modelo itálico”, representam, pela sua gramática formal e decorativa uma forte tradição plástica indígena. Esta “mutação” do “modelo itálico” observada nos “*pulvini* monumentais lusitanos” torna-os muito distintos dentro da realidade hispano-romano.

Palavras-chave: *Pulvini* monumentais; Arqueologia Funerária Romana; *Monumenta Sepulcralis*; Arquitetura Funerária Romana; *Civitas Igaeditanorum*; Idanha-a-Velha.

ABSTRACT

The Monumental *Pulvini* of *Civitas Igaeditanorum*

The main objective of this dissertation is to present the extraordinary set of monumental *pulvini* in the capital of *Civitas dos Igaeditani*. These elements reveal a clear importance as they constitute one of the main material indicators of the presence of the funerary structures that would crown the so-called “masoleums in the form of an altar with *pulvini*”. Thus, the expressive presence of these elements reinforces the existence of these *monumenta sepucralis* in *Igaedis*. This reality is not yet attested by the identification of the primary contexts of use to which these crowns would be associated. We added to the set already known and published by D. Fernando de Almeida in 1956 and Gustav Gamer in 1989, around four dozen copies that remained unpublished until now.

In this work, we present the results of the study developed around these decorative architectural elements, which is essentially characterized by their identification, cataloguing, description and analysis. Simultaneously with its identification and accounting, we proceed to its insertion in the defined typological framework.

As we will see, this igaeditano group presents, within its formal and ornamental varieties, a homogeneous formal and decorative grammar, very similar to the other examples inscribed in the province of Lusitânia, where the Emeritense group stands out. Although these testimonies of the perpetuation of memory derive from an “italic model”, they represent, through their formal and decorative grammar, a strong indigenous plastic tradition. This “mutation” of the “italic model” observed in the “lusitan monumental *pulvini*” makes them very distinct within the Hispano-Roman reality.

Keywords: Monumental *pulvini*; Roman Funerary Archeology; Monumenta Sepulcralis; Roman Funerary Architecture; *Civitas Igaeditanorum*; Idanha-a-Velha.

Índice

1. Introdução.....	1
2. Igaedis e o seu território.....	3
3. Os Monumenta Sepucralis.....	6
3.1. Os <i>Monumenta Sepucralis</i> em forma de Altar com <i>Pulvini</i>	7
4. A Investigação dos <i>Pulvini</i> Monumentais na Península Ibérica.....	12
4.1. No atual território português	12
4.1.1. Na capital da <i>Civitas Igaeditanorum</i>	13
4.1.2. No território da <i>Civitas Igaeditanorum</i> e área fronteiriça	17
4.2. No atual território espanhol – breves referências	22
5. Metodologias e Processo de estudo	29
5.1. Processo de Estudo.....	29
5.2. Terminologia das partes constituintes de um <i>pulvinus</i>	30
5.3. Critérios para a definição Tipológica	34
5.5. A ornamentação dos <i>pulvini</i> igaeditanos.....	35
5.6. Critérios de elaboração e apresentação dos catálogos	38
6. Catálogos.....	39
6.1. Catálogo IGA.I.....	39
6.2. Catálogo IGA.II.....	65
7. Análise preliminar aos catálogos.....	72
7.1. Análise dos Gráficos de Frequência Analítica	76
8. Discussão	82
8.1. Tipologia	82
8.3. Cronologia.....	85
8.4. Uma materialização das elites?	88
9. Considerações finais.....	91
9.1. Futuras linhas de Investigação	92
Bibliografia	94
ANEXOS.....	100

1. Introdução

Apresentamos o presente trabalho no âmbito da dissertação do 2º ciclo de estudos em Arqueologia e Território. O interesse pelo estudo d’ “os *pulvini* monumentais da *civitas Igaeditanorum*” surge no decorrer da minha participação como voluntário nas escavações arqueológicas realizadas desde o ano de 2017 no âmbito do projeto de investigação plurianual “Da *Civitas Igaeditanorum* à Egitânia. A construção e evolução da cidade e a definição dos seus territórios da época romana até à doação dos Templários (séculos I a XII)”.

Parte substancial destes vestígios de elementos de arquitetura funerária da antiga cidade romana de *Igaedis*, atual aldeia de Idanha-a-Velha encontravam-se já identificados, mas mantinham-se inéditos e por estudar. O ponto de partida desta investigação sustenta-se, portanto, nos elementos já conhecidos e na motivação e desafio que se tornou na procura e levantamento exaustivo de tantos outros até então desconhecidos.

Para além da identificação e registo dos *pulvini* monumentais da *civitas Igaeditanorum*, procedeu-se à sua catalogação, análise descritiva, enquadramento tipológico e sua comparação com outros elementos semelhantes reconhecidos nas áreas limítrofes. Era importante perceber até que ponto comungavam das mesmas características formais, decorativas e estilísticas. Perante os objetivos traçados, estruturou-se o trabalho realizado em torno de dois catálogos – um reúne todos os elementos entretanto identificados em *Igaedis* e outro os monumentos conhecidos no território desta *civitas* e área limítrofe. Estes catálogos, que não são meramente descritivos, mas também interpretativos, são parte central deste trabalho e a base de todo o conseqüente estudo. Por isso mesmo se optou por incluí-los no corpo principal do trabalho, ao invés de os remeter para anexo.

Desta forma, o trabalho estrutura-se em quatro partes principais: uma parte introdutória (cap. 1 a 4) onde se define a área geográfica e o objeto de estudo; uma segunda parte que reúne o estado da arte da investigação peninsular sobre os *pulvini* monumentais (cap. 4); seguida de uma extensa apresentação da metodologia e processo de estudo seguidos (cap. 5). Por fim, sustenta-se toda a análise descritiva e tipológica (cap. 7) tendo por base os referidos catálogos previamente apresentados (cap. 6). Por sua vez, no final são incluídos alguns anexos como a tabela de inventário geral dos elementos estudados e algumas estampas que auxiliam a análise.

À semelhança do que acontece no restante panorama peninsular, também em Idanha-a-Velha, estes elementos arquitetónicos funerários surgem desprovidos do seu contexto de utilização primário. Esta situação limita à partida a discussão que fica quase reduzida às questões formais e decorativas. Ainda assim é possível traçar linhas de investigação e introduzir algumas problemáticas que ficam evidentes após se cruzarem as suas características com os demais elementos peninsulares. Como veremos este grupo igaeditano apresenta, dentro das suas variedades formais e ornamentais, uma gramática formal e decorativa homogénea, muito semelhante aos restantes exemplares inscritos na província da Lusitânia, onde se destaca o conjunto Emeritense. Embora estes testemunhos de perpetuação da memória derivem de um “modelo itálico”, representam, pela sua gramática formal e decorativa uma forte tradição plástica indígena. Esta “mutação” do “modelo itálico” observada nos “*pulvini* monumentais lusitanos” torna-os muito distintos dentro da realidade hispano-romano e justifica plenamente esta primeira abordagem realizada neste trabalho. O que se apresenta tem de ser assumido como um processo de estudo em curso que muito nos motiva e alicia a continuar.

2. *Igaedis* e o seu território

O presente estudo incide nos vestígios de elementos de arquitetura funerária identificados na antiga cidade romana de *Igaedis*, capital da *civitas Igaeditanorum*. Localizada na Beira Baixa (fig.1), a aldeia Idanha-a-Velha é atualmente “apenas” um vislumbre da sua existência passada, um lugar cujo tempo não acompanhou a sua importância de outrora.

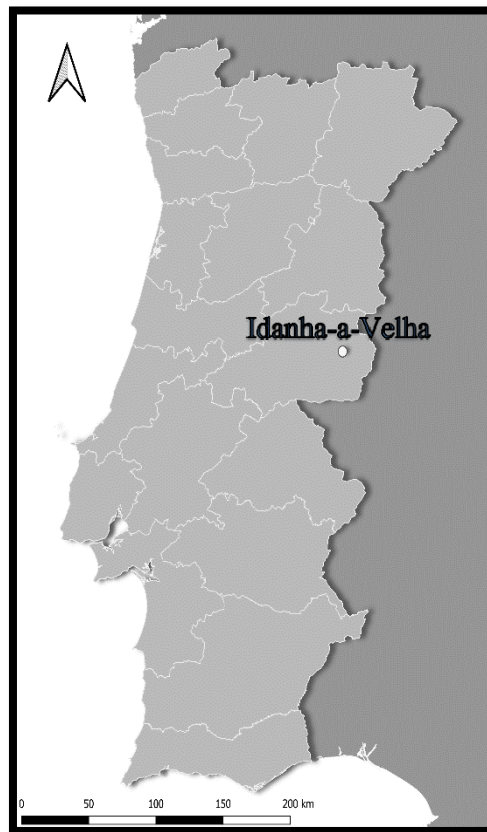


Figura 1 – Enquadramento geográfico da aldeia de Idanha-a-Velha.

Desconhecem-se até à data evidências arqueológicas que comprovem com segurança, uma ocupação pré-romana¹ do local onde se encontra hoje implantada a aldeia de Idanha-a-Velha. Considerando este especto, é de comum opinião que, muito provavelmente, se tratará de uma

¹ Apesar de se conhecerem alguns materiais avulsos, encontrados em Idanha-a-Velha, “habituais em contextos da Idade do Ferro (...), são de tal forma escassos e sobretudo ambíguos sob o ponto de vista cronológico, e o seu contexto de achado tão impreciso, que não permitem recuar com segurança a ocupação deste lugar nas margens do rio Pônsul para um momento claramente anterior ao séc. I a.C.” (Carvalho, 2007: 124-125)

“fundação romana de raiz (*ex nihilo*)”². Este “núcleo populacional” (Carvalho, 2009: 126) ter-se-á fundado no decurso da *dedutio* da *colonia norba caesarina* por volta de 35 a.C. (Mantas, 1988: 418-420; 2006: 56-59) que se considera uma data recuada (Carvalho, 2007: 102) face ao panorama conhecido na região. Não obstante, os resultados de escavações recentes (Carvalho, 2009), datam, até ao momento, os vestígios mais antigos que se conhecem em *Igaedis* dos últimos anos da República (Carvalho, 2009: 120 e ss.; 2010: 127).

Desconhece-se, porém, a natureza da origem deste lugar, em época romana. Poderia ter funcionado desde o seu começo como uma instalação civil, com estatuto de *vicus*³, em resposta à necessidade de controlo territorial, constituindo um posto avançado da administração provincial na zona interior norte da Lusitânia (Carvalho, 2007: 102; 2010: 126).

Já em época Augustana, a capital dos *Igaeditani* estreita relações com a sua capital de província sediada em *emerita augusta*, como atesta o testemunho epigráfico que enuncia a doação de um *orologium* por parte de um cidadão Emeritense⁴ à *civitas Igaeditanorum*. Como refere Pedro Carvalho (2007: 102), *Igaedis* poderá a partir deste momento ter passado a atuar como “intermediária privilegiada entre a capital provincial”.

É neste quadro que a *civitas dos igaeditani* começa o processo de delimitação do seu *territorium* (Carvalho, 2010: 127). Este panorama territorial da *civitas Igaeditanorum* é revelado pela análise dos conhecidos *termini augustales* de Peroviseu, Fundão e Salvador, Penamacor (Carvalho, 2009: 124; 2010: 127). O território dos *igaeditani* figuraria, segundo Pedro Carvalho (2010: 125), “um lugar de destaque (e até de hegemonia regional) que terá assumido em todo o interior norte da Lusitânia”.

O *terminus* de Peroviseu estabelece o *limes* da *civitas Igaeditanorum*, a noroeste, confinando fronteiras com os *Ocelenses Lancieses* (provavelmente com capital em Orjais), delimitando ambos os territórios, a sul, pela cumeada da Serra da Gardunha até à Serra do Açor e mais a norte pela cumeada da Lomba da Pedra Aguda até à Serra da Malcata. Entre o sul da Serra do Açor e a norte do Rio Zêzere os *igaeditani* confinavam com os *tapori*. Por sua vez o

² “a fundação da cidade dos *Igaeditani* terá sido feita de raiz (*ex nihilo*), num lugar até então não habitado. Com efeito, nas sondagens referidas, os níveis mais antigos por nós descobertos sobre a rocha base datarão já de um período romano (provavelmente tardo-republicano), constituindo antes importantes testemunhos dos primeiros tempos da fundação da cidade.” (Carvalho, 2007: 120).

³ “(...), sobretudo se este termo for entendido não como um aglomerado populacional secundário, mas sim como um núcleo de carácter oficial, resultante de uma decisão institucional, levada a cabo num momento muito inicial de ocupação e estruturação do território.” (Carvalho, 2009: 126)

⁴ “(...) fora precisamente a referência a um cidadão dessa tribo expressamente apresentado como emeritense (...) que contribuiu para acentuar, de modo evidente, as relações entre a *Civitas Igaeditanorum* e *Emerita*.” (Encarnação, 2004: 57).

terminus de Salvador estabelece o *limes* da *civitas* a nordeste onde confinava fronteiras com os *lancienses oppidani*, a sul da Serra da Malcata, para além da serra de Penha Garcia e delimitados pelo curso inferior do Rio Erges (Carvalho, 2007: mapa 4; 2009: fig. 17)

3. Os *Monumenta Sepulcralia*

Os elementos de arquitetura funerária provenientes de Idanha-a-Velha que pretendemos analisar, constituem o coroamento de um tipo muito específico de monumentos funerários, designados por “mausoléus em forma de altar com *pulvini*” (pe. Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996). Estes coroamentos são compostos por um par de *pulvini* simétricos, ao nível formal e ornamental, que se confrontam (cf. fig.2). Seguiremos a terminologia consensualmente adotada pela comunidade académica, para designar cada um desses elementos. Ora, os autores referem-se vulgarmente a estas peças, integrantes nos coroamentos, apenas como *pulvini* monumentais (plural) ou *pulvinus* monumetal (singular) (Beltrán Fortes, 2004; Beltrán Fortes, Baena del Alcázar, 1996; Munciano, 2019; Kockel, 1983; Noguera Celdrán, 2008). Será esta a terminologia adotada no decorrer do presente trabalho, podendo também, por uma questão de simplificação da linguagem e, à semelhança desses mesmos autores, referir-nos a estes elementos arquitetónicos apenas como *pulvini/pulvinus*.

Estes elementos de arquitetónicos, constituem muitas das vezes o único indício material da presença de *monumenta sepulcralia* em forma de altar aos quais estariam associados (Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996; Murciano Calles, 2019). Este fator prende-se com o fenómeno de reutilização de elementos arquitetónicos de época romana em construções de época posterior, sobretudo no período tardo-antigo e medieval. Graças a esta realidade estes *pulvini* monumentais chegam até nós reaproveitados nos aparelhos construtivos dessas construções, embora que desprovidos de um contexto de utilização primário.

Embora não seja o principal objetivo do presente trabalho dissertar acerca do tipo de monumento que estaria coroado por estes *pulvini*, reconhecemos a importância de enquadrar estes elementos no seu contexto específico.

3.1. Os *Monumenta Sepulcralia* em forma de Altar com *Pulvini*

“El ara es un instrumento clave del ritual funerario que cumple con la función práctica y simbólica de mantener sosegadas las almas de los difuntos, a través de ofrendas periódicas. Consta de un remate compuesto por un focus, que en algunos casos se sustituye por un cimacio esculpido, y dos *pulvini* o rollos que lo enmarcan. El cuerpo central está destinado a la inscripción funeraria y a la decoración basada en el *urceus* y la *paterna*.”

(Ruiz Osuna, 2009: 110)

Os “mausoléus em forma de altar” constituem um “modelo itálico” de monumento sepulcral amplamente adotado na península itálica e nas províncias ocidentais, e em concreto em todas as províncias hispânicas (Murciano, 2019: 113), como aliás veremos no capítulo seguinte. A sua presença na península itálica encontra-se bem registada, por exemplo, no estudo da necrópole da porta de Herculano em Pompeia de Valentin Kockel (1983). Este autor identifica ali pelo menos 8 destas estruturas, sendo que estes túmulos em forma de altar representam o maior e mais uniforme grupo tipológico da referida necrópole. V. Kockel ressalva ainda o facto destes edifícios do tipo altar não se verificarem apenas em Pompeia, mas em toda a Itália e encontrando-se ainda dispersos um pouco por todo o Império Romano (Kockel, 1983: 22).

À semelhança do proposto por J. Beltrán Fortes e L. Baena del Alcázar (1996: 113), em relação aos *pulvini* emeritenses, os coroamentos de Idanha-a-Velha estariam associados a mausoléus cuja câmara funerária seria constituída pelo próprio corpo do *monumenta* .

São escassas as reconstituições que retratam com segurança o aspeto final do monumento, isto porque, tal como referimos anteriormente, em muitos dos casos os *pulvini* são os únicos elementos que chegam até aos dias de hoje. No estudo de José María Murciano Calles (2019), dirigido ao estudo da tipologia monumental funerária de *Augusta Emerita*, refere-se que de entre os diversos grupos tipológicos de *monumenta* existentes, os que são preferencialmente enquadrados a nível métrico com os exemplares peninsulares serão os mausoléus em forma de altar de “menores dimensões e uma proporção com uma tendência horizontal” (Murciano Calles, 2019: 114-115). Este mesmo autor alude para a existência de duas abordagens distintas relativamente às propostas de reconstituição dos mausoléus em forma de altar com *pulvini* de *Augusta Emerita*. Este ponto interessa-nos particularmente dada as semelhanças formais,

decorativas e estilísticas que os coroamentos emeritenses partilham com os exemplares igaeditanos que iremos analisar.

Na primeira proposta T. Nogales Basarrate, em artigo publicado com J. Márquez (2002), reconstitui um monumento cuja estrutura apresenta uma ligeira tendência vertical (fig. 2). Os autores concebem o posicionamento dos *pulvini* encostados um ao outro, de uma forma em que ambas as extremidades planas do alargamento lateral se unem para formarem um “frontão”. Esta representação sugere uma significativa redução das dimensões do monumento, evidente na comparação entre as duas reconstruções (figs. 2 e 3). No entanto, refira-se que as dimensões dos *pulvini* apresentadas em ambas as propostas são semelhantes⁵.

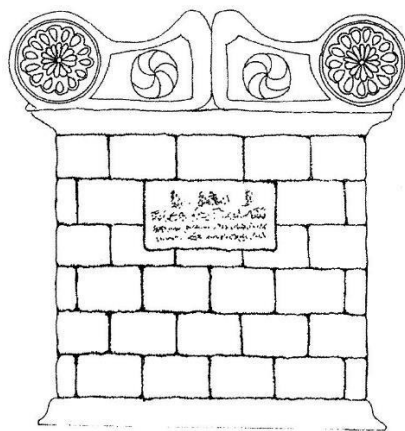


Figura 2 – Proposta de reconstrução de um “mausoléu em forma de altar com *pulvini*” de *Augusta Emerita*. Retirado de Nogales Basarrate e Márquez Pérez, 2002: 125, fig. 3.

Na segunda proposta de reconstituição (Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996), observamos um mausoléu em forma de altar com uma estrutura de tendência horizontal. Esta estrutura impõe um posicionamento dos *pulvini* distinto do anteriormente apresentado. Desta feita estes elementos surgem assentes nas “esquinas superiores” do monumento e distanciados entre si (fig.3). Esta disposição dos *pulvini* pressupõe a existência de um outro elemento, possivelmente em forma de frontão (cf. Abad Casal *et alli*, 2002: 274, fig. 8 e 12), que colmataria o espaço vazio criado entre os dois *pulvini*, complementado desta forma o coroamento do mausoléu.

⁵ Segundo J. Beltrán Fortes e L. Baena del Alcázar (1996: 126-127), o *pulvinus* representado na fig.2 apresenta as seguintes medidas – 0,43 m Alt.; 0,86 Larg.; 0,72 m Comp. Ao passo que o *pulvinus* representado na fig.3 apresenta as seguintes medidas - 0,45 m Alt.; 0,92 m Larg.; 0,60 m Comp.

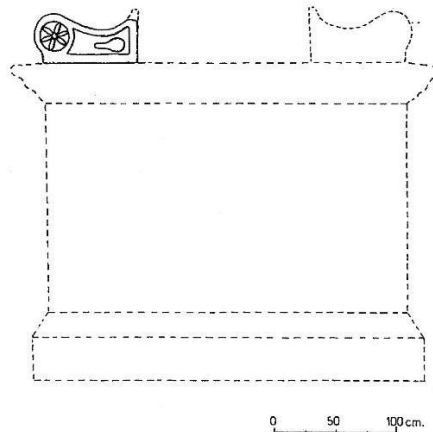


Figura 3 - Proposta de reconstrução de um “mausoléu em forma de altar com *pulvini*” de *Augusta Emerita*. Retirado de Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996: 108, fig. 2.

Ainda que não se conheça nenhuma destas estruturas funerárias monumentais em Idanha-a-Velha e atendendo a estas reconstituições que não deixam de ser meras hipóteses, parece-nos mais provável que os *pulvini* igaeditanos adotassem a primeira proposta (fig. 2) tendo em conta a dimensão e disposição do monumento apresentada e o desconhecimento da existência de elementos que pudessem constituir o frontão que implica a segunda proposta. Outro fator que nos leva a querer que as estruturas funerárias relacionadas com os coroamentos monumentais de Idanha seriam de dimensões reduzidas, prende-se com as próprias dimensões constatadas nos *pulvini* em estudo. As peças do conjunto igaeditano apresentam, em média, cerca de 45 cm de comprimento e cerca de 70 cm de largura.

Parece-nos também pertinente salientar uma outra conjetura relacionada com o aspeto final destes coroamentos. Esta prende-se com a proposta de José Maria Murciano Calles (2019: 127, fig. 5) que estabelece a possibilidade das faces frontais dos *pulvini* apresentarem elementos decorativos distintos. Esta proposta terá forçosamente de ser contemplada se tivermos em conta os objetos associados a práticas de culto e os respetivos motivos que ornamentam usualmente os exemplares lusitanos. Se atentarmos nalguns exemplos de aras hispano-romanas da região, constata-se uma correlação, por exemplo, entre a pátera e o *urceus* (Est. II). Uma vez que até ao momento não foi identificado, seguramente, nenhum par quer em Idanha-a-Velha ou noutra

qualquer elemento que se enquadre na mesma tipologia⁶, esta sugestão tem de ser encarada como hipotética, não sendo para já de refutar.

A dificuldade sintomática no momento de atribuir uma cronologia segura a estes mausoléus, prende-se a ausência de sistematização ou impossibilidade de categorizar tipologicamente os mesmos. Para além disso, estes vestígios são raramente encontrados em associação estratigráfica com as estruturas funerárias identificadas em escavação.

Não obstante esta realidade, assumimos que os mausoléus aos quais estariam associados os *pulvini* monumentais de *Igaedis*, estão cronologicamente enquadrados nas propostas avançadas para as estruturas Emeritenses (Beltrán Fortes e Baena de Alcázar, 1996: 111-113; Beltrán Fortes, 2004: 114-115; Murciano Calles, 2019: 117-119). Mais uma vez, sublinha-se que esta associação entre as realidades de Idanha e Mérida se baseiam numa conjectura hipotética tendo em conta o paralelismo tipológico destes elementos, uma vez que não se conhecem estruturas funerárias deste tipo em *Igaedis*.

A cronologia avançada por J. Beltrán Fortes e L. Baena del Alcázar (1996: 111-113) e T. Nogales Basarrate e Márquez Pérez (2002: 123), situa genericamente a construção destes monumentos emeritenses em forma de altar com *pulvini* em época augustana, “nos primeiros momentos de la colonia augustea” (Beltrán Fortes, 2004: 127). Esta datação tem por base a utilização do granito nos *pulvini* Emeritenses, sendo este o material associado aos primeiros momentos de monumentalização da cidade (Murciano Calles, 2019: 118; Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996: 111). Obviamente, tal como advertem os mesmos autores, o material utilizado na elaboração dos *pulvini* monumentais não poderá, por si só, constituir o fator determinante para o seu enquadramento cronológico.

José Murciano Calles (2019) faz referência ao caso inédito de um mausoléu em forma de altar identificado em Mérida (Estévez Morales, 2000: 390, lám. 3), que se destaca por ter associado um *pulvinus* aos níveis de abandono da estrutura. O arqueólogo responsável atribui uma datação relativa que oscila entre os finais do séc. I d. C. e inícios do II. d.C. (Murciano Calles, 2019: 117-118; Estévez Morales, 2000: 395-397).

Com efeito, podemos enquadrar os *pulvini* Emeritenses entre os séc. I d. C. e II. d.C. que decalca, aliás, a ampla datação atribuída ao período de utilização destes *monumenta* em

⁶ Mesmo que se assumam os dois exemplares da Quinta da Fórnea II como pares de um mesmo coroamento (Santos e Carvalho, 2008), não se aplicam a este pressuposto por apenas um dos exemplares conservar o alargamento lateral da extremidade cilíndrica.

forma de altar na Península Ibérica (Beltrán Fortes, 1990: 183 e ss.; 2004: 127-129; Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996: 113; Murciano Calles, 2019: 118-119).

Assumiremos deste modo, ainda que suportada de forma muito incipiente, que os *pulvini* monumentais de Idanha-a-Velha se enquadraram nesta cronologia sendo “un producto del siglo I d. C.”⁷ mas com uma continuidade de utilização ao longo do séc. II d.C. Este exercício, meramente especulativo, será discutido mais adiante no capítulo 8.2.

⁷ J. Murciano Calles (2019: 119), a propósito dos exemplares Emeritenses.

4. A Investigação dos *Pulvini* Monumentais na Península Ibérica

A presença destes testemunhos de perpetuação da memória na Península Ibérica vem sendo notada e estudada por diversos autores. Passaremos a apresentar a realidade peninsular deste fenómeno, com especial atenção para o atual território português e, sobretudo para o estado da investigação relativa à ocorrência deste tipo de coroamento de mausoléus em forma de altar com *pulvini* na capital da *civitas Igaeditanorum*, no seu território e área imediatamente limítrofe. Por fim e beneficiando deste enquadramento inicial, apresenta-se uma breve súmula dos trabalhos que se têm dedicado a este âmbito temático no restante território hispano-romano.

4.1. No atual território português

No que concerne ao atual território português, o tema dos *pulvini* de mausoléus em forma de altar tem sido abordado pontualmente por distintos autores. Como veremos adiante, excetuando os exemplares da Quinta da Fórnea II (Santos e Carvalho, 2008: 127-143), contam-se apenas elementos encontrados isoladamente e descontextualizados, cuja abordagem é sobretudo formal e descritiva.

A ocorrência deste tipo de *pulvini* manifesta-se, curiosamente, com grande expressão na Beira Interior. Esta é destacada e sobretudo protagonizada pelo conjunto identificado e proveniente da capital da *civitas Igaeditanorum*. Para além destes e em território atualmente português, temos apenas conhecimento de um outro elemento perfeitamente integrável nesta mesma categoria, proveniente da cidade romana de *Ammaia*, já fora da Beira Interior.

Este *pulvinus*, que se encontra exposto no Núcleo Museológico de *Ammaia* (Pereira, 2009: 108, nota 106), enquadra-se na tipologia morfológico-estilística dos exemplares igaeditanos. Trata-se de um *pulvinus* cilíndrico esquerdo, de perfil superior côncavo (Tipo I), com uma extremidade do alargamento lateral prolongada (subtipo b) e de rebordo não saliente rematado em cotovelo, enquadrando-se na variante 2 (cf. Taelman, 2014: 241, fig. 201). Apesar de ter sido encontrado isolado e descontextualizado crê-se que estaria associado a uma estrutura tipo mausoléu (Pereira, 2009: 108; Santos, 2013: 181). Situação avaliada tendo em conta “the monumental size and the construction method of the funerary monument found in the suburban

zone East of *Ammaia*, it is possible that the *pulvinus* from *Ammaia* originally belonged to this building.” (Taelman, 2014: 142).

4.1.1. Na capital da civitas *Igaeditanorum*

O primeiro registo documentado de *pulvini* em Idanha-a-Velha, devidamente interpretados e classificados como elementos arquitetónicos que coroavam monumentos funerários, deve-se a Félix Alves Pereira (1865-1936) na sua publicação “Ruínas de Ruínas ou Destroços Igeditanos. IV – Idanha-a-Velha (Breve Notícia)” (1917). Entre os anos de 1903 e 1910, Félix Alves Pereira realizou três missões de estudo em Idanha-a-Velha⁸, na qualidade de funcionário do Museu Etnológico Português, com o propósito de identificar, classificar e registar elementos epigráficos e outros vestígios arqueológicos (Salvado, 2010: 228-239; Salvado e Bizarro, 2018: 57). Num desses ensaios pode ler-se:

“Os destroços romanos avulsos são numerosos (...). Devo destacar desta série de restos, certas pedras com as mesmas formas e ornadas identicamente de um ou vários labores, das quais o mútuo parentesco não se pode negar. Julgo que fizeram parte de construções fúnebres, em que um frontão ou remate apresentasse as mesmas linhas arquitectónicas (...). A sua conexão com as lápides funerárias parece-me evidente: em alguns dos símbolos lavrados havia os mesmos vestígios de mínio, com que igualmente eram realçadas as letras das inscrições fúnebres. O ornato obedece ao florão sexifólio ou à estrela flamejante; é o mesmo que aparece em algumas lápides.” (Pereira, 1917: 190-191).

A breve análise que Félix Alves Pereira faz aos exemplares que encontra em Idanha-a-Velha é focada nos aspetos decorativos e métricos dos mesmos. Por esse motivo, por mérito da detalhada descrição que aquele autor faz dos motivos decorativos que ornamentam os *pulvini*, é possível hoje relacionar duas das peças descritas com os exemplares identificados durante o nosso registo e levantamento. A descrição que o autor faz do primeiro exemplar sugere-nos que o mesmo corresponda ao exemplar catalogado por nós, PL.8: *“Na capela de S. Dâmaso, há muito profanada, existe uma das mais curiosas destas pedras; tem um golfinho lavrado em relevo dentro de um escudete rectangular, e mede de comprimento 0^m,89 e de largura 0^m,44. O disco é lavrado com folhas de hera e rosetas; as mesmas folhas preenchem os claros ao lado*

⁸ As missões de estudo levadas a cabo por Félix Alves Pereira, em Idanha-a-Velha, resultaram numa série de publicações na revista “O Arqueólogo Português”, intitulada “Ruínas de Ruínas ou Destroços Igeditanos”, onde expõe os vestígios materiais arqueológicos que identifica durante as suas campanhas.

do escudete” (1917: 190). O segundo exemplar corresponde ao PL.4 do nosso catálogo: “*o mútuo parentesco não se pode negar. (...) Em uma parede à margem do Ponsul encontrei outra com duplo ornamento; o maior é um disco duplamente raiado; o menor é a roseta sexifólia. Aqui há a novidade de haver dois ornatos nos extremos da pedra, em vez de um só*” (*ibidem*: 190).

Anos mais tarde surge nova referência aos *pulvini* de Idanha-a-Velha. Desta feita pelo sobejamente conhecido D. Fernando de Almeida, cujo contributo pessoal para o estudo da narrativa do passado histórico deste local é de relevante importância. Na sua obra, “Egitânia: História e Arqueologia” (Almeida, 1956), refere a existência de “rosetas” pertencentes a monumentos funerários. Pode ler-se: “*(...) uma série de volutas de monumentos funerários onde a roseta aparece como motivo frequente: juntamos neste grupo as de Idanha às guardadas no Museu Etnológico Português L. de Vasconcelos e provenientes dali para exemplificação das variedades encontradas (fig. 80 a 87); (...)*” (Almeida, 1956: 109). Neste estudo, Fernando d’ Almeida contempla oito *pulvini* provenientes de Idanha-a-Velha. Deste conjunto, apenas sete elementos foram devidamente identificados e localizados durante os nossos trabalhos de prospeção e levantamento. Concluímos deste modo as seguintes correspondências com os exemplares incluídos no *Catálogo IGA.I (capítulo 6)*:

- Almeida (1956), fig.80, com correspondência a **PL.11**;
- *Ibidem*, fig.81, com correspondência a **PL.28**;
- *Ibidem*, fig.82, com correspondência a **PL.5**;
- *Ibidem*, fig.83, com correspondência a **PL.50**.
- *Ibidem*, fig.84, com correspondência a **PL.4**;
- *Ibidem*, fig.85, com correspondência a **PL.6**;
- *Ibidem*, fig.86, com correspondência a **PL.3**
- *Ibidem*, fig.87, com correspondência a **PL.18**;

Em 1989, Gustav Gamer elabora o estudo acerca das “formas de altares romanos na península ibérica” onde junta às aras, estelas e altares funerários romanos, os próprios *pulvini* que coroavam os Mausoléus existentes na Península Ibérica (Gamer, 1989). O autor identifica, caracteriza e insere no catálogo do seu estudo nove *pulvini* provenientes de Idanha-a-Velha, à data armazenados no Museu de S. Dâmaso (Gamer, 1989: 141), à exceção do **PL.50** (cf. Informação no catálogo IGA.I, capítulo 6.). Na sua maioria, correspondem aos elementos que

tinham já sido enunciados por Fernando de Almeida (1956). concluímos deste modo as seguintes correspondências com os exemplares incluídos no *Catálogo I* do presente estudo:

- *Gamer (1989:152)* TAFEL 141, a. **BEB 8**, com correspondência a **PL.1**;
- *Ibidem.* TAFEL 141, b. **BEB 9**, com correspondência a **PL.3**;
- *Ibidem.* TAFEL 141, c. **BEB 10**, com correspondência a **PL.8**.
- *Ibidem.* TAFEL 141, d. **BEB 11**, com correspondência a **PL.4**;
- *Ibidem.* **BEB 12**, com correspondência a **PL.11**.
- *Ibidem.* **BEB 13**, com correspondência a **PL.28**.
- *Ibidem.* **BEB 14**, com correspondência a **PL.5**.
- *Ibidem.* **BEB 15**, com correspondência a **PL.50**.
- *Ibidem.* **BEB 16**, com correspondência a **PL.6**.

Deverá ainda acrescentar-se que neste estudo, G. Gamer (1989), menciona erradamente a “fig.87” apresentada por Fernando de Almeida (1956), como correspondendo ao exemplar que catalogamos como “Pl.1” (*Gamer, 1989:152*, TAFEL 141, a. BEB 8), quando na verdade a figura reproduz o exemplar que catalogamos como “PL.18”.

J. Beltrán Fortes e L. Baena publicam em 1996 uma análise aos *pulvini* de *Augusta Emerita* onde se destaca a existência de três exemplares provenientes de *Igaedis*⁹ dados à estampa como paralelos hispânicos¹⁰ e que partilham as mesmas características tipológicas dos elementos reconhecidos em Mérida (Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996). Assim obtivemos as seguintes correspondências com os exemplares incluídos no *Catálogo IGA.I*:

- Beltrán Fortes e Baena del Alcázar (1996) Lamina **23.2**, com correspondência a **PL.1**.
- *Ibidem*, Lamina **24.1**, com correspondência a **PL.3**.
- *Ibidem*, Lamina **24. 2**, com correspondência a **PL.4**.

Em 2004, José Beltrán Fortes aborda os “mausóleos em forma de altar com *pulvini*”. Este estudo tem por base a análise dos *pulvini* conhecidos, à data, em toda a Hispânia Romana e que, na sua maioria, se constituem como os únicos elementos materiais indicadores da

⁹ Os três exemplares provenientes de *Igaedis* destacados por Beltrán Fortes e Baena del Alcázar (1996), haviam sido já mencionados por Fernando d’Almeida (1956) (PL.4) e por Gustav Gamer (1989) (PL. 1, PL.3 e PL.4).

¹⁰ “Destaca ahora, además, el núcleo emeritense, junto al que debemos considerar también los pulvini ya citados de Egitania, en Idanha-a-Velha (lám.23,2 y 24), com los que coinciden en el material empleado, en las características formales y en el diseño de los elementos ornamentales.” (Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996: 114).

existência deste tipo de *Monumenta* (Beltrán Fortes, 2004). O autor destaca, dentro do grupo Lusitano, os oito exemplares *igaeditanos* catalogados por D. Fernando de Almeida (1956: fig. 80-87) e o conjunto de nove *exemplares* catalogados por Gustav Gamer (1989: BEB 8 a 16, lám.141^a-d)¹¹.

Em suma e tendo em conta todas as correspondências até ao momento do presente estudo, haviam sido identificados e publicados dez *pulvini* do “conjunto Igaeditano”. A saber:

PL.1 (Gamer (1989:152) TAFEL 141, a. BEB 8; Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996, Lam.23.2)

- **PL.3** (Almeida, 1956, fig.86; Gamer 1989:152, TAFEL 141, b. BEB 9; Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996, Lam.24.1)
- **PL.4** (Félix, 1919:190; Almeida, 1956, fig.84; Gamer, 1989:152 TAFEL 141, d. BEB 11; Baena e Belatrán, 1996, Lam.24.2)
- **PL.5** (Almeida, 1956, fig.82; Gamer,1989: BEB 14)
- **PL.6** (*Ibidem*, 1956, fig.85; Gamer, 1989: BEB 16)
- **PL.8** (Félix, 1917:190; Gamer, 1989:152 TAFEL 141, c. BEB 10)
- **PL.11** (Almeida, 1956, fig.80; Gamer, 1989: BEB 12)
- **PL.18** (*Ibidem*, 1956, fig.87;)
- **PL.28** (*Ibidem*, 1956, fig.81; Gamer,1989: BEB 13)
- **PL.50** (*Ibidem*, 1956, fig.83; Gamer,1989: BEB 15)

Para além dos exemplares mencionados nas referências bibliográficas, foi-nos comunicada a existência pelo Dr. José Cristóvão de mais cerca de duas dezenas de *pulvini* que estariam armazenados na Casa Marrocos¹². Este conjunto, inédito, veio ampliar significativamente a coleção conhecida. Por outro lado, veio alertar para a forte possibilidade de existirem outros elementos dispersos pela aldeia. Situação que nos motivou e levou a

¹¹ “Si en el estado actual de conocimiento en el territorio de la Meseta (...), las novedades aportadas en estos últimos años para la *prouincia Lusitana* han cambiado un panorama que era bastante similar hasta hace poco, ya que se consideraba el conjunto de pulvinus de *Egitania* como un fenómeno extraordinario por su singularidade (...). A la catalogación realizada hacia mediados del siglo XX por F. de Almeida (1956: fig. 80-87) de las piezas portuguesas de Egitania (Idanha-a-Velha, en Beira Baixa), aparecidas todas ellas reutilizadas en la muralla tardoromana o medieval de la ciudad y conservadas en el museu de S. Dámaso, siguió su inclusion en el estudio ya citado de G. Gamer (1989:57s., BEB 8 a 16, lám.141^a-d). Se trata de nueve pulvinos elaborados todos ellos en granito local, com formas cilíndricas, de cuerpo liso, y rosetas u otros elementos en el frente, que disponen desarrollados alargamentos laterales de perfil superior cóncavo, (...).” – (Beltrán Fortes, 2004:114).

¹² Antiga propriedade latifundiária pertencente à família Marrocos, localizada no seio de Idanha-a-Velha.

prospetar ou realizar a observação atenta de todas as construções existentes na atual localidade de Idanha-a-Velha, não apenas os vestígios histórico-patrimoniais (ruínas e sobretudo a muralha) mas também os edifícios atualmente habitados. Este levantamento, que se pretendeu rigoroso, veio aumentar ainda mais o número de *pulvini* conhecidos e que damos à estampa no catálogo (capítulo 6).

Já em trabalho recente, Lúcia Fernandes (2020b: 350-351), a propósito de Igaedis, refere a existência de “mais de 30 *pulvini* e na zona envolvente contabilizamos cerca de 50.” Como veremos em capítulo posterior, aos cerca de 30 *pulvini* apontados por Lúcia Fernandes acrescentamos a identificação mais de 20 exemplares só em Igaedis. Isto, ao somar aos exemplares identificados no território da *civitas* e área imediatamente limítrofe (quatorze), perfaz um total de 66 exemplares.

4.1.2. No território da *civitas Igaeditanorum* e área fronteiriça

O conjunto de *pulvini* conhecido no território da *civitas Igaeditanorum* (Fig. 4) (e, também, na área imediatamente limítrofe) e que consideramos pertinente referir neste estudo, é composto por mais de uma dezena de achados isolados, à exceção, como já se fez nota, dos que foram recolhidos na Quinta da Fórnea II (Belmonte). O estudo de todos estes elementos tem vindo a ser publicado, pontualmente, em artigos de revistas científicas e encontram-se agrupados no catálogo II do presente trabalho.

Entre os estudos mais recentes que incidem sobre a ocorrência de *pulvini* no território limítrofe, dentro da região delimitada da Beira Baixa, destaca-se o trabalho publicado por F. Santos e P. Carvalho (2008). Este estudo debruça-se sobre um contexto singular no atual território português. A intervenção arqueológica do sítio denominado “Quinta da Fórnea II” pôs a descoberto uma estrutura funerária monumental (do tipo mausoléu) que revelou os únicos exemplares de *pulvini* encontrados no seu contexto de utilização primário. As escavações arqueológicas do mausoléu da Quinta da Fórnea II permitiram identificar dois exemplares de *pulvini* cilíndricos com alargamento lateral, esquerdo e direito, **PLII.2** e **PLII.3** respetivamente. (Santos e Carvalho, 2008: 138, foto 4). Embora sem total certeza, não se descarta esta possibilidade de se tratar de um par que coroava o mesmo monumento. Parece ser uma conclusão imediata visto terem sido encontrados no mesmo nível de derrube correspondente ao nível de destruição do Monumento (Santos e Carvalho, 2008: 133-135). Apenas poderíamos

afirmar com maior segurança tal possibilidade caso fosse possível atribuir uma tipologia, ornamentação e estrutura métrica comum aos dois exemplares. O facto é que apenas um dos *pulvini* (PLII.2) se encontra mais completo, ao passo que o outro (PLII.3) apenas conserva, num estado muito fragmentado, a extremidade cilíndrica e o arranque do alargamento lateral, impossibilitando o seu enquadramento tipológico. Apenas se comparam estilisticamente por ambos apresentarem uma rosácea de 5 pétalas (cf. Catálogo II, capítulo 6).

Posteriormente, em texto publicado mais recentemente (Henriques *et alii*, 2015), dá-se conhecimento de um terceiro *pulvinus* proveniente da Quinta da Fórnea II. Trata-se de um *pulvinus* direito, inédito, que se encontra nas reservas da Câmara Municipal da Covilhã. Segundo a informação apresentada, “Este pulvinus (Figura 18) pertenceu ao espólio da extinta associação cultural “Cava Juliana”, em cujo inventário se incluiu, tendo sido recolhido na Quinta da Fórnea, em Belmonte.” (Henriques *et alii*, 2015: 14-15). O exemplar corresponde ao **PLII.4**, que integrámos no *Catálogo II*.

Naquele mesmo trabalho divulga-se um outro *pulvinus* que se encontra atualmente reaproveitado num muro de uma construção rural, localizado na Aldeia de Santa Margarida (Idanha-a-Nova - **PLII.5**). Foi possível estabelecermos contacto com o proprietário do edifício e perceber a proveniência original deste elemento. Segundo nos relatou, terá sido recolhido, por um familiar numa grande propriedade rural a sensivelmente dois quilómetros a sudeste da Aldeia da Mata da Rainha, Fundão, nas Coordenadas WGS84: 40° 05’ 16.47 N; 7° 17’ 48.33 W. A propriedade está localizada no extremo sudoeste do município de Penamacor e destina-se atualmente ao pastoreio. Esta informação levou-nos a prospetar o terreno numa tentativa de contextualizar o local de achado e proveniência do exemplar. No local, foi possível constatar a presença de duas manchas de ocupação com uma grande extensão em área (cerca de 5.000 m²), destacando-se a abundância de material de construção cerâmico de período romano (*tegulae*, *imbrice* e tijolos) e a existência de grandes blocos de granito facetados que se encontram dispersos pela propriedade. Segundo André Oliveirinha, a identificação do sítio (inédito), face aos testemunhos observados, será publicado nas actas do “II Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor”.

Em 2018, J. Bizarro e P. Salvado apresentam um novo *pulvinus* proveniente da Quinta de S. Domingos (Aldeia do Souto, Covilhã) e que corresponde ao **PLII.7** do nosso catálogo. A consulta deste trabalho foi-nos muito útil pois apresenta um mapa de dispersão dos *pulvini* (Est. I) identificados e conhecidos à data na Beira Interior (Salvado e Bizarro, 2018: 58-59), para

além de uma abordagem interpretativa da difusão territorial deste tipo de elementos funerários. Neste mesmo trabalho e em nota de rodapé, os autores destacam que em dezembro de 2017, durante uma visita ao Museu Municipal de Penamacor, terão sido informados pelo Dr. André Oliveirinha do aparecimento de um novo *pulvinus* recolhido na área da freguesia de Penamacor, num local onde “são visíveis muitos vestígios cerâmicos do período Romano” (*Idem*: 58). Com o intuito de atestar estas informações e recolher informações complementares acerca do referido exemplar, dirigimo-nos ao Técnico Superior de Arqueologia do Museu Municipal de Penamacor, André Oliveirinha, a quem agradecemos a pronta disponibilidade e cooperação. Deste modo foi possível atestar que o elemento referenciado se encontra atualmente exposto no Museu Municipal de Penamacor, depois de ter sido doado por um antigo funcionário da Câmara que, segundo aquele técnico, terá encontrado o *pulvinus* reaproveitado na construção de um muro que se encontrava na sua propriedade localizada em Penamacor, nas proximidades do Monte do Frade, um sítio com ocupação do Bronze Final (Vilaça, 1997). O referido exemplar corresponde ao **PLII.14**.

Pode-se afirmar que a divulgação do aparecimento de monumentos funerários desta tipologia tem sido pródiga e nota de realce, nomeadamente, na região da Cova da Beira. Para além dos trabalhos já mencionados, devemos recuar a 2006 quando Pedro C. Carvalho e José d’Encarnação dão a conhecer um *pulvinus* encontrado na Quinta da Caneca, na localidade de Salgueiro, no Fundão (**PLII.6**). Este apresenta a particularidade de se encontrar reaproveitado como suporte epigráfico de uma inscrição funerária (Carvalho e Encarnação, 2006: 94-97, foto, 2). Neste mesmo artigo, são ainda mencionados três elementos classificados como *pulvinus*, que mencionaremos, embora não integrem o catálogo IGA.II, por não apresentarem elementos suficientes que nos permitam com segurança considerá-los como tal: falamos em primeiro lugar elemento identificado “na parede de uma casa da aldeia de Gagos, Guarda” que apresenta, uma pátera e possivelmente um jarro estilizado (*idem*: 93, fig. 1). Embora estes dois elementos apareçam representados em exemplares de *pulvini*, o elemento disforme levanta, no nosso entender, dúvidas enquanto à sua classificação como *pulvinus*; em segundo, o “silhar granítico, com um jarro em relevo”, reaproveitado na construção de uma casa, desta feita encontrado em Caria (*ibidem*: 94; Carvalho, 2007:371, fig. 29), e por último, a pedra reutilizada num tanque da Quinta da Caverna (*ibidem*: 94, nota 10).

No mesmo ano é também dado a conhecer o exemplar proveniente da Tapada da Torre (Torre dos Namorados) no concelho do Fundão (Ângelo, 2008). Este elemento (**PLII.9**) destaca-se pelo motivo ornamental da face frontal da extremidade cilíndrica: uma rosácea de

raios curvos, um elemento que embora apareça representado nos *ornamenta* dos *pulvini* de Idanha não é o mais comum. Tratar-se-á possivelmente de um *pulvinus* de Tipo I. Embora não conserve a totalidade do alargamento lateral, o arranque do mesmo sugere um perfil superior côncavo (característica identificador do referido “tipo”). Este *pulvinus* poderá estar associado à epigrafe monumental funerária encontrada no mesmo sítio e, tal como referem Maria João Ângelo e Carla Alegria Ribeiro, levanta-se a possibilidade destes dois elementos fazerem parte do mesmo mausóleo (2009: 400a e 400b).

Ainda no território da *civitas Igaeditanorum* deverá destacar-se a identificação por parte de José Luís Cristóvão de um outro exemplar que se encontra reutilizado na construção do muro de uma casa na rua Corregedor Lopes Dias, n.º 15 em Benquerença (cf. Ferro, 2017: 32, fig.5). Este (**PLII.1**) corresponde a um *pulvinus* cilíndrico esquerdo, com alargamento lateral. Por não conservar a extensão do alargamento lateral constitui uma tipologia indeterminada.

Devemos igualmente a Fernando Patrício Curado (2008: 127) a identificação de um outro *pulvinus* (**PLII.11**), desta feita em Meimoa. Trata-se de um *pulvinus* cilíndrico direito, com alargamento lateral e rebordo saliente na base, enquadrando-se no tipo I, variante 1. Encontra-se ornamentado na extremidade cilíndrica por uma rosácea de 6 pétalas com botão central relevado e no alargamento lateral por um *urceus* esculpido em relevo. Devemos também salientar a superfície convexa onde se encontra esculpida a rosácea, um particular pormenor de tratamento de superfície que demonstra um especial cuidado no acabamento da mesma. Aquando da visita ao museu onde este elemento se encontrava depositado, identificamos um outro (**PLII. 10**) em exposição, inédito até à data (cf. Catálogo IGA.II)

Não devemos terminar sem antes mencionar alguns elementos identificados em zonas contíguas ao território desta *civitas*. É o caso, por exemplo, do *pulvinus* (**PLII.8**), que se encontra reutilizado na parede de uma casa em Tortosendo, Covilhã, dado a conhecer por José d’Encarnação (2016). Trata-se de um *pulvinus* cilíndrico esquerdo, com alargamento lateral de perfil superior côncavo (tipo I). A face frontal da extremidade cilíndrica é ornamentada por uma rosácea de 15 pétalas que irradiam de um botão central rodeado de uma moldura simples (*idem*, figs.1 e 2).

Mais a norte, na aldeia da Nave no concelho do Sabugal, encontra-se registada a presença de dois *pulvini*, (**PLII.12** e **PLII.13**) correspondentes às figs. 8.1 e 8.2 apresentadas por Marcos Osório (2013: 82), respetivamente. Estes dois exemplares apresentam gramáticas decorativas distintas. Se admitirmos que existiria uma simetria decorativa entre as

ornatações presentes nas extremidades cilíndricas dos *pulvini* que formariam o par do coroamento de um monumento, podemos então excluir a possibilidade destes pertencerem ao mesmo monumento. A par desta realidade, notamos que os dois exemplares não partilham o mesmo talhe. A primeira peça (**PLII.12**), constitui um *pulvinus* cilíndrico esquerdo, com alargamento lateral de perfil superior concavo. A ornamentar a extremidade cilíndrica encontra-se esculpida uma rosácea composta por 12 raios curvos. Já o **PLII.13** não conserva a sua forma original, embora se assemelhasse à do **PLII.12**, segundo a “descrição do autor da descoberta” (*idem*: 82, fig. 8.2)

Este conjunto vem reforçar o número de exemplares conhecidos na região, somando-se aos cinquenta exemplares (dos quais 40 permaneciam inéditos) identificados na capital da *civitas Igaeditanorum*. Com efeito, acrescentam-se estas 14 peças (13 delas já publicadas) identificadas no território Igaeditano e áreas limítrofes, contabilizando-se um total de 64 *pulvini* em toda a Beira Interior (fig.4). Todos os pormenores relativos aos exemplares, acima referidos poderão ser consultados nos catálogos **IGA.I** e **IGA.II** (capítulo 6.)

Apresentamos desta forma, um mapa da distribuição dos *pulvini* na Beira Interior (fig. 4), onde não constam pelas razões anteriormente mencionadas os exemplares provenientes de Gagos, Caria e Quinta da Caverna.

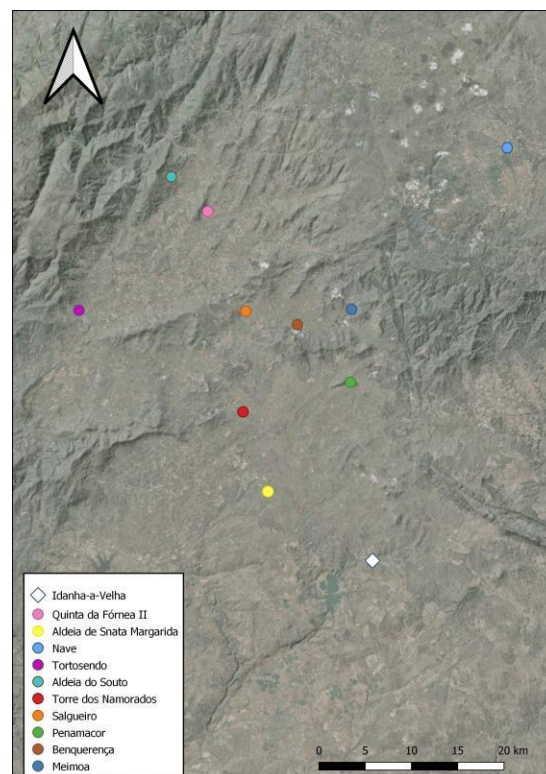


Figura 4 – Mapa da distribuição dos *pulvini* pela Beira Interior

4.2. No atual território espanhol – breves referências

Apesar de se manter o foco da investigação do presente estudo na análise do conjunto igaeditano, reconhece-se a importância de enquadrar, de modo breve e não exaustivo, os principais trabalhos que têm compilado conjuntos de *pulvini* monumentais noutras áreas da Península Ibérica. Desta maneira, destacamos alguns estudos que se debruçam na análise dos *pulvini* monumentais no atual território espanhol e que serviram de base também ao nosso próprio estudo indicando também possíveis linhas de investigação e problemáticas atuais.

De qualquer modo, por se verificarem várias semelhanças formais e decorativas com os exemplares de Idanha-a-Velha (como veremos), devido à proximidade geográfica e enquadramento administrativo foi concedida uma maior atenção aos exemplares provenientes da antiga capital da Lusitânia, *Augusta Emerita*. Nesse sentido foi decisiva a consulta do estudo de J. Beltrán Fortes L. Baena del Alcázar (1996), não apenas pelo destaque dado aos exemplares de *Igaedis*, mas também pela análise do conjunto dos doze *pulvini* monumentais de *Emerita Augusta* (cf. Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996: 124-131). Os referidos autores estabelecem critérios tipológicos, alicerçados nas descrições de G. Gamer (1989) e com base nos atributos formais. Todas as questões tipológicas preconizadas por estes investigadores, de onde salta desde logo em evidência a proximidade entre os exemplares igaeditanos e emeritenses, serão desenvolvidas aturadamente em capítulo posterior (cf. Capítulo 8).

Ainda a propósito do conjunto Emeritense, destaca-se o trabalho desenvolvido por José Maria Murciano Calles (2019) que atualiza o conjunto até então conhecido de Mérida. Acrescenta 8 novos *pulvini* à coleção, dos quais 5 se destacam por terem sido talhados em mármore e apresentarem uma evidente assimetria estilística em relação aos exemplares graníticos representados nesse mesmo catálogo (Murciano Calles, 2019: 129-134). Desta forma, o conjunto de *pulvini* Emeritenses conhecidos (publicados) passa a somar um total de 20 exemplares.

Deve-se, contudo, a Beltrán Fortes (2004) um dos mais recentes contributos e ampla síntese sobre *pulvini* monumentais de âmbito Peninsular. O autor apresenta um mapa (fig. 5) representativo da difusão dos *pulvini* na Península Ibérica (Beltrán Fortes, 2004: 103, fig. 3), identificando 32 lugares da antiga Hispânia Romana onde se documentam mausoléus em forma de altar com *pulvini*. Da análise que faz das diversas coleções, o autor propõe a presença de cinco regiões de proveniência destes *pulvini* monumentais tendo em conta a área geográfica de

achado destes elementos. Com efeito, distingue os núcleos da Catalunha; da região do Levante e Sudeste Espanhol; do interior Peninsular; da Andaluzia oriental e da Andaluzia ocidental.

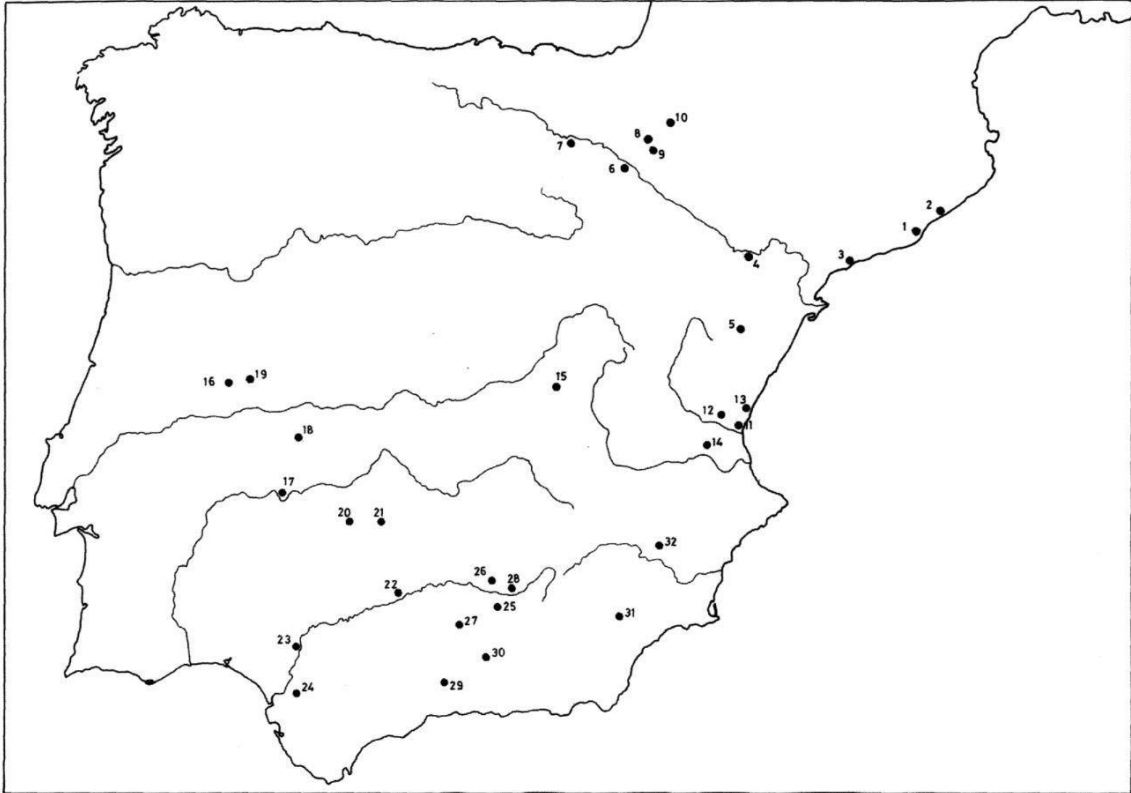


Figura 5 – Mapa de lugares citados em onde se documentam mausolés em forma de altar com *pulvinus* na Hispânia. Retirado de (Beltrán Fortes, 2004: 103). Com a seguinte legenda apresentada pelo autor: 1. Mataró (Barcelona); 2. Barcelona; 3. Tarragona; 4. Dehesa de los Baños (Chiprana, Zaragoza); 5. Iglesuela del Cid (Teruel); 6. El Sotillo (Alfaro, La Rioja); 7. Varea (La Rioja); 8. Eslava (Navarra); 9. Gallipienzo (Navarra); 10. Javier (Navarra); 11. Valencia; 12. Liria (Valencia); 13. Benifaró de les Valls (Valencia); 14. Hortunas (Requena, Valencia); 15. Saelices (Cuenca); Idanha-a-Velha; 17. Mérida (Badajoz); 18. Trujillo (Cáceres); 19. Coria (Cáceres); 20. Esparragosa de la Serena (Badajoz); 21. Belalcázar (Córdoba); 22. Córdoba; 23. Santiponce (Sevilla); 24. Las Cabezas de San Juan (Sevilla); 25. Cerro Alcalá (Jimena de la Frontera, Jaén); 26. Cazlona (Linares, Jaén); 27. Martos (Jaén); 28. Ubeda la Vieja (Úbeda, Jaén); 29. Cerro del León (Villanueva del Rosario, Málaga); 30. Pinos-Puente (Granada); Vélez-Rubio (Almería); 32. Ontur (Albacete).

O autor destaca com maior importância a Catalunha, protagonizada, com maior destaque, pelo conjunto de *Barcino*. Os exemplares deste conjunto destacam-se por uma singular característica: a representação de *gorgoneia* na face frontal do *pulvinus*. O conjunto divide-se em duas tipologias principais. Uma contempla os *pulvini* cilíndricos de frente circular com corpo constituído apenas por um “toro” cilíndrico, cujas faces laterais se encontram tipicamente ornamentadas com bandas de folhas imbricadas (cf. Claveria, 2005: 349, láms. 1 e 2). A outra apresenta uma tipologia formal semelhante aos exemplares de Idanha, os *pulvini*

com alargamento lateral (cf. *idem*, láms. 4 e 5). Outros achados mencionados por Beltrán Fortes, enquadrados geograficamente nesta região, são os vestígios fragmentados de *pulvini* encontrados na necrópole paleocristã de Tarragona “(...) en el terreno de la denominada “necrópolis cristiana de Tarragona” (...), entre los materiales reutilizados en los enterramientos de época tardía se encuentran fragmentos de pulvinos cuyas dimensiones serían adecuadas (...)” (Beltrán Fortes, 2004: 105, fig. 7). Ainda no conjunto catalão, o autor menciona o exemplar de Mataró, um *pulvinus* com alargamento lateral elaborado em mármore. À semelhança dos restantes exemplares catalães, a face frontal da extremidade cilíndrica encontra-se decorada com uma gorgónia (Beltrán Fortes, 2004: 106; Gamer, 1989: B 57, TAFEL 138i).

No Vale do Ebro, começa por destacar 3 *pulvini* cilíndricos com as típicas decorações de bandas de folhas imbricadas e *balteus* (Cancela Ramírez de Arellano, 1993: 252, lám. III. 2), provenientes de Chiprana (Saragoça). Um outro que se encontra “embutido en la estructura de la ermita de la Virgen del Cid”, parece tratar-se de um *pulvinus* cilíndrico com alargamento lateral de perfil superior côncavo tendo em conta a observação da fotografia apresentada pela autora. Na face frontal de extremidade cilíndrica apresenta uma rosácea de 6 pétalas lanceoladas (Cancela Ramírez de Arellano, 1993: 251). Deverá tratar-se de um exemplar com características semelhantes às representadas nos exemplares igaeditanos. No entanto, não o tomaremos como paralelo, pois a fraca qualidade da imagem apresentada (e em que se baseia a nossa observação) poder-nos-á induzir numa interpretação errada.

Este elemento, publicado em 1987 por Ferran Arasa i Gil, destaca-se por se aproximar morfológica e estilisticamente dos exemplares inscritos na “área lusitana”, sobretudo dos exemplares de *Igaedis* e Mérida. Trata-se de um *pulvinus* cilíndrico, com alargamento lateral de perfil superior côncavo e parece apresentar uma moldura simples no contorno da face frontal da extremidade cilíndrica. (cf. Arasa I Gil, 1987 :149, figs. 4.1 e 5.2)

Ainda na região de La Rioja destaca-se o exemplar de corpo cilíndrico, decorado com bandas de folhas lanceoladas imbricadas provenientes de El Sotillo (Alfaro) (Hernández Vera, *et alli*, 1999 253-254, lám. 14) e outros dois, também cilíndricos, provenientes de Varea (Urbano Espinosa 1996: 438, figs. 5.1 e 5.2)

J. Beltrán Fortes (2004: 109-110) inclui por fim nesta área catalã os 3 exemplares conhecidos nos territórios próximos de Navarra e que já se encontravam referenciados por Gamer (1989). Referimo-nos aos exemplares de Eslava (Beltrán Fortes, 2004: 109, fig. 12;

Gamer, 1989: NA 8), de Gallipienzo (Beltrán Fortes, 2004: 109; Gamer, 1989: NA 20) e de Javier (Beltrán Fortes, 2004: 109-110; Gamer, 1989: NA 23, Tafel. 140 e-f).

Passando para a região do “Levante e Sudeste Espanhol” a atenção de J. Beltrán Fortes fixa-se no peculiar conjunto de Valência, constituído por 3 exemplares, que havia já sido publicado por José Jiménez Salvador em 1995. O exemplar proveniente da cidade de Valência, apresenta-se singular em todos os aspetos. Trata-se de um coroamento monolítico, composto por dois *pulvini* cilíndricos. O alargamento lateral de perfil superior côncavo aproxima-o dos exemplares igaeditanos e Emeritenses. Os motivos que ornamentam esta peça são ímpares, veja-se: “La pieza (...) ejecutada en un solo bloque, estaba decorada por sendos *pulvini* dispuestos sobre un plinto, de los que conserva el derecho. En la cara frontal y en en espacio comprendido entre los *pulvini*, están representados dos delfines enfrentados, (...). La disposición de los delfines hace que debajo de ellos quede una zona en forma de arco (...), ocupada por una corona de hojas de laurel con una roseta en su extremo superior” (Jiménez Salvador, 1995: 212-213, lám. 1, fig. 2). Outra evidente proximidade estilística com os *pulvini* igaeditanos assenta no motivo que ornamenta a face frontal da extremidade cilíndrica do elemento constituída por “flor” de seis pétalas e botão central (*idem*: 212, lám. 2).

O segundo *pulvinus*, proveniente de Liria (Valência), constitui, igualmente, um coroamento monolítico, composto por dois *pulvini* cilíndricos com alargamento lateral de perfil superior reto, assentes sobre um plinto. Entre os dois *pulvini*, encontra-se um frontão triangular “en cuyo interior y paralelos a los cortos, extienden dos delfines en esquema heráldico, unidos por sus respectivas aletas caudales y flanqueando un elemento vertical de dedosa interpretación (...)” (*ibidem*: 214, lám. 3 e 4). As faces frontais das extremidades cilíndricas encontram-se decoradas por rosáceas hexapétalas (*ibidem*: 214, lám. 5).

Por último, ainda da zona de Valência, refira-se o também coroamento monolítico composto por dois *pulvini* cilíndricos com alargamento lateral (*Ibidem*: lám. 6) de Benifairó de les Valls. A face frontal da extremidade cilíndrica dos *pulvini* encontra-se decorada com rosáceas de seis pétalas lanceoladas, delimitadas por uma moldura simples de grande proximidade estilística com os exemplares de Idanha (*ibidem*: 215, láms. 7 e 8).

Ainda nesta região do Levante e Sudeste espanhol destacam-se o exemplar de Ortunas, Requena que corresponde a um fragmento de corpo cilíndrico, decorado com bandas de folhas imbricadas nas suas faces laterais (Martínez Valle, 1995: 271-272, figs. 15 e 16) e o fragmento de *pulvinus* cilíndrico proveniente de Fortes Ontur (Albacete) que conserva apenas “balteus

central liso, y decoración de hojas lanceoladas com nérvio central inciso” (Abad Casal; *et Alli*, 2002: fig. 12)

Do núcleo localizado no “Interior Peninsular” avulta-se o singular conjunto conhecido de *Segobriga*, composto por oito exemplares elaborados em calcário local e que, comungam um modelo estilístico e formal distinto caracterizado pelo corpo tendencialmente quadrangular em vez de cilíndrico e a extremidade cúbica em vez de cilíndrica (Noguera Celadrán, 2012: Láms. XIII.1 a .4). As faces laterais dos corpos destes exemplares são ornamentadas com a “(...) típica decoración de hojas imbricadas”. As extremidades destes *pulvini*, de forma original cúbica, são “decorados com bustos en dos de sus caras, la frontal y la lateral que quedaria vista en la parte alta del monumento. Estas representaciones figuradas deberían corresponder a retratos genéricos de los defuntos (...)”. (Beltrán Fortes, 2004: 113-114, cfr. Figs. 19-20).

Nesta região, interior, Beltrán Fortes (2004: 114-117) destaca a presença de um subgrupo inscrito no que denomina como “Área Lusitana” e que se distingue pela singularidade dos seus elementos a nível formal, decorativo e estilístico. É neste grupo que se insere o conjunto Igaeditano, a par dos conjuntos de Mérida, Trujillo e Cória (*idem*). É também neste grupo que aquele autor insere o *pulvinus* monumental de Esparragosa de la Serena (Badajoz) pois, muito embora se encontre localizado no lado da “vizinha Bética”, na fronteira entre as duas províncias, apresenta similaridades formais e decorativas em relação com exemplares da província da Lusitânia. Este exemplar constitui um *pulvinus* cilíndrico direito com alargamento lateral, aparentemente de perfil superior reto na face frontal da extremidade cilíndrica. Rodeada por uma moldura simples encontra-se esculpida uma rosácea de seis pétalas lanceoladas com botão central relevado. A face frontal do alargamento lateral é ornamentada por uma pátera (Ruiz Osuna: 230, fig. 104).

Como se referiu, o autor divide a grande região da Andaluzia em duas sub-regiões: a “Andaluzia Ocidental” que abrange o “Alto Gaudalquivir e os territórios giennenses” e a “restante Andaluzia Oriental”.

Na área ocidental da Andaluzia sobressaem os dois exemplares ambos em calcário e provenientes de *Colonia Patricia* (Córdova): um deles apenas conserva a extremidade cilíndrica e a sua face ornamentada com “(...) una decoración en espiral que remata en una roseta de 8 pétalos ,(...)” (Vaquerizo Gil, 2001: 145); o outro apenas conserva o “meio” do corpo de um *pulvinus* cilíndrico, evidenciado por um “*balteus*: un astrágalo de unos 4 cm de anchura, decorado mediante perlas y cuentas” (*idem*: 144-145). Neste estudo, em nota de rodapé, é

relatado o achado de um outro *pulvinus* com evidentes semelhanças formais e decorativas aos exemplares lusitanos (*ibidem*: 144).

Na mesma área ocidental da Andaluzia, J. Beltrán Fortes analisa um, *pulvinus* proveniente de *Italica* (Santiponce, Sevilha), elaborado em mármore e morfologicamente pouco usual destacando-se pela “(...) *forma del coronamiento, que constituye un bloque cuadrangular en uno de cuyos extremo y lateral se há delimitado el pulvino cilíndrico, pero no en la parte superior, donde permanece la superficie lisa del bloque original.* (Beltrán Fortes, 2004: 119-120, figs. 30 e 31)

Ainda no ocidente andaluz, dá-se conta de um elemento cilíndrico com alargamento lateral proveniente de “Las Cabezas de San Juan” (Sevilha), “(...) decorado en el lateral com las típicas hojas imbricadas, mapuntadas y com nérvio central, mientras que en el frente se dispone un motivo espiral cuyo centro ocupa un rostro antropomorfo en el centro de una roseta de ocho pétalos (...)” (Beltrán Fortes, 2004: 121, figs. 32).

Da denominada região do Alto Guadalquivir (*os territorios giennenses*), o autor destaca a presença de três exemplares provenientes de *Ossigi* (Jimena de la Frontera, Jaén), dois de *Castulo* (Linares, Jaén), um de *Colonia de Tucci* (Martos, Jaén), um de proveniência desconhecida, e um outro procedente de Úbeda la Vieja, Jaén. (Beltrán Fortes, 2004: 121-125). Deste conjunto sobressai um dos exemplares mais singulares de todo o conjunto peninsular. A dita peça, proveniente de *Castulo* (Jaén) apresenta um coroamento monolítico, composto por dois toros (*pulvini*) adossados a um frontão triangular. (*idem*: 122, fig. 34).

Por último, a última região abordada é a Andaluzia oriental, isto é, toda a área que abarca o extremo oriental da província da *Baetica* e o sudeste da *Tarraconensis*, nas atuais províncias de Málaga, Granada e Almería. É neste grupo que introduz o exemplar proveniente de Cerro del León (Villanueva del Rosario) respeitante a um *pulvinus* de corpo cilíndrico em calcário com as faces laterais do corpo ornamentadas com folhas imbricadas e rosácea de cinco pétalas numa das faces frontais (Beltrán Fortes, 1990: 216, nº8; *idem*, 2004: 125). Acresce a este conjunto os exemplares de Pinos-Puente, Granada) e de Vélez-Rubio (Almería), ambos *pulvini* cilíndricos e decorados nas faces laterais com folhas imbricadas (*idem*, 2004: 126 figs. 39 e 40).

Destacamos ainda um achado que não foi contemplado neste estudo de J. Beltrán Fortes (2004). Referimo-nos ao *pulvinus* proveniente de Penalba de Castro, Clúnia. Apresenta paralelos formais com os exemplares “Lusitanos” (o típico *pulvinus* cilíndrico com alargamento lateral) e semelhanças a nível estilístico, com os exemplares do levante peninsular (a

representação de folhas imbricadas no corpo do alargamento lateral). Destaca-se ainda por apresentar a extremidade cilíndrica ornamentada com um motivo singular, uma folha de acanto aberta (Gutiérrez Behemerid, 2015: 189).

É desta forma que J. Beltrán Fortes (2004) demarca o panorama geográfico-tipológico dos *pulvini* monumentais na Hispânia Romana marcado por algumas assimetrias regionais. Assistimos, no entanto, à adoção generalizada de uma base representativa comum, o “estilo itálico” que se caracteriza por uma plástica representativa própria e pela representação de duas formas principais: os *pulvini* de corpo cilíndrico (Est. IV. b) e os *pulvini* cilíndricos com alargamento lateral (Est. IV. a), onde as faces laterais dos elementos são tradicionalmente decoradas por bandas de folhas imbricadas.

As diferenças ou mutações constadas têm por base as evidentes assimetrias regionais e que consistem sobretudo ao nível das formas adotadas, tipos e estilos decorativos. Veremos mais adiante as mutações do estilo itálico evidenciadas nos *pulvini* de *Igaedis*.

Vejam agora a título de exemplo o excepcional conjunto de Segóbriga que “transforma” a representação dos *pulvini* de corpo cilíndrico itálico. Apesar de manterem a típica decoração de bandas de folhas imbricadas nas faces laterais, os *pulvini* de Segóbriga (Est. XV. a, b, c, d) “substituem” a típica extremidade cilíndrica por uma forma cúbica e, em vez dos motivos vegetais presentes nas faces frontais, adotam a representação de retratos esculpidos em relevo (representariam possivelmente os defuntos) (Noguera Celdrán, 2012: 350-356).

Apesar disso, verifica-se que os exemplares que constituem este numeroso e abrangente grupo peninsular ostentam algum elemento que os aproxima (quer ao nível formal, quer ao nível decorativo). Analisaremos estas questões com mais profundidade em capítulo posterior (capítulo 8).

5. Metodologias e Processo de estudo

5.1. Processo de Estudo

A primeira etapa do estudo passou pelo contacto e troca de informação com a entidade responsável pelo património arqueológico de Idanha-a-Velha, representada pelo Dr. José Luís Cristóvão. Recebemos informações referentes ao paradeiro de alguns dos exemplares, assim como o respetivo desenho técnico de alguns destes elementos (Est. XVI a XXV), cuja autoria se desconhece. A recolha de informação bibliográfica sobre a temática específica dos monumentos funerários de tipo *pulvini*, pautou a fase seguinte do trabalho. As leituras de algumas obras de referência revelaram-se fundamentais para a consolidação de conhecimento sobre este tema tão particular e para o enquadramento de problemáticas e linhas de investigação.

Com base no conhecimento adquirido, elaborámos um glossário com a terminologia dos vários elementos constituintes de um *pulvinus*, que apresentamos no seguinte capítulo (5.2).

Esta etapa foi o ponto de partida para o processo de identificação e registo dos exemplares que se encontravam dispersos pela aldeia de Idanha-a-Velha. Os trabalhos de levantamento e que também podemos designar de prospeção desenrolaram-se, inicialmente, entre dois dos locais onde a existência isolada de diversos elementos construtivos/arquitetónicos (entre os quais *pulvini*) era já conhecida. Referimo-nos à denominada Casa Marrocos¹³ e à Rua Nova.

Em seguida, tivemos presente o evidente fenómeno, já referido, de reutilização de elementos arquitetónicos de época romana em construções de épocas posteriores, fenómeno também conhecido como *spolia*. Deste modo, os trabalhos de “prospeção” foram direcionados para a observação atenta de todas as empenas que compõem construções arruinadas ou habitações domésticas e na tentativa de identificação de novos *pulvini* na aldeia de Idanha-a-Velha. Nesse aspeto, destaca-se o paramento e enchimento da muralha, visível em quase toda a sua extensão, onde concentrámos muito da nossa busca, dada a densidade de *spolia* de variada

¹³ – Informação transmitida pelo Dr. José Luís Cristóvão de que se encontraria armazenado na Casa Marrocos um conjunto de materiais diversos, entre os quais *pulvini*.

natureza que comporta e entre eles os *pulvini*. A expressiva presença destes elementos de arquitetura funerária no aparelho construtivo dos panos de muralha de Idanha-a-Velha havia já sido realçada por José Luís Cristóvão (2002: 51-52).

O trabalho de campo proporcionou a identificação de um número considerável de exemplares, na sua maioria, inéditos (ou eram simplesmente desconhecidos ou não se encontravam ainda estudados ou publicados). O reconhecimento de cada exemplar foi sempre acompanhado do seu inventário e registo. Para além da fotografia, procedeu-se à recolha de dimensões, descrição e caracterização dos elementos individuais de cada exemplar. Desta fase resultou a formulação de duas bases de dados organizadas (Tabelas 1 e 2). Na primeira ficha (Tabela. 1) cada peça é pré-inventariada, descrita e caracterizada tipologicamente. Na segunda (Tabela. 2) peça é identificada pelo número de inventário próprio, o registo de proveniência, assim como as dimensões gerais e específicas de cada parte constituinte do elemento. Esta revelou ser uma fase bastante dinâmica pela constante necessidade de adaptar o registo à realidade do conjunto de Idanha-a-Velha tanto em questões métricas como formais ou tipológicas.

É este registo exaustivo de todos os *pulvini* identificados, que está na base da elaboração de um catálogo, da classificação tipológica do conjunto e respetiva contabilização com apresentação de gráficos percentuais de frequência analítica.

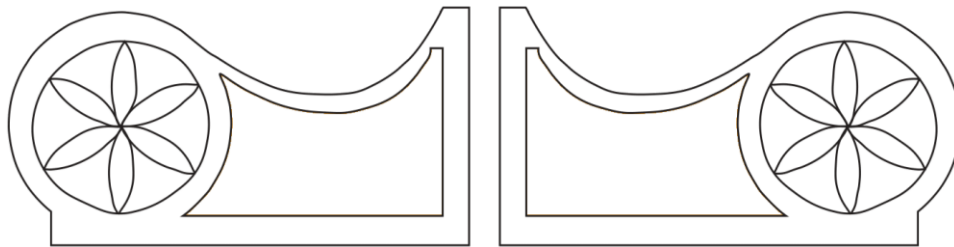
Numa última fase, tendo por base os dados obtidos pretendia-se realizar o estudo e análise comparativa entre os elementos que compõem o conjunto Igaeditano e definir a possível existência de paralelismos tipológicos com outros exemplares conhecidos, nomeadamente os que se encontram listados na área geográfica mais próxima. Esse foi o mote para também se agruparem em catálogo os *pulvini* identificados no território e área limítrofe da *civitas Igaeditanorum*, e que denominamos como “catálogo dos *pulvini* do território da *civitas Igaeditanorum* e restante área limítrofe, *IGA.IP*” e, “PLII” os respetivos exemplares.

5. 2. Terminologia das partes constituintes de um *pulvinus*

De modo a facilitar a leitura e identificação de todos os elementos formais e descritivos de um *pulvinus*, previmos a necessidade de elaborar um glossário esquemático que contemplasse a terminologia das suas partes constituintes. Os termos adotados baseiam-se

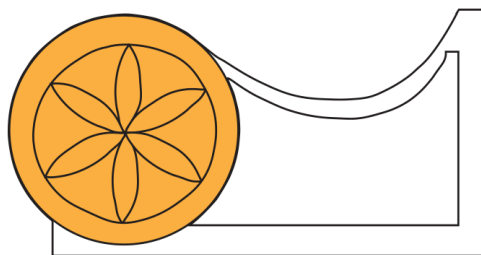
sobretudo nos que genericamente são utilizados nos estudos de Gustav Gamer (1989), José Beltrán Fortes e Luis Baena del Alcázar (1996) e José Maria Murciano Calles (2016), uma vez que os *pulvini* analisados pelos referidos autores apresentam características paralelas ao conjunto Igaeditano.

Recorremos a um desenho técnico da possível reconstituição do PL.9 para representar graficamente a estrutura geral de um *pulvinus*. A seleção do referido exemplar justifica-se por este contemplar uma morfologia padronizada, que embora se possa desviar do que é representado nos esquemas que se seguem, é sempre constituído formalmente pelos mesmos elementos.

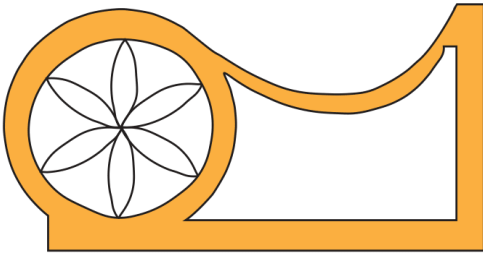


Esquema A.1

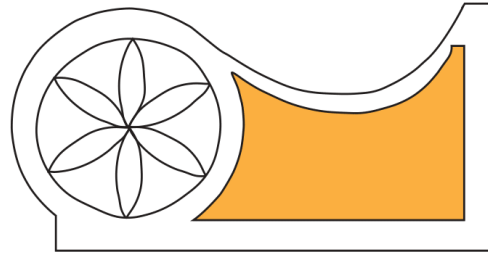
Esquema A.2



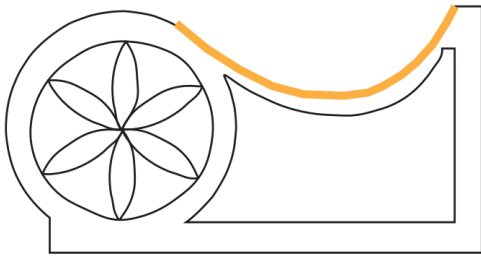
Esquema B



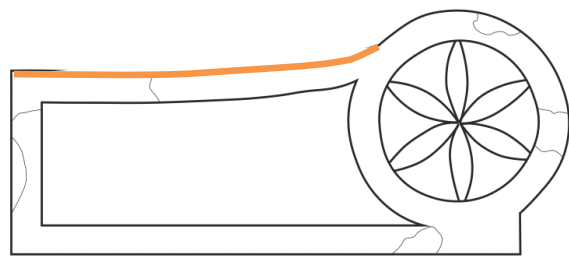
Esquema C



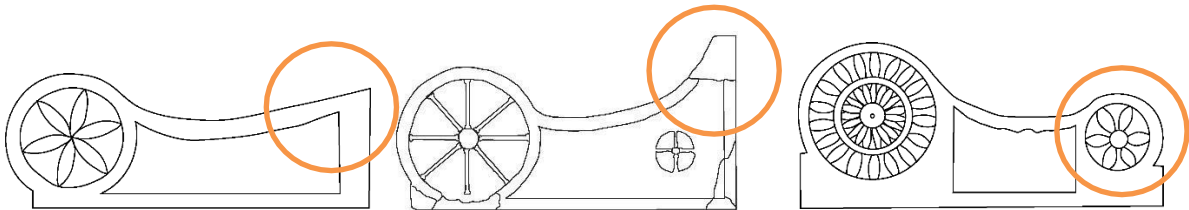
Esquema D



Esquema E.1



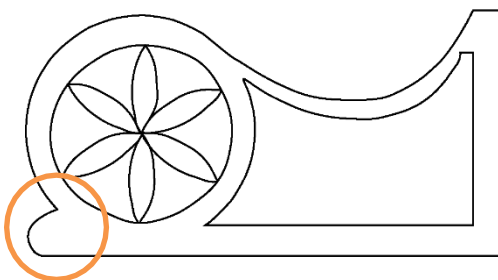
Esquema E.2



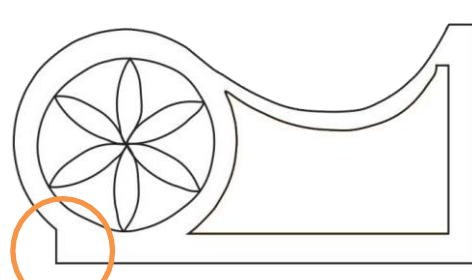
Esquema F.1

Esquema F.2

Esquema F.3



Esquema G.1



Esquema G.2

Passamos então a distinguir e nomear a terminologia utilizada para designar os diferentes elementos que compõem os *pulvini* que analisamos no presente estudo:

- Nos Esquemas A.1 e A.2: representam-se dois *pulvini*, toro esquerdo e toro direito respetivamente.
- No Esquema B: destaca-se (a amarelo) a extremidade cilíndrica do *pulvinus*.
- No Esquema C: destaca-se (a amarelo) a moldura do corpo e da extremidade cilíndrica do *pulvinus*;
- No Esquema D: destaca-se (a amarelo) o corpo do alargamento lateral do *pulvinus*;
- No Esquema E.1: representa-se o perfil superior côncavo do alargamento lateral *pulvinus*. Reproduz um exemplo de *pulvinus* de “Tipo I”.
- No Esquema E.2: representa-se o perfil superior reto do alargamento lateral do *pulvinus*. Reproduz um exemplo de *pulvinus* de “Tipo II”.
- No Esquema F.1: representa-se uma extremidade reta do alargamento lateral do *pulvinus*. Reproduz um exemplo de *pulvinus* do Subtipo a).
- No Esquema F.2: representa-se *pulvinus* com uma extremidade do alargamento lateral prolongada. Reproduz um exemplo de *pulvinus* do Subtipo b).
- No Esquema F.3: representa-se um uma extremidade do alargamento lateral cilíndrico. Reproduz um exemplo de *pulvinus* do Subtipo c).
- No Esquema G.1: representa-se o rebordo saliente na base da extremidade cilíndrica do *pulvinus*. Reproduz um exemplo de *pulvinus* da Variante 1 do Tipo I.
- No Esquema G.2: representa-se um *pulvinus* sem rebordo saliente na base da extremidade cilíndrica e, portanto, em forma de cotovelo. Reproduz um exemplo de *pulvinus* da Variante 2 do Tipo I.

5.3. Critérios para a definição Tipológica

Os critérios que pautaram a classificação tipológica dos *pulvini de Igaedis*, proposta no presente trabalho assentam estritamente nas características formais dos exemplares, uma vez que desconhecemos ainda grande parte dos aspetos cronológicos e funcionais. As tipologias e parâmetros identificados e estabelecidos por José Beltrán Fortes e Luís Baena del Alcázar (1996) para os *pulvini* de Mérida, são os mesmos que passaremos a aplicar ao conjunto da *civitas Igaeditanorum*.

Deste modo e à semelhança do conjunto Emeritense, os *pulvini* identificados em Idanha-a-Velha, enquadram-se em dois quadros tipológicos que se distinguem pela morfologia do perfil superior do corpo: os *pulvini* cilíndricos de **tipo I** apresentam corpo de perfil superior côncavo (esquema F1) e os de **tipo II** assumem corpo de perfil superior reto (Beltrán Fortes; Baena del Alcázar, 1996: 123) (esquema F2).

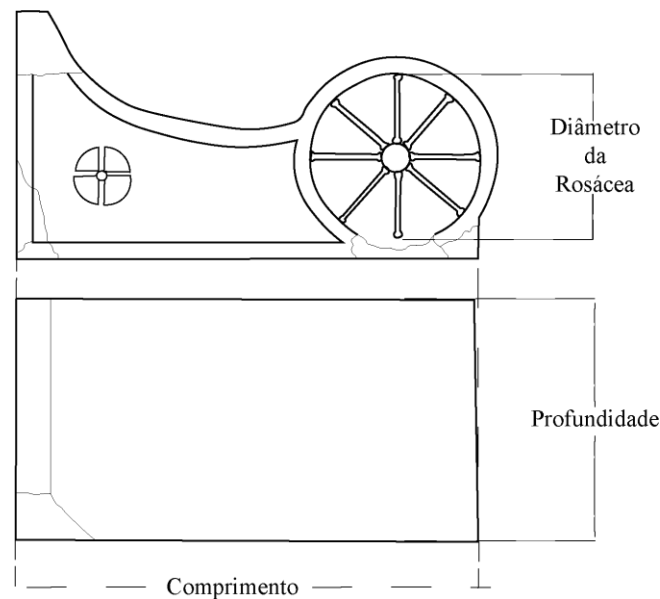
Por sua vez, o tipo I desdobra-se em 2 variantes. A *variante 1* do *Tipo I* diz respeito aos *pulvini* que possuem um rebordo saliente na sua base (esquema G1); na *variante 2* não se vislumbra o rebordo saliente na base sendo, pelo contrário, rematado em cotovelo (esquema G2);

O segundo grupo, identificado como *Tipo II*, caracteriza os *pulvini cilíndricos* que apresentam um corpo de perfil superior reto. Curiosamente, até à data, apenas foi reconhecido um exemplar (*PL.16*) deste tipo em Idanha-a-Velha, tal como em Mérida (Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996: 131). Por esse motivo, a esta tipologia específica associamos apenas uma variante, estabelecida em função do único exemplar identificado. Com efeito, por não apresentar rebordo saliente na sua base, inclui-se na *variante 2*.

Estabelece-se igualmente com base nas evidências formais uma outra subdivisão tipológica, dentro dos Tipos I e II. Isto é, diferenciam-se também os *pulvini* que apresentam uma extremidade do alargamento lateral reto (o único exemplar enquadrado no tipo II corresponde a este subtipo), que consideramos pertencer ao subtipo “A” daqueles que apresentam uma extremidade do alargamento lateral prolongada, característica que se integrou no subtipo “B”; e dos exemplares que apresentam uma extremidade do alargamento lateral cilíndrica, que se integram no subtipo “C”.

5.4. Esquema de dimensões

Para efeitos de registo e análises comparativas dos exemplares, definimos um esquema sistematizado de identificação das dimensões das diferentes partes constituintes do *pulvinus*.



Esquema H – Esquema de dimensões

5.5. A ornamentação dos *pulvini* igaeditanos

Debrucemo-nos agora sobre os motivos e elementos decorativos que ornamentam os *pulvini* igaeditanos. Em primeiro lugar deverá mencionar-se que o “campo de escrita” destes mesmos motivos decorativos se encontra apenas reservado à “extremidade cilíndrica” ou ao “alargamento lateral do corpo” do *pulvinus*.

Na Extremidade Cilíndrica (**Esquema B**) surgem vulgarmente representados dois grupos ornamentais. Apesar de ambos pertencerem ao grupo dos “símbolos astrais” (Redentor, 2002: 238), distinguimos as rosáceas com representações de motivos florais/vegetais (**figuras 5.A; 5.B e 5.C**), que analisaremos em primeiro lugar, das rodas com representações constituídas por motivos raiados (**figuras 5.D e 5.E**).

Os motivos vegetais são invariavelmente compostos por “rosáceas” que se constituem como representações estilizadas de flores abertas. Este grande grupo das rosáceas pode assumir várias configurações particulares. Neste caso concreto, as rosáceas que encontramos esculpidas nas extremidades cilíndricas dos *pulvini* igaeditanos variam entre dois tipos: distinguem-se os motivos florais de “pétalas lanceoladas” (**figuras 5.A; 5.B**) e os motivos florais de “pétalas espatuladas” (**figura 5. C**). Estas representações podem também diferenciar-se pelo número de pétalas que compõe o motivo floral. Encontramos, portanto, no grupo dos motivos vegetais simples, as rosáceas hexapétalas (seis pétalas), octopétalas (oito pétalas) e rosáceas de dezasseis pétalas. Dentro dos motivos florais compostos encontramos rosáceas com vinte e uma pétalas exteriores e dezanove pétalas interiores (**PL.4**) ou vinte e quatro pétalas exteriores e doze pétalas interiores (**PL.28 e PL.43**).

Contudo, dentro da complexa variedade representativa das rosáceas com motivos vegetais, poderão distinguir-se ainda duas novas variantes: as rosáceas cujas pétalas “arrancam” de um botão central, em forma de umbo (Encarnação, 2016: 586) (**figuras 5.B; 5.C**) e, por outro lado, as rosáceas cujas pétalas arrancam de um ponto central para onde converge a “base” das mesmas (**figura 5.A**). Diferenciam-se, deste modo, as rosáceas “com botão central” das rosáceas “sem botão central”.

Poder-se-á enquadrar também, entre as rosáceas de motivos vegetais, um outro motivo decorativo que identificamos. Esta rosácea apresenta a particularidade de, em vez de pétalas, contar com a presença de hédaras que emergem de um “botão central”, desta vez em forma de flor de quatro pétalas estilizada (**PL.8**).

Ainda relativamente aos motivos florais deverão destacar-se outras duas realidades: as representações de pétalas que apresentam uma “nervura central” (**figura 6.B**) e as representações de pétalas de folha lisa e, portanto, sem “nervura central” (**figura 6.A**).

O segundo tipo de decorativo presente na extremidade cilíndrica que identificamos no conjunto de Idanha, são as rodas de raios. Destes motivos representativos distinguimos duas variantes: as rodas de raios retos (**figura 6.E**) e as rodas de raios curvos (**figura 6.D**).

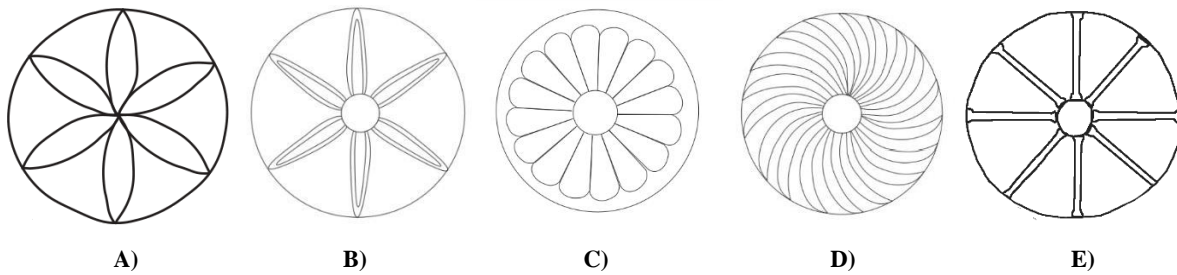


Figura 6 – Desenhos esquemáticos dos diferentes tipos de motivos vegetais ou raiados identificados nos *pulvini* de Igaedis.

Passemos agora à ornamentação do alargamento lateral do corpo do *pulvinus* (*esquema D*). Identificamos no conjunto de Idanha-a-Velha, uma grande variedade de elementos decorativos, símbolos ou “objetos culturais inequivocamente romanos” (Beltrán Fortes e Baena del Alcázar, 1996: 115). Encontramos representados elementos relacionados com práticas votivas e contextos funerários: falamos das páteras de cabo (*paterae manicatae*) e jarros litúrgicos (*urcei*) associados a libações e as héderas e uma *tabula ansata* (vulgarmente representados em monumentos de epigrafia funerária). Aparecem representados outros elementos de forma pontual: duas rosetas, uma de três pétalas e outra de quatro pétalas, um elemento vegetal composto por duas folhas lanceoladas que convergem para um caule e uma espécie piscícola. Destacamos por último a moldura que rodeia e contorna a rosácea esculpida na extremidade cilíndrica e o alargamento lateral do corpo do *pulvinus* (*esquema C*). Este elemento aparece relevado e saliente, sob a forma de moldura plana de grossura variável, podendo ser dupla (**PL.6**).

5.6. Critérios de elaboração e apresentação dos catálogos

Os catálogos elaborados tiveram por base os critérios tipológicos e de identificação estabelecidos por G. Gamer (1989) e Beltrán Fortes e L. Baena del Alcázar (1996). Organizam-se, portanto, da seguinte maneira:

- A) Número de Inventário;**
- B) Indicação da Tipologia**
- C) Identificação da Proveniência e ou local de depósito (caso seja possível determinar);**
- D) Descrição morfológica do *pulvinus*;**
- E) Descrição Métrica;**

-As dimensões das medidas conservadas são apresentadas em centímetros seguindo a respetiva ordem Largura x Profundidade x Diâmetro da rosácea/ roda de raios (de acordo com o esquema de dimensões (cf. “esquema H”, no capítulo 5.4)

- F) Bibliografia;**

- Indicação das referências bibliográficas dos *pulvini* já publicados. Em alternativa, menção de exemplar “inérito”.

- G) Observações**

6. Catálogos

6.1. Catálogo IGA.I

Pulvini de Igaedis

PL.1)



Tipo I. (Variante indeterminada)

Encontra-se em Idanha-a-Velha, Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico direito de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala com um botão central. Na extremidade esquerda da face frontal do corpo do *pulvinus*, delimitado por uma moldura simples, encontram-se gravadas duas pétalas. O atual estado de conservação da peça não permite determinar se esta apresenta rebordo saliente na base.

44.5 / 78 / 25

GAMER, 1989: 152, TAFEL 141a. BEB 8.

Est. XVI. a

PL.2)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Fragmento de *pulvinus* cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala.

42 / 56 / 31.5

Inédito.

Est. XVI. b

PL.3)



Tipo I.1

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala com um botão central destacado. Na extremidade direita da face frontal do corpo do *pulvinus*, delimitada por uma moldura simples, encontra-se gravada uma pátera de cabo.

39 / 42 / 27

ALMEIDA, 1956: figura 86; GAMER, 1989: 152, TAFEL 141a. BEB 9.

Est. XVI. 3

PL.4)



Tipo I.3

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpido um motivo vegetal composto por dois níveis de raios separados por uma fita circular. O nível interior é composto por pétalas que divergem de um botão central e o exterior por pétalas lanceoladas que dão continuidade às anteriores. Apresenta uma extremidade cilíndrica no alargamento direito. Na face frontal do corpo do *pulvinus*, delimitada por uma moldura simples, encontra-se gravada uma rosácea hexapétala com um botão central.

45 / 80 / 27.5

ALMEIDA, 1956: figura 84; GAMER, 1989: 152, TAFEL 141a. BEB 11.

Est. XVII. a

PL.5)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico direito de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpido um motivo floral composto por 16 pétalas de extremidades arredondadas que divergem do um botão central saliente. Na extremidade cilíndrica no alargamento esquerdo da face frontal do corpo do *pulvinus*, encontra-se gravada uma pátera de cabo.

44 / 80 / 28

ALMEIDA, 1956: figura 82

Est. XVII. b

PL.6)



Tipo I. (Variante indeterminada)

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior concavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosécea hexapétala com botão central destacado. Na extremidade direita da face frontal do corpo do *pulvinus*, delimitado por uma moldura dupla, encontra-se gravado, o que parece ser um motivo floral composto por quatro pétalas e botão central (à esquerda) e uma pátera de cabo (à direita).

44.5 / 86 / 25.5

Inédito.

Est. XVII. c

PL.7)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Fragmento de *pulvinus* cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala.

44.5 / 41.5 / 23.5

Inédito.

Est. XVIII. a

PL.8)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do *exemplar*, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpido um motivo floral composto por hédaras dispostas numa forma elíptica e separadas por motivos florais. Na face frontal do alargamento lateral do *pulvinus*, delimitado por uma moldura simples, encontra-se gravada uma *tabula ansata*, contendo no seu interior uma espécie piscícola. Estes elementos são ladeados por duas hédaras (uma à esquerda e outra à direita)

44.5 / 90 / 29

GAMER, 1989: 152, TAFEL 141a. BEB 10.

Est. XVIII. b

PL.9)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do *exemplar*, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala que não apresenta botão central. A extremidade direita da face frontal do corpo do *pulvinus* é delimitada por uma moldura simples e não se encontra gravada nenhuma decoração. Apesar de não conservar o rebordo da base identificamos o arranque de um remate reto.

38 / 78 / 28.5

Inédito.

Est. XVIII. c

PL.10)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico direito de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala que não apresenta botão central. Na extremidade direita da face frontal do corpo do *pulvinus*, delimitada por uma moldura simples, não se encontra gravada nenhuma decoração.

41 / 72 / 25.5

Inédito.

Est. XIX. a

PL.11)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do *exemplar*, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma roda com um motivo raiado/astral composto por oito raios retos que divergem de um ponto central representado por um botão central destacado. Na extremidade direita da face frontal do corpo do *pulvinus*, delimitado por uma moldura simples, não se encontra gravada nenhuma decoração.

42 / 78 / 28

ALMEIDA, 1956: figura 80

Est. XIX. b

PL.12)



Tipo indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Fragmento de *pulvinus* cilíndrico esquerdo. Não conserva moldura de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea octopétala com botão central pouco conservado. O alargamento lateral do *pulvinus* encontra-se fraturado, pelo que apenas conserva o seu arranque. No entanto, parece estar presente uma forma circular esculpida cujo objeto que representa é de difícil interpretação.

46 / 42.5 / 25 (Medidas Conservadas)

Inédito.

Est. XIX. c

PL.13)



Tipo I (Variante indeterminada)

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico direito de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala sem botão central. Na extremidade direita da face frontal do corpo do *pulvinus* apresenta um campo decorativo rodeado por uma moldura simples que enquadra dois grupos de duas linhas diagonais que se cruzam, formando um losango ao centro.

41 / 50 / 21 (Medidas Conservadas)

Inédito

Est. XX. a

PL.14)



Tipo I (Variante Indeterminada)

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico direito de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala com botão central pouco destacado. Na extremidade direita da face frontal do corpo do *pulvinus*, delimitada por uma moldura simples, não se encontra gravada nenhuma decoração. Arranque do rebordo fraturado.

35.5 / 74 / 21

Inédito.

Est. XX. b

PL.15)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, no Arquivo Epigráfico.

Pulvinus cilíndrico direito de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do *Pulvinus*, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma roda com um motivo raiado/astral composto por 8 raios retos, que divergem de um ponto central representado por um botão central destacado. Na extremidade direita da face frontal do corpo do *Pulvinus*, delimitada por uma moldura simples, encontra-se gravado o que parece ser um motivo floral composto por quatro pétalas.

40 / 80 / 29.5

Inédito.

Est. XVI. c

PL.16)



Tipo II.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, no Arquivo Epigráfico.

Pulvinus cilíndrico direito de alargamento lateral retangular. Na face frontal da extremidade cilíndrica do *exemplar*, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala sem botão central. A extremidade esquerda da face frontal do corpo do *pulvinus* é delimitada por uma moldura simples que não apresenta nenhum motivo gravado.

52.5 / 91 / 25.5

Inédito.

Est. XXI. a

PL.17)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do *exemplar*, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala com um botão central destacado. Na extremidade direita da face frontal do corpo do *pulvinus*, delimitado por uma moldura simples, encontra-se gravada uma pátera de cabo.

42 / 88 / 29

Inédito.

Est. XXI. b

PL.18)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico direito de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala. A face do corpo do alargamento lateral, não apresenta decoração

38 / 79 / 28.5

ALMEIDA, 1956: figura 87

Est. XXI. c

PL.19)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Pulvinus cilíndrico direito de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala sem botão central. Na extremidade esquerda da face frontal do corpo do *Pulvinus*, delimitado por uma moldura simples, não se encontra gravado nenhum motivo decorativo. Arranque do rebordo reto preservado.

44.5 / 99 / 27

Inédito.

Est. XXII. a

PL.20)



Tipo Indeterminado. Variante 2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Fragmento *de pulvinus* cilíndrico direito. Devido ao deteriorado estado de conservação do exemplar, é difícil determinar a forma do perfil superior. Encontra-se apenas conservada a extremidade cilíndrica do exemplar e o respetivo arranque do corpo. O topo da face frontal da extremidade cilíndrica do *pulvinus* encontra-se parcialmente fraturada. Conserva-se ainda, quase na sua totalidade, uma rosácea hexapétala com botão central destacado, delimitada por uma moldura simples.

38.5 / 48.5 / 24

Inédito.

Est. XXII. b

PL.21)



Tipo I. (Variante indeterminada)

Este fragmento de *pulvinus* encontra-se reaproveitado na extremidade de um banco em pedra adossado à parede de uma casa particular, na Rua da Sé, n. ° 7.

Conserva-se apenas a extremidade do alargamento lateral do *pulvinus*. Parece corresponder a um exemplar esquerdo que apresentaria um perfil superior côncavo. Na extremidade direita conservada, delimitado por uma moldura simples, encontra-se gravada uma pátera no corpo do exemplar.

31 / 45.5 / x

Inédito.

Est. XXII. c

PL.22)



Tipo Indeterminado. Variante 2

Encontra-se junto à porta norte. Utilizado no enchimento do troço norte da muralha.

Fragmento de *pulvinus* cilíndrico direito. A extremidade cilíndrica do exemplar encontra-se parcialmente fraturada. No entanto, ainda é perceptível a existência de uma rosácea hexapétala sem botão central destacado, que se encontra delimitada por uma moldura simples. Conserva apenas o arranque do seu alargamento lateral.

36.5 / 45 / 23.5

Inédito.

Est. XXIII. a

PL.23)



Tipo Indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Este exemplar encontra-se bastante mal conservado, preservando-se apenas a extremidade cilíndrica do *pulvinus*. Parece tratar-se de um elemento esquerdo pois parece estar presente o arranque do corpo, à direita. É visível o elemento decorativo da extremidade cilíndrica. Delimitado por uma moldura simples, observa-se uma rosácea hexapétala, presumivelmente sem botão central.

57.5 / 39 / 22.5

Inédito.

Est. XXIII. b

PL.24)



Tipo Indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, no Arquivo Epigráfico.

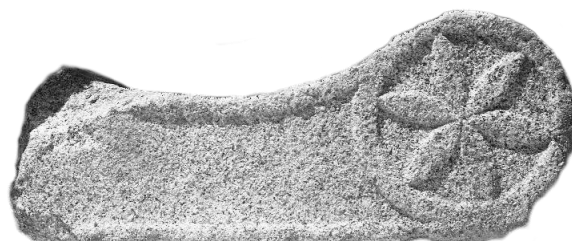
Fragmento de *pulvinus* cilíndrico direito, possivelmente de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples encontra-se esculpida uma roda de raios curvos sinistorsos. Os raios do motivo decorativo divergem de um botão central destacado comum. O corpo do exemplar parece ser atravessado centralmente por uma fita simples.

39.5 / 64 / 32

Inédito.

Est. XXIII. c

PL.25)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, reutilizado como enchimento no troço Este da muralha, dentro dos “palheiros de S. Dâmaso”

Pulvinus cilíndrico direito de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala. Na extremidade direita da face frontal do corpo do *pulvinus*, delimitado por uma moldura simples, não se encontra gravada nenhum motivo decorativo.

48.5 / 81 / 24

CRISTÓVÃO, 2002: Est. XVII. 4

Est. XXIV. a

PL.26)



Tipo indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, no Arquivo Epigráfico.

Conserva-se apenas a extremidade do alargamento lateral do *pulvinus*, parecendo, com algumas reservas, fazer parte de um exemplar esquerdo de perfil superior côncavo. O corpo do exemplar é delimitado por uma moldura simples. Não se observa nenhum motivo decorativo preservado.

34 / 47 / x

Inédito

Est. XXIV. b

PL.27)



Tipo Indeterminado. Variante 2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

O exemplar apenas conserva a extremidade cilíndrica que se encontra parcialmente destruída no topo. Não conserva o arranque do corpo. Parece tratar-se de um *pulvinus* cilíndrico esquerdo de perfil superior indeterminado. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, encontra-se parcialmente cortada uma rosácea hexapétala sem botão central que surge delimitada por uma moldura simples. Arranque do rebordo reto visível.

42.5 / 24 / 24.5

Inédito.

PL.28)



Tipo Indeterminado. Variante indeterminada

O exemplar apenas conserva a extremidade cilíndrica que se encontra parcialmente destruída no topo. Ainda assim, conserva o arranque do alargamento lateral orientado à direita, tratando-se de um exemplar esquerdo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do *pulvinus*, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpido um motivo vegetal composto por duas coroas de pétalas lanceoladas que divergem de um botão central destacado comum.

55 / 44 / 32

ALMEIDA, 1956: figura 81

PL.29)



Tipo Indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Casa Marrocos.

Deste exemplar apenas se preserva a extremidade cilíndrica. Ainda assim parece tratar-se de um elemento esquerdo. O elemento decorativo visível na extremidade cilíndrica, delimitado por uma moldura simples, é composto por rosácea hexapétala, presumivelmente sem botão central. É interessante verificar que as pétalas que compõem este elemento decorativo se encontram esculpidas em negativo, destacando-se de todos os outros exemplares do conjunto de Idanha-a-Velha.

39 / 44 / 25

Inédito.

PL.30)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, em exposição no Museu Epigráfico Egitanense.

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala com um botão central destacado. Na extremidade direita da face frontal do corpo do *pulvinus*, delimitado por uma moldura simples, encontra-se gravado um jarrinho litúrgico.

32.5 / 80.5 / 31.5

Inédito

PL.31)



Tipo Indeterminado. Variante 2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na fachada Poente do Lagar de Azeite.

O exemplar conserva apenas a extremidade cilíndrica e o arranque do corpo (á esquerda).

Trata-se de um *pulvinus* cilíndrico direito, possivelmente de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida, sobre superfície ligeiramente côncava, uma rosácea hexapétala com botão central destacado. O corpo do exemplar é atravessado centralmente por uma fita simples. Arranque do rebordo reto visível.

50 / x / 32,5

Inédito

Est. XXIV. 31

PL.32)



Tipo Indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, no Arquivo Epigráfico.

O exemplar conserva apenas a extremidade cilíndrica (parcialmente fraturada na base) e o arranque do corpo (à esquerda).

Trata-se de um *pulvinus* cilíndrico direito de perfil superior indeterminado. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala sem botão central.

59 / 35.5 / 22

Inédito.

PL.33)



Tipo Indeterminado. Variante 2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, no Arquivo Epigráfico.

O exemplar conserva apenas a extremidade cilíndrica e o arranque do corpo (à esquerda). Trata-se de um *pulvinus* cilíndrico direito de perfil superior indeterminado. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida, sobre uma superfície ligeiramente côncava, uma rosácea hexapétala com botão central destacado.

55.5 / 38 / 28,5

Inédito

PL.34)



Tipo Indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, no Arquivo Epigráfico.

Este exemplar encontra-se bastante mal preservado, conservando-se apenas a sua extremidade cilíndrica. Por estar fraturada, quase na sua totalidade e não preservando o arranque do corpo é difícil determinar a sua orientação. Na face frontal da extremidade cilíndrica do *pulvinus* encontra-se, bastante deteriorada, uma rosácea hexapétala com botão central destacado, delimitada por uma moldura simples.

29 / 28 / 24

Inédito

PL.35)



Tipo Indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, no Arquivo Epigráfico.

Este exemplar encontra-se parcialmente destruído e em mau estado de conservação. Apenas se preserva a sua extremidade cilíndrica e o arranque do alargamento lateral.

É impossível determinar a existência de algum motivo decorativo assim como o perfil superior do corpo do exemplar e, deste modo, é indeterminada a orientação da peça.

34 / 35 / x

Inédito

PL.36)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, no Arquivo Epigráfico.

Apenas se conserva a extremidade cilíndrica e o arranque do corpo do *pulvinus*. Trata-se de um exemplar cilíndrico direito, possivelmente, de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do *pulvinus*, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala sem botão central.

46,5 / 84,5 / 22,5

Inédito

PL.37)



Tipo I . (Variante indeterminada)

Encontra-se em Idanha-a-Velha, no Arquivo Epigráfico.

Pulvinus cilíndrico direito de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala sem botão central. A face frontal da extremidade direita do corpo do *pulvinus*, é delimitada por uma moldura simples gravado onde não se vislumbra nenhum motivo decorativo. Este exemplar encontra-se quase totalmente intacto, tendo apenas um corte no lado esquerdo da extremidade cilíndrica.

76,5 / 47 / 35

Inédito

PL.38)



Tipo I. (Variante indeterminada)

Encontra-se em Idanha-a-Velha, encontra-se reutilizado como enchimento no troço Oeste da muralha.

Trata-se de um *pulvinus* cilíndrico de perfil superior côncavo, cuja orientação é difícil de determinar pela ausência de decoração na fase visível, estando a face oposta no interior da muralha.

93 / 45,5 / x

Inédito

PL.39)



Tipo I. (Variante Indeterminada)

Encontra-se em Idanha-a-Velha, está reutilizado como enchimento no troço Sul da muralha.

Deste exemplar encontra-se apenas conservada a extremidade do alargamento lateral do *pulvinus*, parecendo fazer parte de um exemplar esquerdo de perfil superior côncavo.

29 / x / x

Inédito

PL.40)



Tipo Indeterminado. Variante 2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, reutilizado no enchimento do troço Sudoeste da muralha (parede exterior da Rua Nova).

A forma conservada sugere tratar-se de um fragmento de *pulvinus* cilíndrico com alargamento lateral, de perfil superior concavo. Conserva o rebordo na base em forma de cotovelo. A face visível, bastante deteriorada, não apresenta decoração.

26 / x / x

Inédito

PL.41)



Tipo indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, Rua Nova.

O fragmento de *pulvinus* direito apenas conserva parte da extremidade cilíndrica e, o arranque do respetivo alargamento lateral. Na face frontal da extremidade cilíndrica encontra-se esculpida uma rosácea de seis pétalas lanceoladas, com botão central relevado.

37 / 43 / 30

Inédito

PL.42)



Tipo indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, reutilizado num muro localizado na Rua do Espírito Santo, alinhado com a passagem da ponte (lado Este).

Este fragmento de *pulvinus* apenas conserva parte de rosácea que ornamentaria a face frontal da extremidade cilíndrica. Pela falta de elementos é impossível determinar a sua orientação.

25 / x / 27

Inédito

PL.43)

Tipo indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, reutilizado na fachada de uma casa localizada na Rua do Castelo nº2

Trata-se de um fragmento de *pulvinus* que apenas conserva parte da sua extremidade cilíndrica. Na sua face frontal apresenta uma rosácea composta por duas filas de pétalas lanceoladas que parecem partir de um botão central. Este motivo parece ser muito semelhante ao do PL.28

17 / x / 20.5

Inédito

Est. X. a

A localização deste exemplar não permitiu o acesso a uma fotografia em pormenor.

PL.44)



Tipo indeterminado. Variante 2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, reutilizado no enchimento do troço sudeste da muralha.

Este fragmento de *pulvinus* apenas conserva a extremidade cilíndrica e o arranque do respetivo alargamento lateral. Conserva o rebordo, na base, em forma de cotovelo. A face visível, bastante deteriorada, não apresenta decoração.

24 / x / x

Inédito

PL.45)



Tipo indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, na Rua Nova

Este fragmento apenas conserva a extremidade cilíndrica e o arranque do seu alargamento lateral. A face visível, bastante deteriorada, não apresenta decoração.

44 / x / x

Inédito

PL.46)



Tipo indeterminado. Variante indeterminada

Encontra-se em Idanha-a-Velha, reutilizado na parede de uma casa localizada na Rua da Amoreira.

Este fragmento de *pulvinus* encontra-se em bastante mal preservado, pelo que apenas conserva a extremidade cilíndrica e o arranque do seu alargamento lateral. Não se identifica qualquer elemento decorativo na superfície visível.

25 / x / x

Inédito

PL.47)



Tipo I.1

Pulvinus cilíndrico direito com alargamento lateral de perfil superior côncavo. Apresenta uma rosácea de 6 pétalas lanceoladas, esculpida na face frontal da extremidade cilíndrica. No canto esquerdo do alargamento lateral parece ter uma decoração, cuja identificação do motivo é de difícil leitura (meia-lua?).

? / ? / ?

Inédito

Este elemento foi identificado em trabalhos de prospeção por José Luis Cristóvão e Tomás Cordero Ruiz, num terreno privado próximo da aldeia de Idanha-a-Velha, possivelmente dentro do perímetro urbano da cidade romana. O proprietário do referido terreno não autorizou o estudo deste elemento, o que não permitiu o correto e rigoroso registo do mesmo.

PL.48)



Tipo I.1

Pulvinus cilíndrico direito com alargamento lateral de perfil superior côncavo. Apresenta uma rosácea de 6 pétalas lanceoladas, com nervura central esculpida sobre uma face convexa, com um acabamento de superfície relevado. No canto esquerdo do alargamento lateral encontra-se esculpido, de forma estilizada, um *urceus*. Da moldura que delimita a extremidade cilíndrica arranca uma fita, que parece assumir a pega de uma pátera que é formada através da apropriação da extremidade cilíndrica para formar a cabeça do dito objeto.

??/?

Inédito

Este elemento foi identificado em conjunto e no mesmo sítio que o anterior (PL.47) e, portanto, nas mesmas condições de registo incompleto.

PL.49)



Tipo I.2

Encontra-se em Idanha-a-Velha, num monte a nascente da aldeia (Cabeço da Forca), reutilizado na ombreira de uma pocilga.

Trata-se de um *pulvinus* cilíndrico direito com alargamento lateral de perfil superior côncavo. Apresenta uma rosácea de 6 pétalas lanceoladas, com nervura central esculpida sobre a face frontal da extremidade cilíndrica.

62 / 31 / 23.5

Inédito

PL.50)



Tipo Indeterminado. Variante 1

Encontra-se em Idanha-a-Velha, reutilizado na parede de um armazém da *Casa Marrocos* localizado junto ao troço Norte da muralha, perpendicular à Rua da Palma.

Trata-se de um *pulvinus* esquerdo que apenas conserva a sua extremidade cilíndrica e o arranque fragmentado do alargamento lateral. Apresenta uma roda composta por 19 raios curvos sinistrorsos. Conserva o rebordo saliente da base.

35 / x / 29

ALMEIDA, 1956: fig.83

Est. XXV. a

6.2. Catálogo IGA.II

Pulvini do território da civitas Igaeditanorum e área imediatamente limítrofe

PLII.1)



Tipo Indeterminado

Proveniência: Benquerença, Penamacor

Pulvinus cilíndrico esquerdo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples encontra-se esculpida uma rosácea de seis pétalas lanceoladas sem botão central. Apresenta um rebordo reto na base.

44 / 29 / 26

FERRO, 2017: 32

PLII.2)



Tipo I.2

Proveniência: Quinta da Fórnea II, Belmonte

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do *pulvinus*, delimitada por uma moldura simples encontra-se esculpida uma rosácea de seis pétalas lanceoladas que divergem de um com um botão central relevado. Na extremidade direita da face frontal do corpo do *pulvinus*, delimitado por uma moldura simples encontra-se gravada a “cabeça” de uma pátera.

83 / 40 / 27

SANTOS E CARVALHO, 2008

PLII.3)



Tipo Indeterminado

Proveniência: Quinta da Fórnea II, Belmonte

Apenas se encontra conservada a extremidade cilíndrica. Nesta encontra-se uma rosácea, presumivelmente hexapétala, uma vez que o estado de degradação do exemplar é bastante avançado.

Sem referências métricas.

SANTOS E CARVALHO, 2008

PLII.4)



Tipo I (Variante Indeterminada)

Proveniência: Quinta da Fórnea II, Belmonte?

Pulvinus cilíndrico direito de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala com um botão central saliente. A extremidade direita do alargamento lateral do *Pulvinus* encontra-se “cortada”.

40 / 83 / 27

HENRIQUES *et alii*, 2015: 12

PLII.5)



Tipo I.2

Paradeiro: Aldeia de Santa Margarida

Pulvinus cilíndrico direito de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples encontra-se esculpida uma rosácea de seis pétalas lanceoladas.

87 / 29 / 24

HENRIQUES *et alii*, 2015: 12

PLII.6)



Tipo I.2

Proveniência: Quinta da Caneca (Salgueiro, Fundão)

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala.

80 / 40 / 33

CARVALHO e ENCARNAÇÃO, 2008; CARVALHO, 2007: 371, fig. 29

PLII.7)



Tipo I.2

Proveniência: Quinta de São Domingos (Aldeia do Souto, Covilhã)

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura simples encontra-se esculpida uma rosácea de seis pétalas lanceoladas.

? / ? / 27

SALVADO e BIZARRO, 2018

PLII.8)



Tipo I (Variante Indeterminada)

Proveniência: Tortosendo, Covilhã

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. O topo, circular, é delimitado por uma circunferência em relevo; ao centro, também em relevo, um círculo com *umbo* central, donde irradiam dezasseis ‘raios’ em forma de pétalas lanceoladas. Por se encontrar fraturado na base não conserva o rebordo, impossibilitando a identificação da variante. Este exemplar apenas conserva uma parte da moldura que delimita a extremidade cilíndrica.

85 / x / 31

ENCARNAÇÃO, 2016

PLII.9)



Tipo Indeterminado

Proveniência: Torre dos Namorados, Fundão

Este fragmento do *pulvinus* encontra-se bastante degradado, apenas conservando parte da extremidade cilíndrica e o arranque do seu alargamento lateral. Na face frontal da extremidade cilíndrica do *pulvinus* esquerdo, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida uma roda de rios curvos sinistrorsos. Apesar de não ser possível determinar a forma do perfil superior do alargamento lateral, podemos dizer, com algumas reservas, que apresenta uma tendência côncava. Conserva um rebordo da base saliente, enquadrando-se desta forma na variante 2. Os raios do motivo decorativo surgem de um botão central destacado.

45 / 37.5 / 23

ÂNGELO, 2008

PLII.10)



Tipo I (Variante Indeterminada)

Atualmente em exposição no Museu Dr. Mário Pires Bento em Meimosa, Penamacor

Pulvinus cilíndrico esquerdo de perfil superior côncavo. A extremidade cilíndrica e a extremidade do alargamento lateral encontram-se cortados nos topos. Na face frontal da extremidade cilíndrica do exemplar, delimitada por uma moldura dupla, encontra-se esculpida uma rosácea hexapétala sem botão central. Na extremidade direita da face frontal do corpo do *Pulvinus*, ao centro, delimitada por uma moldura simples, encontra-se gravada uma pátera de cabo. Não conserva a forma do rebordo.

80 / 42 / 19

Inédito

PLII.11)



Tipo I.2

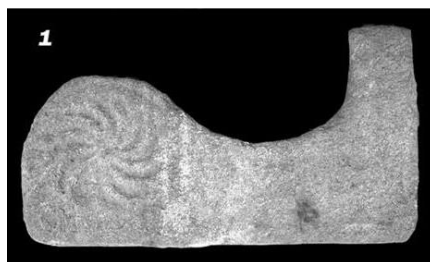
Atualmente armazenado no Museu Dr. Mário Pires Bento em Meimoa, Penamacor

Trata-se de um *pulvinus* cilíndrico direito com alargamento lateral, de perfil superior côncavo. Na face frontal da extremidade cilíndrica, delimitada por uma moldura simples, encontra-se esculpida em relevo uma rosácea de seis pétalas lanceoladas que arrancam de um botão central relevado. Destaca-se o pormenor do tratamento da superfície convexa onde está “colocada” a dita rosácea. A face frontal do alargamento lateral, também delimitada por uma moldura simples, apresenta um *urceus* em relevo no seu canto esquerdo.

Sem referências métricas

CURADO, 2008: 127

PLII.12)



Tipo I.2

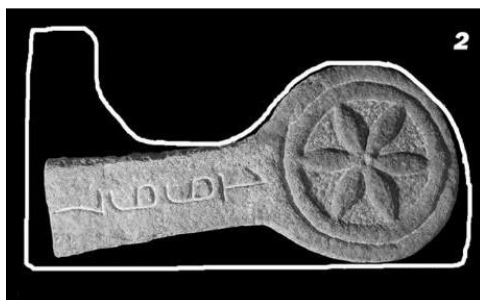
Proveniência: Nave, Sabugal

Apesar se encontrar bastante mal conservado podemos observar que se trata de um exemplar esquerdo cilíndrico com alargamento lateral, de perfil superior côncavo. Conserva ainda (em mau estado) secções da moldura da extremidade cilíndrica que delimita uma roda de raios curvos sinistrorsos.

Sem referências métricas

OSÓRIO, 2013: 81-83

PLII.13)



Tipo I (variante indeterminada)

Proveniência: Nave, Sabugal

Este fragmento conserva apenas a extremidade cilíndrica, onde se encontra gravada uma rosácea de seis pétalas lanceoladas, delimitada por uma moldura dupla e, parte do seu alargamento lateral. Terá sido reutilizada e desbastada de modo a ganhar a forma atual, tendo sido gravada a data “1997” no espaço que seria o anterior “campo de escrita” da face frontal do alargamento lateral. Como salienta Marcos Osório, esta peça seria morfologicamente semelhante (tipo. I) ao PLII.12. Classifica-se como variante indeterminada por desconhecermos a sua forma detalhada.

? / ? / 26

OSÓRIO, 2013: 81-83

PLII.14)



Tipo Indeterminado

Encontra-se atualmente exposto no Museu Municipal de Penamacor

Preserva apenas, num estado muito fragmentada, a extremidade cilíndrica, onde se encontra esculpida uma rosácea de 6 pétalas lanceoladas, delimitada por uma moldura simples. Conserva, ainda que fragmentado, o arranque do seu alargamento lateral.

37 / 36 / 27

Inédito.

Fotografia de André Oliveirinha

7. Análise preliminar aos catálogos

A primeira análise que nos propomos realizar aos exemplares catalogados baseia-se nos critérios descritivos e tipológicos estabelecidos por J. Beltrán Fortes e L. Baena del Alcázar (cf. 1996: 117-131) a propósito do conjunto emeritense. Neste exame preliminar teremos em conta a análise do local do achado, o material de suporte e orientação ou tipologia e ornamentação. Em primeiro lugar debruçamo-nos no catálogo IGA.I e, seguidamente, no IGA. II.

-Local de Achado

Nenhum dos *pulvini* identificados na aldeia de Idanha-a-Velha se encontra associado ao seu contexto primário de utilização. Dos cinquenta exemplares identificados, vinte e dois encontram-se atualmente depositados no interior da “Casa Marrocos”. (**PL.1** a **14**; **17** a **20**; **23**; **27** a **29**). Um elemento (**PL. 30**) encontra-se exposto, entre outros monumentos epigráficos, no arquivo epigráfico da aldeia de Idanha-a-Velha. Doze exemplares encontram-se expostos, entre outros elementos arquitetónicos pétreos, na “Rua Nova” –**PL.15**; **16**; **24**; **26**; **32-37**; **41** e **45**. Identificámos sete exemplares reutilizados em construções de época recente. O **PL. 21** encontra-se reutilizado na estrutura de um banco exterior de uma casa de habitação particular localizada na Rua da Sé. n.7. O exemplar, **PL. 31** aparece reutilizado na parede exterior, oeste, do “lagar de varas” (**Est. VI. a**). Reutilizado num muro, localizado na Rua do Espírito Santo, alinhado com a passagem da ponte (lado Este), encontramos o **PL. 42** (**Est. IX. b**). Na fachada norte da casa n.º 20, localizada na Rua do Castelo encontra-se o **PL. 43** (**Est. X. a**). Reconhecemos da mesma forma o exemplar **PL.46** reutilizado na parede norte de uma casa localizada na Rua da Amoreira (**Est. X. b**). O **PL. 49** aparece numa construção de época recente, localizada no “cabeço da força”¹⁴ (a cerca de 300m a oeste da aldeia) (**Est. XII. a**). Por fim identificamos o exemplar **PL.50** reutilizado na parede de um armazém outrora pertencente à família *Marrocos* localizado junto ao troço Norte da muralha, perpendicular à Rua da Palma.

Também em contexto de reutilização, localizaram-se seis exemplares de *pulvini* associados à construção da estrutura defensiva de Idanha-a-Velha. Referimo-nos aos seguintes elementos: **PL. 22**, encontra-se no enchimento do troço norte da muralha, no alinhamento do torreão esquerdo da porta norte (**Est. V. a**); **PL. 25**, identificado no enchimento do troço este (interior dos “palheiros de São Dâmaso” no n.º 38 da Rua Espírito Santo, Idanha-a-Velha) (**Est. V. b**);

¹⁴ Sítio onde foram identificados “vestígios de superfície” de época romana, entre os quais “cerâmica comum e *terra sigillata*” (Baptista, 1998: 48).

PL. 38, encontra-se no aparelho do paramento interno do troço oeste da muralha, alinhado a Poente com a Sé Catedral (**Est. VII. a**), de Idanha-a-Velha; **PL. 39**, descoberto no enchimento do troço Sul, próximo da “Azinheira Grande” (**Est. VIII. a**); **PL. 40**, encontra-se no enchimento do troço sudoeste da muralha (parede externa da Rua Nova); por fim o **PL. 44**, que se encontra no aparelho de enchimento do troço Sudeste da muralha, a cerca de 60 m, em linha reta, dos “palheiros de São Dâmaso” (**Est. XI. a**).

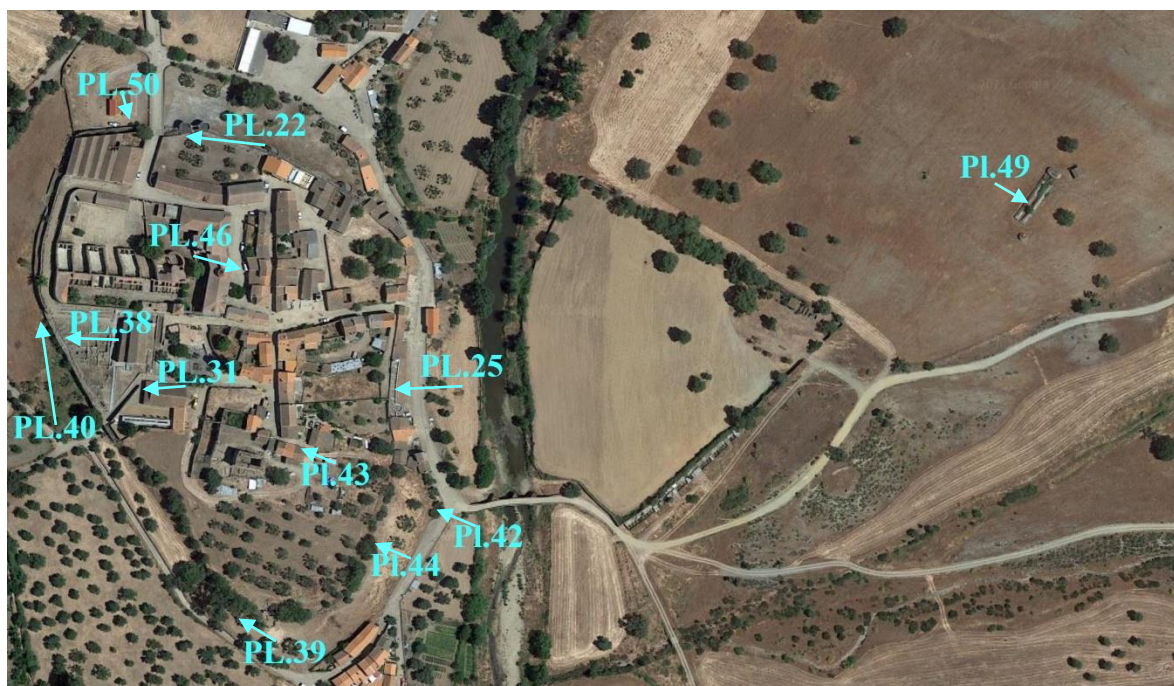


Figura 7- Localização dos elementos reutilizados em construções de época pós-romana

-Material de suporte e orientação

Os *pulvini* monumentais da capital da *civitas Igaeditanorum* são, até à data do presente estudo, exclusivamente, elaborados em granito local, variando a sua cor e calibre do grão.

Da observação e análise realizada não se vislumbra a possibilidade de existir um par de um mesmo coroamento, assumindo que nesse caso deveríamos ter dois exemplares (com orientações divergentes) com dimensões e gramáticas decorativas semelhantes ou complementares. Neste conjunto identificamos dezanove elementos correspondentes ao *pulvinus* esquerdo do coroamento (PL. 2; 3; 4; 6 a 9; 11; 12; 17; 21; 23; 26 a 30; 39 e 50). Com correspondência ao *pulvinus* direito do coroamento identificamos vinte e dois elementos (PL. 1; 5; 10; 13 a 16; 18; 19; 20; 22; 24; 25; 31; 32; 33; 36; 37; 41; 47; 48 e 49). Em 9 exemplares

não foi possível determinar a respetiva orientação (**34; 35; 38; 40; 42 a 46**).

-Tipologia e ornamentação

No que concerne à atribuição e identificação terminológica das características técnico-estilísticas sustentamo-nos essencialmente nas descrições de G. Gamer (1989: 152, BEB 8 a 16), J. Beltran Fortes e L. Baena e Alcázar (1996: 114 e ss.) e Murciano Calles (2019: 116 e ss.).

A coleção total de exemplares identificados na aldeia de Idanha-a-Velha é composta por **50** elementos pétreos, elaborados em granito local, que consideramos pertencer a coroamentos dos já referidos mausoléus em forma de altar com *pulvini*. Se **24** destes elementos se encontram conservados na sua totalidade os restantes **26**, apesar de fragmentados, conservam através da sua forma, dimensão e/ou decoração as características necessárias para serem considerados como parte integrante do conjunto.

Apesar de se enquadrarem em variantes tipológicas distintas, encontramos no conjunto de Idanha-a-Velha uma plástica formal e/ou decorativa comum a todos os exemplares.

Observamos a predominância de *pulvini* cilíndricos com alargamento lateral, de perfil superior côncavo - Tipo I - e exemplares com rebordo na base em cotovelo – Variante 2 (cf. Gráfico 1.2).

Ainda a respeito da tipologia dos *pulvini* enquadrados no catálogo IGA.I, 3 exemplares enquadram-se no “subtipo A” - *pulvini* com extremidade do alargamento lateral reto: **PL.13; 19 e 26**. Outros **21** exemplares enquadram-se no “subtipo B” - *pulvini* com extremidade do alargamento lateral prolongada: **PL. 1; 3; 6 a 11; 14 a 18; 21; 30; 37; 38; 39; 47; 48 e 49**. Com uma forma cilíndrica na extremidade do alargamento lateral, “subtipo C” apenas se contempla um exemplar, o **PL.4**. Os restantes **25** exemplares não foi possível enquadrar no respetivo subtipo devido ao degradado estado de conservação: **PL.2; 5; 12; 20; 22 a 25; 27; 28; 29; 31 a 36; 40 a 46 e 50**.

No que diz respeito à ornamentação, na face frontal da extremidade cilíndrica impera a representação de rosáceas com motivos vegetalistas compostos por 6 (seis) pétalas lanceoladas (cf. Gráfico 1.3). Tendo em conta as peças que se encontram com todas as superfícies preservadas e visíveis, concluímos que todos os exemplares possuem apenas decoração na face frontal. É também importante salientar que certas peças evidenciam um talhe mais delicado e muito acentuado, ao passo que outras apresentam um talhe tosco e pouco definido, muitas vezes

dificultando a leitura dos elementos decorativos e formais.

Existem ainda alguns exemplares (**PL.3; 24; 31; 33; 48**) onde ocorre um fenómeno peculiar, talvez demonstrando uma tendência estético-formal própria de uma determinada oficina, no qual a face normalmente plana, onde é talhada a rosácea, apresenta um tratamento de superfície diferente caracterizado por um relevo convexo tipo almofadado (**Est. XIII. a, b**). É interessante salientar que em todos os *pulvini* onde ocorre este fenómeno, as pétalas rosáceas com motivos vegetais, representadas na extremidade cilíndrica, têm nervura central. Ainda dentro deste grupo encontramos outra característica muito própria, representada pela apropriação da rosácea da extremidade cilíndrica para a conceção de uma outra figura - uma patera. Esta parte da moldura simples que delimita a referida extremidade, de onde cresce uma fita que apenas se conserva inteira no exemplar **PL. 48** e fraturada nos exemplares **PL. 24** e **PL. 31**.

Distingue-se neste conjunto o exemplar **PL. 4** cuja extremidade do alargamento lateral apresenta uma forma cilíndrica decorada com rosácea. A característica singular que o diferencia dos demais é o facto de ser a única peça registada que apresenta duas extremidades cilíndricas com rosácea

Evidenciamos ainda uma representação particular das pétalas que compõem os motivos florais das rosáceas de ornamentam a face frontal da extremidade cilíndrica de três exemplares. Referimo-nos aos **PL. 28, 29 e 43**, cujas pétalas se encontram esculpidas em relevo rebaixado.

Por fim o exemplar **PL. 13** destaca-se pelo motivo geométrico que decora o seu alargamento lateral, dois grupos de duas linhas diagonais que se cruzam, formando um losango no centro do corpo do *pulvinus*.

Embora não faça parte dos objetivos deste trabalho comparar estes coroamentos de mausoléus em forma de altar com *pulvini*, com os denominados “capeamentos de ara com *pulvini*” (cf. Leitão; Fernandes; Filipe, 2020: 773-775, fig. 4; Fernandes, 2020a: 203-207, fig. 5. 1 a 7), encontramos um paralelo decorativo num elemento dessa tipologia. Referimo-nos ao exemplar proveniente de Lisboa (*idem*, 2020a: fig.1), que é semelhante na geometria dos seus motivos decorativos com este último exemplar referido - **PL. 13**.

Passemos agora à análise descritiva dos exemplares agrupados no catálogo IGA. II. Em primeiro lugar, deverão sublinhar-se as evidentes semelhanças formais e decorativas entre os elementos dos dois grupos catalogados (IGA.I e IGA.II). Verifica-se, mais uma vez, a predominância da representação de *pulvini* cilíndricos com alargamento lateral de perfil

superior côncavo. Dos 13 (treze) exemplares registados, **10** apresentam esta característica (**PLII. 2; 4-8; 10-13**).

Por sua vez, à semelhança da realidade decorativa dos exemplares de Idanha-a-Velha, também nos indivíduos do catálogo IGA.II o motivo predominante na ornamentação da fase frontal da extremidade cilíndrica é (dentro da sua variedade representativa) a rosácea de seis pétalas lanceoladas, sendo esta apresentada em **10** dos exemplares (**PLII. 1-7, 10, 11 e 13**). Apenas **8** exemplares permitem constatar da presença ou ausência de ornamentação no espaço frontal. Destes, somente **3** exemplares se encontram decorados: dois com a representação de páteras de cabo (**PLII. 2 e 10**), e um com *urceus* (**PLII. 11**).

Ainda a respeito da tipologia dos *pulvini* enquadrados no catálogo IGA.II, podem enquadrar-se **2** exemplares no “subtipo A” (*pulvini* com extremidade do alargamento lateral reto: **PLII. 5 e 10**); **5** exemplares no “subtipo B” (*pulvini* com extremidade do alargamento lateral prolongada: **PLII. 2; 7; 11; 12 e o PLII.13**); e **7** exemplares subtipo indeterminado devido ao degradado estado de conservação: **PLII. 1; 3; 4; 6; 8; 9; e 14**.

7.1. Análise dos Gráficos de Frequência Analítica

Finalizado o trabalho de levantamento e inventário de todos os elementos identificados, disponibiliza-se um conjunto de dados que podem ser inicialmente abordados a nível quantitativo. Um dos objetivos passaria por contabilizar o número mínimo de mausoléus onde poderiam figurar este tipo de monumentos funerários. Mas este exercício, meramente teórico, tem por base pressupostos que não podemos assegurar. Desde logo, parte da presunção que todos os *pulvini* identificados teriam o seu destino ou contexto primário naquelas estruturas funerárias monumentais. Como veremos, esta é uma das problemáticas associadas à presença muito expressiva destes elementos nesta localidade. Será que todos os elementos identificados teriam como destino o coroamento de mausoléus localizados em Idanha-a-Velha? Poderemos estar na presença de uma oficina de lapicida nesta localidade? Isto poderia talvez explicar a presença farta de tantas outras tipologias de elementos arquitetónicos que se verifica neste local e mesmo do notável registo epigráfico (280 inscrições conhecidas, das quais 163 são funerárias) (Sá, 2007: 33 e 194). Por outro lado, este exercício pressupõe que um mausoléu seria coroado por dois destes elementos (um com orientação à esquerda e outro à direita) e que estes deveriam assemelhar-se a nível das dimensões e características tipológicas e gramática decorativa. Esta será a evidência defendida por vários autores, mas deveremos questionar se seria sempre assim.

Assumindo todas estas reservas, teríamos de definir um número mínimo de 40 mausoléus em *Igaedis*. Por uma questão de coerência excluímos desta contabilização os nove exemplares com orientação indeterminada (gráfico 1.1.). Ou seja, determinou-se que os exemplares de Idanha-a-Velha apresentam apenas uma face (frontal) ornamentada, sendo que em todos aqueles em que não foi possível observar decoração numa das faces foram classificados como de orientação indeterminada.

Do restante conjunto, contam-se dezanove *pulvini* esquerdos e vinte e dois *pulvini* direitos. Como referimos no capítulo anterior, não identificamos nenhum par, no entanto, a análise de dois exemplares suscita dúvidas neste sentido. Referimo-nos ao PLI. 9 (exemplar esquerdo) e ao PLI. 18 (exemplar direito) que poderia constituir-se como par: assemelhando-se ao nível do suporte (granito local), do ponto de vista morfológico, decorativo e das medidas conservadas.

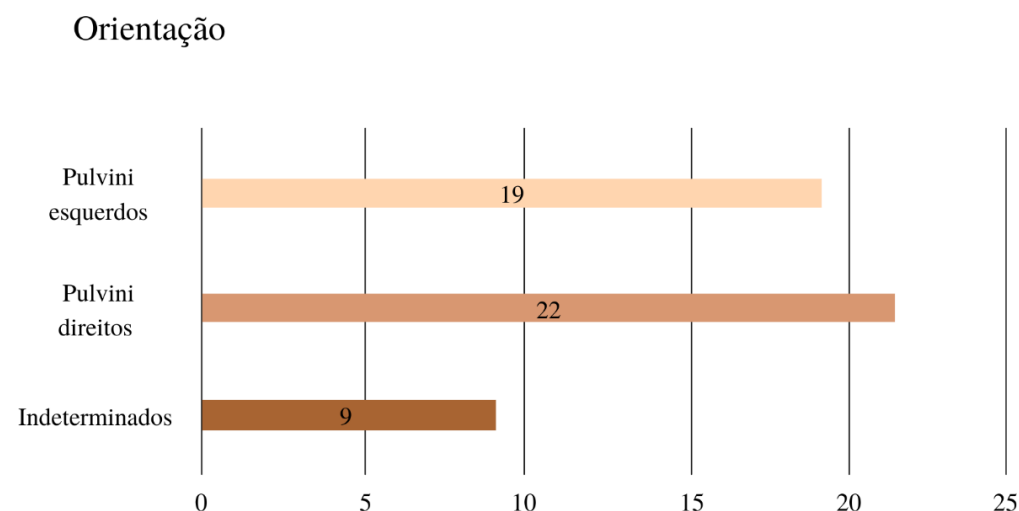


Gráfico 1.1 - Orientação dos *Pulvini*

Ao nível da classificação tipológica (gráfico 1.2.) foi possível constatar o predomínio dos *pulvini* cilíndricos de perfil superior côncavo (*Tipo I*). Estes contemplam mais de metade (54%) da amostra (27 indivíduos). Ainda entre o Tipo I, três enquadram-se na *variante 1*, treze na *Variante 2* e onze são de *Variante Indeterminada*. Apenas um se inclui no *Subtipo A* com alargamento da extremidade lateral.

Somente um exemplar foi integrado no tipo II - *pulvinus* cilíndrico de perfil superior reto, enquadrando-se, por sua vez, na *Variante 2*.

Deverá destacar-se ainda que numa grande percentagem (44% - 22 indivíduos) não foi

possível determinar a sua tipologia dada a ausência dos elementos formais que permitem essa categorização. Na maior parte dos casos, estes *pulvini* conservam apenas o arranque do alargamento lateral ou nem isso, encontrando-se muitas vezes fragmentados a meio da extremidade cilíndrica. A ausência do perfil superior do corpo do *pulvinus* dificulta o enquadramento tipológico de grande parte dos exemplares. No entanto, foi ainda possível incluir um exemplar na Variante I por preservar o rebordo saliente na base do seu corpo.

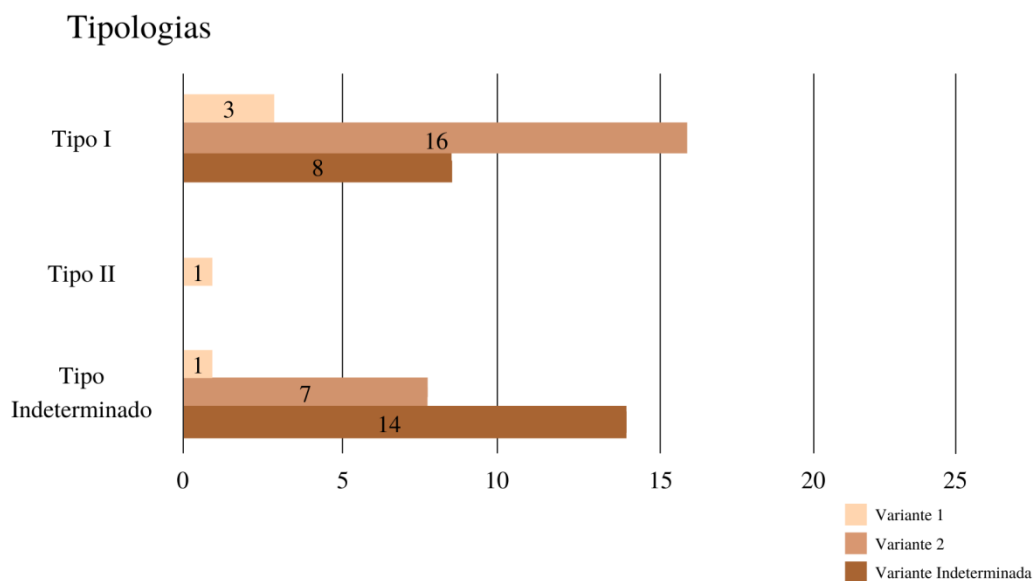


Gráfico 1.2 –Tipologias e Variantes

Tipologia	Variante	Nº de Inventário	Total
Tipo I	Variante 1	PL.3; PL.47; PL.48.	3
	Variante 2	PL.2; PL.4 PL.5; PL.7; PL.8; PL.9; PL.10; PL.11; PL.15; PL.17; PL.18; PL.19; PL.25; PL.30; PL.36; PL.49	16
	Variante Indeterminada	PL.1; PL.6; PL.13; PL.14; PL.21; PL.37; PL.38; PL.39.	8
Tipo II	Variante 2	PL.16.	1
Indeterminado	Variante 1	PL.50.	1
	Variante 2	PL.20; PL.22; PL.27; PL.31; PL.33; PL.40; PL.44.	7
	Variante Indeterminada	PL.12; PL.23; PL.24; PL.26; PL.28; PL.29; PL.32; PL.34; PL.35; PL.41; PL.42; PL.43; PL.45; PL.46.	14
			50

Quadro recapitulativo das tipologias dos exemplares de Idanha-a-Velha.

Esta predominância da representação do Tipo 1, mantém-se no conjunto do território da *civitas Igaeditanorum* e área imediatamente limítrofe (cf. Catálogo IGA.II). Esta é também uma realidade paralela à dos *pulvini* Emeritenses (Beltrán Fortes, 1996: 124-131).

Outro dos aspectos analisados prende-se com a eleição dos motivos decorativos. Denota-se a existência de uma clara preferência pela reprodução de motivos vegetais na ornamentação das extremidades cilíndricas dos *pulvini Igaeditanorum*, adoptando-se a representação de rosáceas. Estes motivos vegetais com pétalas estão presentes em 74% dos indivíduos que compõem a colecção (gráfico 1.3). No restante conjunto verifica-se a presença de quatro exemplares com rodas de raios, outros três onde figuram motivos compostos e, por fim, nove elementos onde não foi possível determinar o motivo decorativo da extremidade cilíndrica.

Decoração na face frontal da extremidade cilíndrica

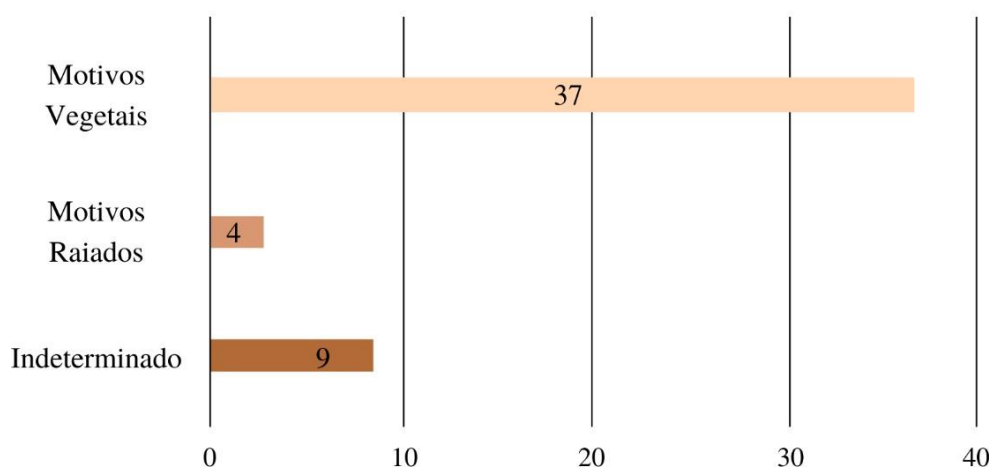


Gráfico 1.3 – Decoração da Extremidade Cilíndrica.

Dentro destes motivos vegetais nas rosáceas, verifica-se a predominância na adoção representativa de pétalas lanceoladas, sendo que num único caso se observa a presença de pétalas espatuladas (**PL. 5**). Outro exemplo (**PL.8**) destaca-se pela composição de hédaras (que substituem as habituais pétalas) e pequenas rosáceas de flores estilizadas de quatro pétalas.

Entre as rosáceas que contemplam pétalas lanceoladas identificam-se vinte e nove rosáceas hexapétalas, uma rosácea heptapétala, uma rosácea octopétala, uma rosácea com 12

pétalas, uma rosácea com 21 pétalas e duas rosáceas com 24 pétalas. O único motivo floral onde figuram as pétalas espatuladas apresenta dezasseis pétalas.

Ainda no que diz respeito a estas representações, constata-se a presença de 23 rosáceas com botão central relevado, ao passo que 13 não apresentam botão central. De igual modo, 6 rosáceas apresentam uma nervura central relevada e as restantes 30 são de pétala lisa, ou seja, não são nervuradas. Excluímos desta análise o **PL. 8**, visto que a composição da rosácea foge da norma pelas razões já mencionadas.

O diâmetro daqueles botões centrais, varia entre os 3 e os 4,5cm. Dependendo do “traço” e “qualidade” de talhe, algumas rosáceas revelam uma maior atenção ao relevo nos botões centrais do que outras.

As reproduções de rodas com motivos raiados, são identificados em menor número. Em 4 dos motivos raiados que aparecem em Idanha-a-Velha, duas rodas reproduzem raios retos e outras duas reproduzem raios curvos. Salienta-se que todas as rodas de raios representadas apresentam um botão central relevado.

Para além da extremidade cilíndrica, alguns exemplares conservam decoração mo alargamento lateral do corpo. Em 26 exemplares não foi possível aferir essa presença ou ausência. Nos 24 indivíduos que permitiram realizar essa análise (gráfico 1.5), constata-se a presença de ornamentação em 14 indivíduos e a sua ausência nas restantes 10 peças.

Decoração no alargamento lateral

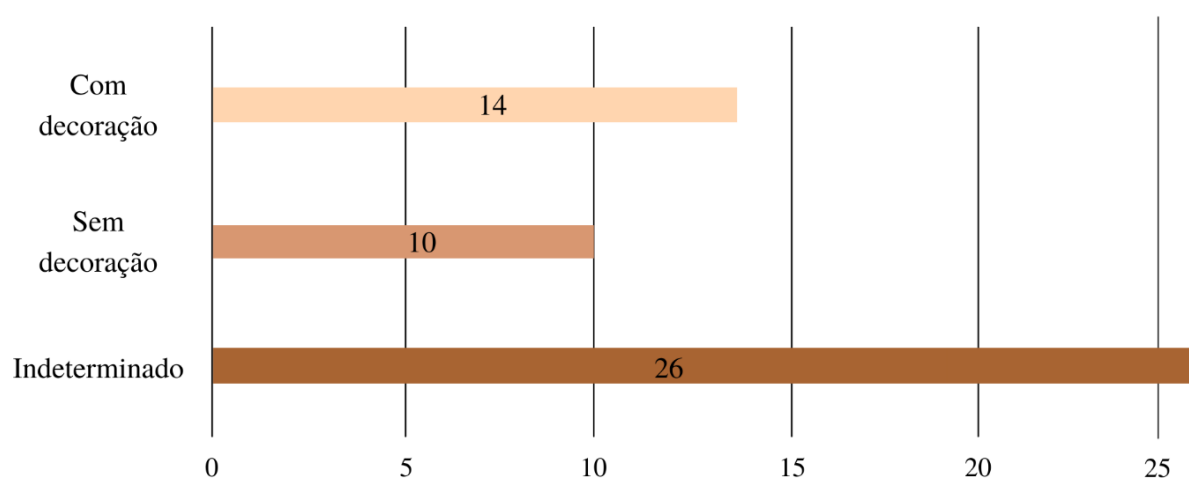


Gráfico 1.5 – Decoração do alargamento lateral do *Pulvinus*

Nestes 14 casos verifica-se a presença de um variado leque de diferentes motivos decorativos: no **PL.1** surge reproduzido um motivo vegetal, um caule de duas folhas lanceoladas; nos **PL. 3; 5; 6; 17; 21** e possivelmente no **PL.12** encontramos representações de páteras de cabo de diferentes estilos; nos **PL. 4; 6 e 45** identifica-se a presença de 3 rosáceas representadas na face frontal do alargamento lateral; nos **PL. 30 e 48** surge a figura do *urceus* esculpida em relevo. Por último, destacam-se 3 *pulvini* que apresentam decorações singulares: o **PL. 8** apresenta uma espécie piscícola numa *tabula ansata*, ladeada de ambos os lados por *hederas*; o **PL. 13** apresenta um motivo geométrico composto por linhas diagonais; e, finalmente, o **PL. 47** que parece estar decorado por uma meia-lua.

8. Discussão

Os *pulvini* monumentais constituem o principal elemento identificador de estruturas funerárias enquadradas na tipologia dos “mausoléus em forma de altar com *pulvini*”. A presença destes *monumenta sepulcralia* em Idanha-a-Velha havia já sido documentada tanto pela existência destes coroamentos (Pereira, 1917: 190-191; Almeida, 1956: figs., 80 a 87; Gamer, 1986: 152), como pela presença de placas funerárias monumentais e grandes blocos epigrafados, possivelmente associadas a esse contexto (Sá, 2007: 193-194). Este numeroso conjunto, na sua grande maioria inédito, amplia a expressiva utilização de monumentos desta tipologia em *Igaedis* e no território da sua *civitas*, assim como a expressividade de um grupo local (Lusitano) tão singular, no contexto peninsular (Beltrán Fortes, 2004: 114-118). Discutiremos de seguida algumas questões em jeito de conclusão

8.1. Tipologia

Podemos concluir que os *pulvini* monumentais identificados na *civitas Igaeditanorum* adotam um “modelo itálico” de coroamento monumental, à semelhança dos restantes exemplares hispânicos (Beltrán Fortes, 2004: 101 e ss.). Tal como em Mérida, Trujillo e Cória a “transformação” desse modelo dá-se com a aplicação de uma gramática decorativa e formal muito própria e comum entre estes. Se tivermos em conta todos os aspetos da plástica estilística que estes conjuntos, inscritos na área lusitana (fig.8), comungam, podemos afirmar estar perante um grupo tipológico singular, muito provavelmente influenciado estilisticamente pelas oficinas emeritenses (Beltrán Fortes, Baena del Alcázar, 1996: 117). Este grupo destaca-se das produções itálicas e das restantes Hispânicas.

A singularidade deste “grupo lusitano”, caracteriza-se desde logo pela escolha de um material de suporte endógeno (granito). Em vez de *pulvini* totalmente cilíndricos, onde o corpo do próprio elemento é apenas constituído pelo “toro”¹⁵, os exemplares do “grupo lusitano” adotam a forma de *pulvini* cilíndricos com alargamento lateral¹⁶ (cf. Catálogo IGA.I e IGA.II). Assim, podemos afirmar, que a gramática formal e decorativa dos *pulvini* lusitanos traduz-se

¹⁵ Típico “modelo itálico”, veja-se um exemplo pompeiano (**Est. IV. b**), recorrentemente representado nos *pulvini* peninsulares (Beltrán Fortes, 2004).

¹⁶ Também este tipo representa um modelo itálico, embora apresente uma gramática formal e decorativa distinta (Kockel, 1983: Tafel 35. b).

em formas que derivam dos modelos itálicos. Formas essas que se desdobram, dentro das suas variantes, em dois grupos principais, enquadradas pelos tipos I e II

Contrastando com a forma “itálica”, onde o alargamento lateral dos elementos é tendencialmente “relaxado” e pouco desenvolvido (Kockel, 1983: Tafel. 23. a) (**Est. IV. a**), os alargamentos laterais dos *pulvini* monumentais lusitanos ganham expressão e mostram-se mais “encorpados”, formando um “campo de escrita”. Também na decoração da extremidade cilíndrica é evidente a adoção de uma plástica local, caracterizada pela rosácea e pela roda de raios de traço mais simples e característico. Esse estilo, segundo J. Beltrán Fortes (2004: 114), aparece “frequentemente representado na decoração das estelas elaboradas em oficinas locais da metade septentrional da *Hispania*”. As típicas bandas de folhas imbricadas que ornamenta as faces laterais dos exemplares de estilo itálico, são substituídas nos “*pulvini* lusitanos” por superfícies lisas não ornamentadas.

Em suma e em traços muito gerais, podemos dizer que os exemplares inscritos no “grupo lusitano” se caracterizam, dentro das suas variedades representativas, por serem *pulvini* graníticos de forma cilíndrica com alargamento lateral, cujas faces frontais se encontram, geralmente, delimitadas por uma moldura simples relevada. Apresentam essencialmente dois “campos de escrita”: o principal, na face frontal da extremidade cilíndrica, tipicamente decorada por uma rosácea ou por uma roda raiada; e a face frontal do alargamento lateral, que se pode ou não, apresentar decorada por representações estilizadas de objetos culturais e motivos vegetais. Todas as outras faces são lisas e não apresentam decoração.

Encontramos já fora da Lusitânia, em território bético, dois exemplares que se identificam como paralelos do “estilo lusitano”. Falamos dos *pulvini* de Belalcázar e de Esparragoza de la Serena (Ruiz Osuna, 2008: 228, fig. 103 e 104). As duas peças são, à semelhança da realidade lusitana, *pulvini* cilíndricos com alargamento lateral elaboradas em granito, cujas faces frontais das extremidades cilíndricas se encontram decoradas pelas típicas rosáceas de 6 pétalas lanceoladas. O alargamento lateral encontra-se representado por um perfil superior côncavo (tipo I) em Belalcázar e, um perfil superior reto (tipo 2) em Esparragoza de la Serena. A adoção deste “esquema lusitano”, em território bético poderá ser explicado pela sua “procedencia de los confines septentrionales del conventus Cordubensis y su proximidad al radio de acción de los talleres emeritenses” (*idem*, 2009: 230)

A forma cilíndrica com alargamento lateral, de perfil superior côncavo (Tipo I), representado na grande maioria dos exemplares lusitanos não é, no entanto, exclusivo desse

grupo. Encontramos, por exemplo, em *Barcino* (**Est. XIV. a, b**) uma série de exemplares que apresentam esta característica formal (Tipo I). No entanto, são claras as diferenças no que concerne a alguns aspetos, sobretudo estilísticos. Desde logo destacam-se das produções lusitanas por serem talhadas em pedra calcária.

É no campo decorativo que estes *pulvini* monumentais se afastam do “estilo lusitano”. As faces frontais das extremidades cilíndricas encontram-se tipicamente esculpidas em relevo por gorgónias, no lugar de rosáceas. Na face frontal do alargamento lateral encontram-se esculpidos “motivos vegetales o utensilios de culto” (Claveria, 2005: 356). Apesar destes últimos elementos aparecerem também nos alargamentos laterais dos “*pulvini* lusitanos”, notamos nas produções *Barcinenses* um talhe compositivo mais complexo e planeado. Salientamos também o facto destes motivos decorativos tenderem a preencher, quase por completo, a superfície do campo de escrita (**Est. XIV. a, b**). As faces laterais destes exemplares são geralmente decoradas pelas típicas bandas de folhas imbricadas e *balteus*.

A existência de um “grupo lusitano”, protagonizado essencialmente por *Igaedis* e *Emerita*, leva-nos a realizar um exercício meramente teórico. Dada a extensão de ambos os conjuntos, podemos pensar na possibilidade da existência de dois núcleos produtores, com oficinas estabelecidas em cada uma das duas cidades.

Podemos concluir que o conjunto lusitano apresenta uma gramática compositiva mais simplificada, quer ao nível das formas quer ao nível do estilo decorativo, adotando uma plástica distinta de todos os outros exemplares que conhecemos. Podemos também constatar que os paralelos formais, decorativos e estilísticos entre os conjuntos emeritense e igaeditano, materializaram reforçadamente as relações entre as duas cidades, já bem documentadas nos registos epigráficos.

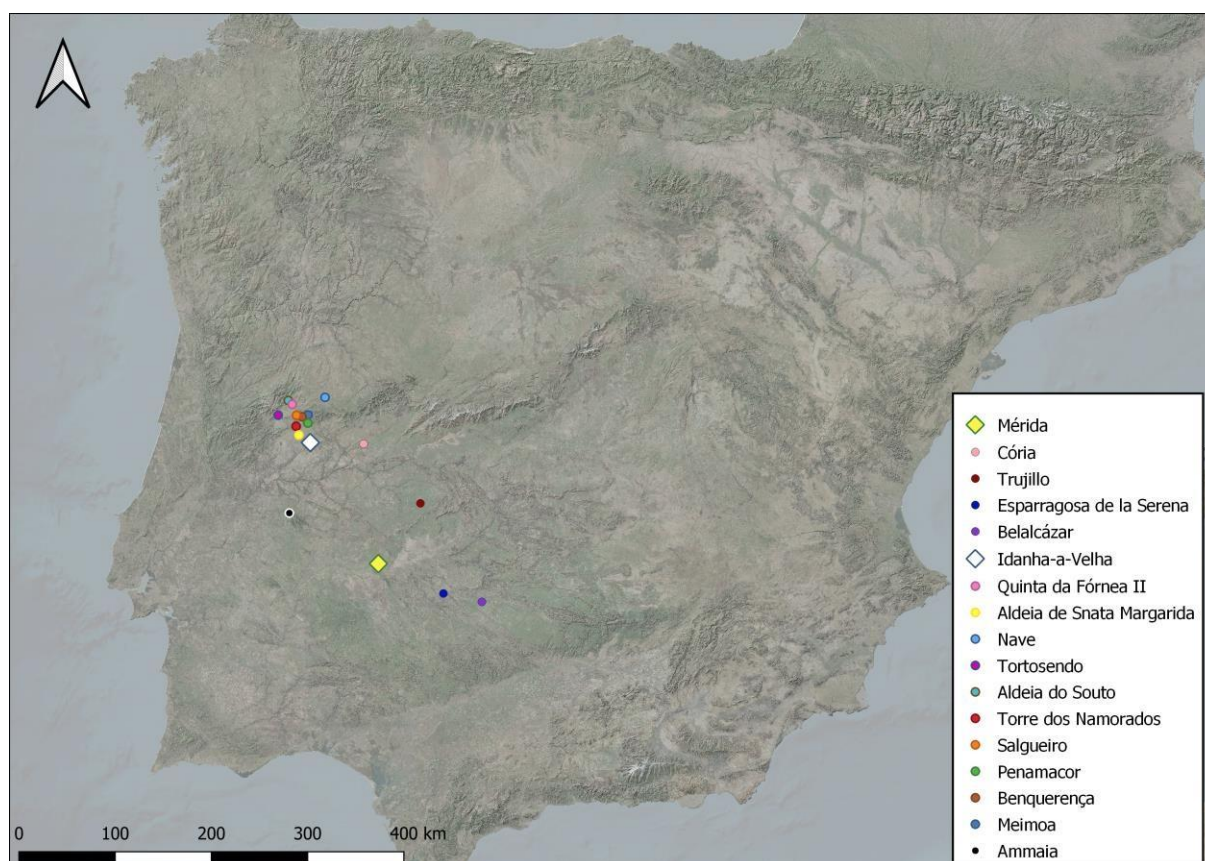


Figura 8 – Mapa representativo da dispersão de *pulvini* monumentais de “estilo lusitano” no atual território Peninsular

8.3. Cronologia

Como em toda e qualquer discussão de fundo arqueológico, também para esta temática terá de se ter em conta a questão cronológica. No entanto, é precisamente neste ponto que reside uma das grandes problemáticas inerentes ao estudo dos *pulvini* monumentais, no âmbito peninsular. Esta situação prende-se, como enunciado por Beltrán Fortes (1996: 108-111; 2004: 127) com o facto da maioria os *pulvini* monumentais aparecem isolados e desarticulados do seu contexto de utilização primário, sendo usualmente encontrados em coleções museológicas ou reutilizados em construções de épocas tardo romana ou medieval (*spolia*).

Desta forma, o estudo das estruturas funerárias constitui o principal fundamento cronológico dos *pulvini* que os coroam.

Ainda que mantendo as reservas demonstradas anteriormente (capítulo 4.1.2), destacamos o caso dos *pulvini* presumivelmente associados aos mausoléus da Quinta da Fórnea II (Santos e Carvalho, 2008) como uma exceção a esta realidade peninsular. A datação destas

estruturas funerárias poderia constituir um importante contributo para o conhecimento das dinâmicas cronológicas deste tipo de elementos a nível peninsular e, mais concretamente, dos *pulvini* lusitanos pela sua proximidade geográfica e, sobretudo, estilística. No entanto, a impossibilidade de “isolar um contexto estratigráfico com índices de datação seguros” (idem, 2008: 140), em consequência da “não associação de materiais datáveis a contextos estratigráficos primários relacionáveis com o processo de construção e o período de ocupação do local” (idem: 134-135) dificulta a datação segura desta realidade.

Parece, contudo, ser consensual que estes coroamentos estão, de forma geral, associados a estruturas com um período de utilização genérico, balizado cronologicamente de forma relativa entre o séc. I d.C. e os finais do séc. II d.C. (Beltrán Fortes, 2004).

Para o caso dos *pulvini* de Idanha-a-Velha a atribuição de uma cronologia revela ser um exercício difícil e pouco fundamentado uma vez que, dentro do seu mundo funerário conhecido, não há até ao momento registo de mausoléus encontrados na aldeia. Embora com muitas reservas, parece-nos, no entanto, plausível que a adoção desta tradição funerária se enquadre nesta proposta genérica e consensual, mais concretamente em finais de época Augustana, inícios do séc. I d.C. O que fará sentido, se tivermos presente a ideia de que a introdução deste modelo itálico nos territórios hispânicos é caracterizada como um fenómeno “linear e coetâneo”, assumindo um trajeto de penetração feito de nordeste para sul (Beltrán Fortes, 2004: 136). Esta difusão feita a partir dos centros itálicos “debió ser radical y simultânea, no costera e itinerante” (Balil Illana, 1979: 64). Tal como refere J. Murciano Calles, este circuito de expansão deste modelo itálico deverá ter “saído” das regiões itálicas, chegado, numa primeira fase à Galia Narbonense¹⁷, e só depois às províncias Hispânicas (2019 :113-114).

Ora, os inícios do séc. I d.C. coincidem com uma primeira fase de “romanização” evidenciada pelo processo inicial de monumentalização de *Igaedis* por meio de ações evergéticas, marcado pela construção do seu *forum* (Carvalho, 2007 :127). Esta realidade cronológica encontra-se bem patenteada na recente proposta de datação do *forum* da cidade. Graças às escavações (2007/2008) dos “níveis de aterro romanos, contemporâneos do processo de construção do *forum*” localizados ao seu redor, foi possível a atribuição de uma cronologia genérica da época de Augusto, inicialmente aventado por Fernando d’Almeida (1977: 41), mas

¹⁷ Destaca-se desta região, por exemplo, o *pulvinus* de Nimes (Várene, 1970: 108-115). Trata-se de um pulvinus cilíndrico com alargamento lateral, cujas faces se encontram decoradas pelas típicas bandas de folhas imbricadas e *balteus*. A face frontal da extremidade cilíndrica apresenta uma gorgónea (à semelhança dos exemplares de *Barcino*).

registada pela primeira vez no registo estratigráfico nestas intervenções arqueológicas¹⁸ (Carvalho, 2009: 122-127). A par desta monumentalização dos espaços públicos da capital dos *Igaeditani*, pode também estar relacionada com este momento, a monumentalização dos seus espaços funerários em resposta às necessidades de uma mobilidade social emergente. Reconhecemos que esta associação da possível cronologia de introdução dos mausoléus em forma de altar com *pulvini* em *Igaedis* e, a construção do seu *forum* é apenas uma conjectura baseada em suposições.

Ainda que muito infundada, esta proposta de datação para a introdução, em *Igaedis*, dos *monumenta sepulcralia* e dos *pulvini* monumentais, parece ganhar alguma força quando comparada com a de J. Beltrán Fortes para os exemplares Emeritenses. Este autor propõe que a introdução dos *pulvini*, como elemento arquitetónico decorativo de mausoléus, tenha ocorrido em *Augusta Emerita* em época Augustana nos inícios do séc. I d.C. e com permanência de utilização até aos finais do séc. II d.C., quando entram em declínio (Beltrán 2004: 128).

É provável que as cronologias de utilização entre os *pulvini* de Mérida e Idanha-a-Velha não se distanciem muito. As semelhanças nas plásticas formais e decorativas entre *Igaedis* e a sua capital de província poderão materializar as estreitas relações de Mérida sobre a *civitas* dos igaeditanos. Esta filiação já se encontra bem atestada nos registos epigráficos de Idanha. O testemunho da doação de um relógio à *capital* dos *Igaeditani* por parte de Quinto Tálío, de *Augusta Emerita*, mais do que um ato de evergetismo entre as duas cidades evidencia a “vontade clara dos responsáveis imperiais em que a *civitas Igaeditanorum* se pautasse doravante pela hora oficial romana” (Encarnação, 2004: 57). Espelha desta maneira a “pénétration d’habites nouvelles qui accompngnent les progrès de la romanisation” (Étienne, 1992: 362). Este último testemunho epigráfico poderá evidenciar a relação de influência exercida pelas oficinas da capital de província sobre as produções de *pulvini* da capital da *civitas* dos igaeditanos.

A somar a todas estas questões, não podemos deixar de referir (e relacionar) a cronologia genericamente para o extraordinário conjunto epigráfico de *Igaedis*, estabelecida entre os séc. I e II d.C., (Sá, 2007: 171). A este panorama epigráfico poderemos, num exercício teórico-hipotético, enquadrar cronologicamente os mausoléus em forma de altar com *pulvini*, podendo estar estes associados às mesmas práticas funerárias enunciadas pela epigrafa igaeditana.

¹⁸ Afasta-se desta forma das propostas de construção do fórum em época flaviana “ou inscrita no último quartel do séc. I d.C. (ou já nos inícios do séc. II), associada a uma promoção municipal e baseada fundamentalmente em algumas características construtivas e no modelo arquitetónico” (Carvalho, 2009: 116-117). Propostas estas, usualmente avançadas até então por Vasco Mantas (1993: 235; 2006: 89-91) e José Luís Cristóvão (2005: 196-197).

Apenas a futura identificação deste tipo de estruturas em Idanha-a-Velha e o seu devido estudo arqueológico poderá dar resposta, com alguma segurança e evidências materiais, a estas questões cronológicas.

8.4. Uma materialização das elites?

A atualização do número total de indivíduos que constitui o conjunto dos *pulvini* igaeditanos, enfatiza a expressividade da presença de *monumenta sepulcralia* em forma de altar nesta “ciudad de mediana importancia” (Beltrán Fortes, 2004: 114), face à realidade constatada, até à data, na capital de província, onde se conhecem “apenas” 15 *pulvini* graníticos e 5 exemplares elaborados em mármore¹⁹ (Murciano Calles, 2019: 129-134).

Esta grande quantidade de mausoléus em Igaedis, evidenciada por este número de *pulvini*, levanta uma questão: quem eram as pessoas e famílias que utilizavam este tipo de monumentos? A evidente monumentalidade destas estruturas funerárias sugere a necessidade de um considerável poder económico capaz de custear a sua edificação.

O desconhecimento dos contextos primários a que estariam associados estes *pulvini* monumentais em Idanha-a-Velha não permite identificar quem foram as pessoas e famílias que utilizariam este tipo de monumentos coroados. Mais uma vez, a resposta a esta questão surgiria, naturalmente, se os pudéssemos relacionar com este tipo de estruturas. É, no entanto, evidente que os mausoléus estariam reservados a uma parte circunscrita da sociedade, com um certo *status* social e económico. Este grupo restrito estaria possivelmente representado por membros da administração pública da *civitas*, membros do exército ou indivíduos que enriqueceram através da sua atividade. Tal como propõe Alberto Balil (1979) a propósito dos mausoléus em forma de altar de Barcino:

“No es posible identificar cuales fueron las familias que utilizaron este tipo de monumentos ni los recursos adoptados para incineraciones sucesivas. Conocemos una serie de inscripciones funerarias de Barcino que por sus formas, (...) pueden corresponder a monumentos de este tipo. Los ejemplares que he identificado como tales parecen corresponder a un nivel medio de la burguesia municipal, magistrados, veteranos y libertos ricos.” (Balil, 1979: 66-67)

¹⁹ Sendo que, em alguns destes casos os elementos poderão não estar associados a mausoléus em forma de altar e sim a outras estruturas, possivelmente do mesmo âmbito funerário (Murciano Calles, 2019: 122)

Poderá a abundante presença de *pulvini* monumentais, na capital da *civitas* dos *igaeditani*, ser explicada por um acesso monetário generalizado à construção destas construções funerárias de carácter monumental? Esta mobilidade social possivelmente promovida pela exploração aurífera poderá apresentar-se como um fator elucidativo desta avultada quantidade de *pulvini* monumentais. Refira-se, a este respeito e a título de exemplo, a inscrição votiva de *Tiberius Claudius Rufus* a cumprir o voto de agradecimento a Júpiter Ótimo Máximo pelo achado de cento e vinte libras de ouro obtido muito provavelmente durante a exploração aluvionar do rio Ponsul (Encarnação *et alli*, 2011: 113-117).

A expansão destes mausoléus em forma de altar e a sua introdução nas províncias do império poderá ser explicada sobre dois prismas. O primeiro atribui a fixação do exército como o principal veículo de introdução deste modelo itálico (Murciano Calles, 2019: 113-114; Beltrán Fortes, 204: 136-137). A presença do exército em Igaedis encontra-se bem atestada na epigrafia de *civitas*, tal como se observa no *cursus honorum* do epitáfio de *Lucius Marcius Avitus*, perfeito da ala *I Singulariorum Civium Romanorum* (Sá, 2007: 60) e *Marcius Maternus* decurião da ala primeira (*idem*: 84). Também o estabelecimento de *ueterani* se encontra registado na epigrafia de Idanha-a-velha, concretamente “na inscrição dedicada a um veterano da ala *Gemelliana* (*idem*: 160-161).

Por outro lado, a introdução destes monumenta poder-se-á explicar através da promoção por uma “burguesia comercial” relacionada com a colonização associada à exploração aurífera tal como Beltrán Fortes (2004: 136-167) propõe para o Alto Guadalquivir. Esta proposta poderá também ser válida para o território da *civitas Igaeditanorum*, onde a exploração aurífera em época romana se encontra atestada.

A presença de indivíduos com distinto *status* económico em *Igaedis* encontra-se mais uma vez atestado no registo epigráfico da cidade. Destaca-se o caso de *Caius Cantius Modestinus* “o construtor de templos”, que numa acção de *evergetismo* construiu, a expensas próprias, dois templos (Mantas, 1993).

Por agora, apenas temos associado a estas distintas práticas funerárias, os *pulvini* que compunham os coroamentos destas monumentais estruturas de perpetuação da memória e afirmação social. Talvez seja possível no futuro, através de um olhar mais atento, perceber então quem teria acesso a estes mausoléus.

A distribuição dos locais de achado e proveniência dos exemplares destes *pulvini* monumentais, identificados no território da *civitas* e área imediatamente limítrofe, merece uma análise atenta. Identificamos que existe uma estreita relação entre esses sítios, que poderão em muitos casos estar associados a *villae*, e diferentes vias que percorreriam o território da *civitas Igaeditanorum* (fig.9).

Estas vias poderão assumir, a partir desta análise, por si só o meio de “penetração” e disseminação destes monumentos funerários pelo território a norte da *civitas*.

O cruzamento da presença destes *pulvini* em sítios com ocupação romana, influenciados pela passagem de vias sugere uma paisagem funerária rural, marcada pelas estruturas funerárias monumentais, às quais estariam presumivelmente associados.

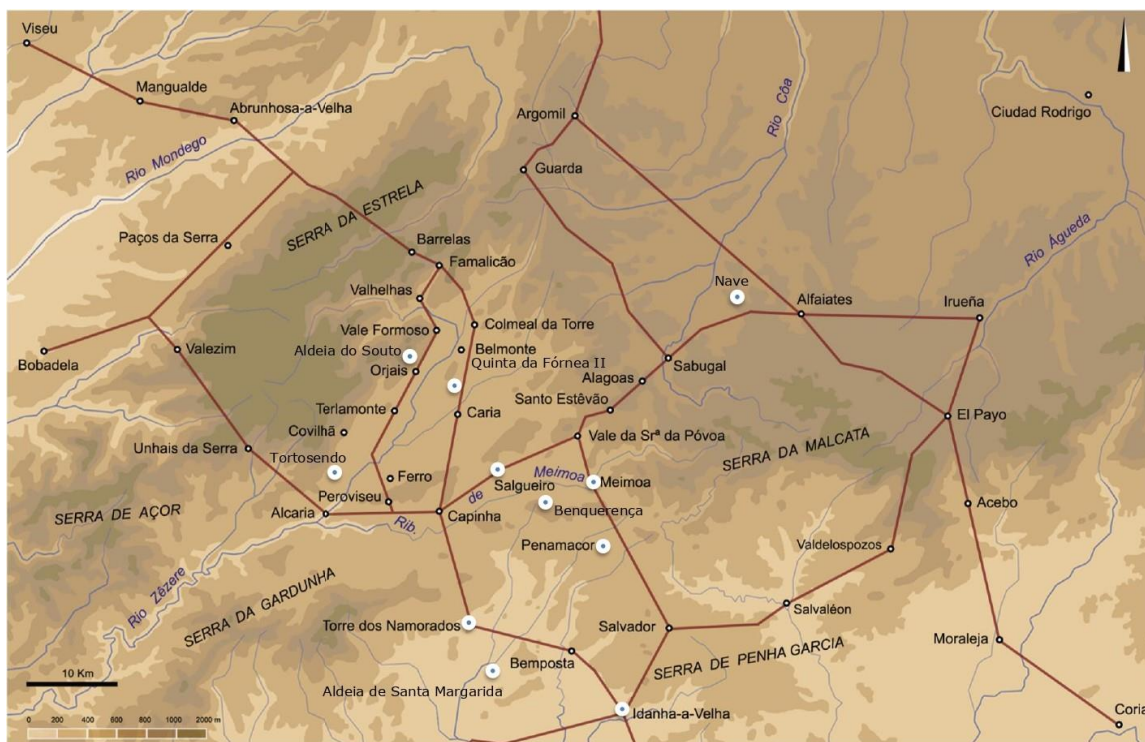


Figura 9 – Mapa de relação com os sítios de achado dos exemplares de *pulvini* com as vias.

9. Considerações finais

O estudo dos *pulvini* monumentais de Idanha-a-Velha, na sua grande maioria inéditos à data, vem certamente reforçar as pistas que demonstram a presença de mausoléus em forma de altar e assim redesenhar hipoteticamente a paisagem funerária da capital dos *Igaeditani* e do seu território.

Concluímos que todos os exemplares identificados em *Igaedis*, assim como no seu território e aquilo que definimos como áreas imediatamente limítrofes, se enquadram, dentro das suas variantes tipológicas, num mesmo estilo formal e decorativo. Revelam, deste modo, uma grande homogeneidade e relações próximas entre a capital de *civitas* e o seu território.

A presença deste extenso conjunto de *pulvini* na *civitas Igaeditanorum* e áreas imediatamente limítrofes, a somar ao já conhecido e proveniente de Mérida, vem substanciar a afirmação de um grupo “lusitano”. Grupo este que se caracteriza através de uma gramática formal, decorativa e estilística própria e comum, dentro das suas variantes representativas.

Podemos afirmar que este “grupo lusitano” se caracteriza, de forma genérica, pela escolha do granito para a elaboração dos *pulvini* cilíndricos com alargamentos laterais de perfis superiores côncavos. Nas faces frontais das extremidades cilíndricas aparecem decoradas, rosáceas, predominantemente, com motivos vegetais, cujo número e forma das pétalas pode variar. A face frontal do alargamento lateral que poderá ser lisa ou também formar um campo de escrita, onde poderão aparecer esculpido objetos relacionados com páticas funerárias.

Não poderemos deixar de indagar acerca da proposta de existência de dois núcleos produtores protagonizados por *Emerita* e *Igaedis*. A presença de uma (ou mais?) oficinas em *Emerita* parece evidente pela quantidade de achados e, sobretudo, pela importância atribuída à capital de província. Ora, para *Igaedis* não será menos óbvia a presença de tais unidades produtoras. O avultado número de exemplares identificados em Idanha e a quantidade identificada do território da *civitas* expõe a necessidade de resposta às exigências de uma clientela.

Uma das problemáticas transversais ao estudo destes *pulvini* monumentais, prende-se com o já mencionado fenómeno de reutilização de elementos arquitetónicos (*spolia*). Ora a realidade de Idanha-a-Velha não é exceção e não nos permite estabelecer uma cronologia de utilização para estes elementos. Pelo que nos cingimos a estabelecer comparações entre as

cronologias sugeridas para o conjunto Emeritense, que são fundamentadas nas questões formais partilhadas pelos dois conjuntos.

9.1. Futuras linhas de Investigação

Este tema não se esgota neste trabalho, aliás ficaram muitas questões por descortinar, em parte porque não integravam os objetivos iniciais do estudo. Os resultados apresentados e, particularmente, a constatação da grande expressividade de mausoléus em forma de altar com *pulvini* em Idanha, despertará agora a nossa atenção para outras questões.

Saberemos com certeza mais acerca destes *pulvini* monumentais de *Igaedis* se investirmos na identificação das estruturas e contextos primários destes coroamentos. Desta necessidade deverá surgir uma futura linha de investigação empenhada em identificar a possível localização da(s) necrópole(s) onde estariam implementados estes mausoléus.

Por outro lado, será de elevado interesse o futuro empenho no cruzamento do excepcional conjunto epigráfico de Idanha-a-Velha, em especial das placas funerárias que poderão associar-se a estes monumentos funerários.

Outro objetivo de grande interesse poderá passar pelo reconhecimento e identificação de outro tipo de elementos arquitetónicos que deveriam estar igualmente associados a estes espaços funerários. Na mesma linha, poderemos tentar perceber a relação das dimensões desses elementos com as dimensões dos *monumenta*, na tentativa de reconstruir de forma hipotética o seu aspeto final.

Por último deveremos ter em conta o fenómeno de reutilização de elementos arquitetónicos em construções de época posterior. Neste caso concreto destacamos a muralha tardia de Idanha-a-Velha pelo potencial de informação que ainda poderá facultar. Em última instância será de relacionar a datação de construção da muralha com o período final de utilização dos *pulvini* em *Igaedis*. Como já referimos, este fenómeno denominado de *spolia* promoveu a descontextualização de muitos destes achados e dificulta o devido estabelecimento do seu período de utilização.

Estes são apenas alguns pontos que demonstram que esta temática dos *pulvini* da *civitas Igaeditanorum* não se encontra fechada. Pelo contrário, pensamos que a atualização de

informação que se tentou oferecer através do presente trabalho reforça o interesse do estudo sobre este aliciente tema. Pensamos que se renova uma linha de investigação que deverá prosseguir multiplicando as interações e ramificações com outros pontos de interesse complementares. Esperamos poder continuar a contribuir para desvendar as incógnitas deste enigmático tema dos *pulvini* de *Igaedis*.

Bibliografia

ABAD CASAL, L.; ABASCAL PALAZÓN, J. M.; SANZ GAMO, P., (2002) - “Monumentos funerarios de época romana en la provincia de Albacete”, *II congreso de historia de Albacete*, I. Arqueología y Prehistoria, Albacete, pp. 271-281.

ABÁSULO, J. A.; MARCO, F. (1995) - “Tipología e iconografía en las estelas de la mitad septentrional de la Península Ibérica”, Em: BELTRÁN LLORIS, F., ed. – “Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente”, *Actas del Coloquio Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente mediterráneo (siglos II a.E.-I d.E.)*, Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, pp. 327-359.

ALMEIDA, Fernando d' (1956) - *Egitânia: História e Arqueologia*.

ALMEIDA, Fernando d' (1977) - “As ruínas romanas e visigóticas de Idanha-a-Velha”, *Anais da Academia Portuguesa de História* 24 (2), 2.^a série, Lisboa, pp. 39-57.

ÂNGELO, Maria J. (2008) - “Pulvinus Monumental da Torre dos Namorados”, *Eburobriga* 5, Revista do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, Câmara Municipal do Fundão, pp. 85-89.

ÂNGELO, Maria J.; RIBEIRO, Carla A. (2009) - “Epígrafe Monumental ou Fenerária da Torre dos Namorados (Fundão) (Conventus Emeritensis)”, *Ficheiro Epigráfico (Suplemento de Conimbriga)*, 88, n.º 400.

ARASA I GIL, F. (1987) - “El monumento romano de la ermita de la virgen del cil (la igluesia del cid, TERUEL”, *Boletín del Mudeo de Zaragoza*, 6, pp. 41-179.

BALIL ILLANA, Alberto (1979) - “Los ‘Gorgoneia’ de Barcino”, *Faventia*, Vol. 1, nº 1, pp. 63-70.

BAPTISTA, Joaquim (1998) - *Carta arqueológica da freguesia de Idanha-a-Velha*. Preservação Nº17. Vila Velha de Ródão.

BELTRÁN FORTES, J. (1990) - “Mausoleos romanos en forma de altar del sur de la Península Ibérica”, *AEspA*, 63, pp.183-226.

BELTRÁN FORTES, J.; BAENA DEL ALCÁZAR, L. (1996) - “Pulvinos Monumentales de Mérida”, *Anas*, 9. pp. 105-131.

BELTRÁN FORTES, J. (2004) - “Monvmenta Sepulcrales en forma de altar com Pulvinos de los territotios Hispanorromanos: Revisión de materiales y Estado de la Cuestión”, *AEspA*, 77, 2004, pp. 101-141.

CANCELA RAMÍREZ DE ARELLANO, María Luisa (1993) - “Elementos decorativos de la arquitetura funeraria”, In NOGAELS BASSARATE, T. (ed), *Actas de la 1 reunion sobre escultura romana en hispania*, pp. 239-262.

CARVALHO, Pedro C. (2007) - “Cova da Beira: ocupação e exploração do território na época romana (um território rural no interior norte da Lusitania)”, *Conimbriga*, Anexos 4.

CARVALHO, Pedro C. (2009) - “O *forum* dos *Igaeditani* e os primeiros tempos da *civitas Igaeditanorum* (Idanha-a-Velha, Portugal)”, *AEspA*, 82, pp. 115-131.

CARVALHO, Pedro C. (2010) - “A caminho do Douro na época romana. Da capital da *ciuitas Igaeditanorum* aos territoria dos Lancienses, Araui, Meidubrigenses e Cobelci”, *Arqueología, Patrimonio, Prehistoria e Historia Antigua de los pueblos “sin pasado”*. Ecos de la Lusitania en Arribes del Duero (Eds. N. CUBAS MARTÍN, D. HIDALGO RODRÍGUEZ y M. SALINAS DE FRÍAS), Aquilafuente, 171, Ed. Universidad de Salamanca, pp. 125-138.

CARVALHO, Pedro C.; ENCARNAÇÃO, José (2008) - “O Monumento Romano da Quinta da Caneca (Salgeurio, Fundão)”, *Eburobriga* n.º 4, Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, Fundão, pp. 91 a 98.

CLAVERIA, Montserrat (2005) - “Los Altares Monumentales con pulvini del nordeste Peninsular”. *Actas de la reunión internacional de Escultura Romana en Hispania*, V, Murcia, pp. 345-396.

CRISTÓVÃO, José (2002) - *As muralhas romanas de Idanha-a-Velha*, Coimbra (dissertação de Mestrado em Arqueologia, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra).

CRISTÓVÃO, José (2005) - “Breve estudo sobre a organização do espaço público e os equipamentos urbanos da cidade romana de Idanha-a-Velha (dos finais do século I a.C. ao limiar do século IV)», *Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior: Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*, CEI/ARA, Guarda, pp. 189-204.

CURADO, Fernando Patrício (2008) - “Epigrafia das Beiras (Notas e correcções – 2)”.
Ebvrobriga 5. Museu Arqueológico Municipal José Monteiro. Fundão, pp. 121 a 148.

ENCARNAÇÃO, José d’; SALVADO, Pedro; BATATA, Carlos; BATISTA, Joaquim (2011)
- “Gestão aurífera e afirmação epigráfica: o caso de *Tibérius Claudius Rufus* (CIL II 5132) de
Idanha-a-Velha”, *Actas do VI simpósio sobre mineração e metalurgia históricas no sudoeste
europeu*, Vila Velha de Ródão, pp. 109-123.

ENCARNAÇÃO, José d’ (2004) - “*Emerita e Civitas Igaeditanorum*, uma relação bem
registada na epigrafia”, *Eburobriga* n.º 1, Museu Arqueológico Municipal José Monteiro,
Fundão, pp. 56 a 59.

ENCARNAÇÃO, José d’ (2016) - “*Pulvillus* em Tortosendo”, *Ficheiro Epigráfico
(Suplemento de Conimbriga)*, 143, n.º 586.

ESPINOSA RUIZ, U. (1996) - "Arquitectura funeraria de Vareia (Varea, Logroño): influencias
mediterráneas", en Homenaje al Profesor Manuel Fernández Miranda, *Complutum* Extra 6-I,
Madrid, vol. I, pp. 433-440.

ESTÉVEZ MORALES, José António (2000) - “Intervención arqueológica en la obra de
construcción de un colector de aguas (canal) en la barriada de Ma. Auxiliadora, Mérida.”
Memoria de Excavaciones Arqueológicas, 4, 1998, pp. 385–411.

ÉTIENNE, Robert (1992) - “L’horloge de la *civitas Igaeditanorum* et la création de la province
de Lusitanie”, *Revue des Études Anciennes*, 94, 1992 (3-4), pp. 355-362.

FERNANDES, Lúdia (2020a) - “A decoração arquitetónica de Felicitas Iulia Olisipo ou como
a cidade se mostrou”, *Lisboa Romana A Capital Urbana De Um Município De Cidadãos
Romanos – Espaços De Representação De Cidadania*. Ed. Câmara Municipal de Lisboa, pp.
191 -213.

FERNANDES, Lúdia (2020b) - “Relações entre a ornamentação pública e privada nas cidades
da Lusitânia”. Em “La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania Romana”. *MYTRA*: 6,
Monografías y Trabajos de Arqueología. Instituto de Arqueología, Mérida, pp. 343-374.

FERRO, Sara (2017), “Contribuição para a Carta Arqueológica de Penamacor. Sítios inéditos.”
Al-Madan Online, n.º 21, tomo 3, pp. 28-45.

GAMER, Gustav (1989) - *Formen römischer Altäre auf der Hispanischen Halbinsel, Mainz am Rhein* 1989.

GUTIÉRREZ BEHEMERID, Maria Ángeles (2015) - “Altar Funerario com Pulvini de la Ciudad de Clunia”. *Veleia*, 32, pp. 189 a 198.

HENRIQUES, Francisco; CURADO, Fernando Patrício; PIRES, Hugo; CANINAS, João (2015) - “O marco miliário de Aldeia de Santa Margarida (Idanha-a-Nova) e outras matérias de época romana”, *AÇAFA On Line*, nº 10, pp. 2-17.

HERNÁNDEZ VERA, J. A.; ARIÑO GIL, E.; MARTÍNEZ TORRECILLA, J. M.; NÚÑEZ MARCÉN, J. (1999) - “La presa y el ninfeo del Sotillo (Alfaro, La Rioja): un conjunto monumental en la vía de Italia in Hispanias”, *Zephyrus*, LII, pp. 239-260

JIMÉNEZ SALVADOR, José Luis (1995) - “Um monumento funerário romano em forma de altar procedente de Valencia”, *Saguntum*, vol. 29, pp. 211-220

KOCKEL, Valentin. (1983) - *Die Grabbauten vor dem Herkulaner Tor in Pompeji*. Mainz.

LEITÃO, Manuela; FERNANDES, Lúcia; FILIPE, Victor (2020) - “Felicitas Iulia Olisipo e a reutilização de spolia na antiguidade tardia: o exemplo do troço de muralha da casa dos bicos (lisboa, portugal)”, *MYTRA* 7, pp.769-777.

MANTAS, Vasco Gil (1988) - “Orarium Donavit Igaeditanis: Epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana”, *1.º Congreso Peninsular de Historia Antigua* vol. II, Universidad de Santiago de Compostela, pp. 415-439.

MANTAS, Vasco Gil (1993) - “Evergetismo e culto oficial: o construtor de templo C. Cantius Modestinus”, *Religio Deorum – Actas del coloquio internacional de epigrafía, culto y sociedad en Occidente*, Sabadell, pp. 227-250.

MANTAS, Vasco Gil (2006) - “Cidadania e Estatuto Urbano na civitas Igaeditanorum (Idanha-a-Velha)”, *Biblos* vol. IV, 2.ª série, pp. 49-92.

MARTÍNEZ VALLE, Asunción (1995) - "El monumento funerario de La Calerilla de Hortunas (Requena, Valencia)", *AEspA* 68, Madrid, pp. 259-281.

MURCIANO CALLES, José María (2019) - *Monumenta: tipología monumental funeraria en "Augusta Emerita": origen y desarrollo entre los siglos I a.C y IV d.C.*, Monografías Emeritenses, 12. Ministerio de Cultura y Deporte. Mérida.

NOGALES BASARRATE, Trinidad; MÁRQUEZ PÉREZ, Juana (2002) - “Espacios y tipos funerarios en *Augusta Emerita*”, em Vaquerizo Gil, D. (ed.) *Actas del Congreso Internacional Espacios y usos funerarios en el Occidente Romano (Córdoba, 2001)*. Córdoba: Universidad de Córdoba, pp. 113–144.

NOGUERA CELDRÁN, José Miguel (2012) - *Segóbriga (Provincia de Cuenca, Hispania Citerior)*, (Corpus Signorum Imperii Romani – España, vol. I, 4), Tarragona.

OSÓRIO, Marcos (2013) - “Pedras Singulares: alguns achados arqueológicos Enigmáticos do Concelho de Sabugal”, *Sabucale*, 5. Museu Municipal: Sabugal. pp. 75-90.

PEREIRA, F. Alves (1917) - “Ruínas de Ruínas ou Destroços Igeditanos. IV – Idanha-a-Velha (Breve Notícia)”, *O Archeologo Português* nº 21, Lisboa. pp. 186-204.

PEREIRA, Sérgio (2009) - “A cidade romana de Ammaia. Escavações arqueológicas 2000-2006”, *Ibn Maruán. Revista Cultural do Concelho de Marvão* 2 – Nº. especial). Lisboa, Edições Colibri.

REDENTOR, Armando (2002) - Epigrafia romana da região de Bragança, *Trabalhos de Arqueologia* 24, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

RUIZ OSUNA, Ana Belén (2009) - *Topografía y monumentalización funerária en Baetica: Conventus Cordubensis y Astigitanus*, Tesis doctoral, Universidad de Córdoba.

SÁ, Ana Marques de (2007) - *Civitas Igaeditanorum: Os Deuses e os Homens*, Município de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova.

SALVADO, Pedro Miguel (2010) - “Idanha-a-Velha: um rosto periférico da memória. Elementos para a história do património egeditano”, In Santos, João Marinho e Catana, António Silveira (coord.) *Memória e História Local*, Coimbra, pp. 208-255.

SALVADO, Pedro; BIZARRO, Joana (2018) - “Um Pulvinus da Quinta de S. Domingos. Aldeia do Souto, Covilhã”. *Ebvrobriça*, 9, Revista do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro – Fundão, pp. 57-61.

SANTOS, Filipe; CARVALHO, Pedro C. (2008) - “Aspectos do Mundo Funerário Romano na

Beira Interior. As Estruturas Funerárias Monumentais da Quinta da Fórnea II (Belmonte): Uma primeira abordagem.” *Conimbriga*, 47. pp. 127-143.

SANTOS, Irminia D. (2013) - *A Lusitania e a Iberia, um estudo da mudança na urbanização pré e pós-romanização (da pré-Conquista romana ao baixo império- séculos II a.C. a V d.C.)*. Tese de pós-graduação. Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia.

TAELEMAN, Devi (2014) - “Part IV, Decontextualised finds, IV.1 Stones and architectural decoration: the worked stone”. Em: Corsi, Cristina “Understanding Ammaia: A History of Research and of Researchers” Ammaia II. The excavation contexts 1994 - 2011. pp. 239-250.

VARÉNE, Pierre (1970) - "Bloqs d'architecture funéraire découvertes à Nîmes", *Gallia* 28. pp. 91-125.

VAQUERIZO GIL, Desiderio (2001) - “Formas arquitectónicas funerarias de carácter monumental en Colonia Patricia Corduba”, *Archivo Espanol de Arqueologia*, 74, pp.131-160.

VILAÇA, Raquel (1997) - “Uma nova leitura para o Monte do Frade: (Penamacor)”. *Conimbriga*, 36, pp.27-44.

ANEXOS

Tabela. I

Nrº	Perfil Superior	Rebordo	Decoração	
			Extremidade cilíndrica	Alargamento lateral
PL.1	côncavo	indeterminado	Rosácea, 6 pétalas	Motivo vegetal
PL.2	côncavo	Em cotovelo	Rosácea, 7 pétalas	Indeterminado
PL.3	concavo	saliente	Rosácea, 6 pétalas	pátera
PL.4	concavo	Em cotovelo	Rosácea, 21/19 pétalas	Rosácea e Extr. cilíndrica
PL.5	concavo	Em cotovelo	Rosácea 16 pétalas	pátera
PL.6	concavo	indeterminado	Rosácea, 6 pétalas	Pátera e rosácea, 4 pétalas
PL.7	concavo	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.8	concavo	Em cotovelo	Rosácea, 4 héderas	Héderas, peixe? <i>tabula ansata</i>
PL.9	concavo	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Sem decoração
PL.10	concavo	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Sem decoração
PL.11	concavo	Em cotovelo	Rosácea, 8 raios retos	Sem decoração
PL.12	Indeterminado	indeterminado	Rosácea, 8 pétalas	Pátera?
PL.13	côncavo	indeterminado	Rosácea, 6 pétalas	grupos de duas linhas diagonais
PL.14	côncavo	indeterminado	Rosácea, 6 pétalas	Sem decoração
PL.15	côncavo	Em cotovelo	Rosácea, 8 raios retos	rosácea, 4 pétalas
PL.16	reto	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Sem decoração
PL.17	côncavo	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	pátera
PL.18	côncavo	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Sem decoração
PL.19	côncavo	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Sem decoração
PL.20	Indeterminado	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.21	côncavo	Indeterminado	Indeterminado	pátera
PL.22	Indeterminado	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.23	Indeterminado	Indeterminado	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.24	Indeterminado	Indeterminado	Rosácea, 19 raios curvos	Indeterminado
PL.25	côncavo	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Sem decoração

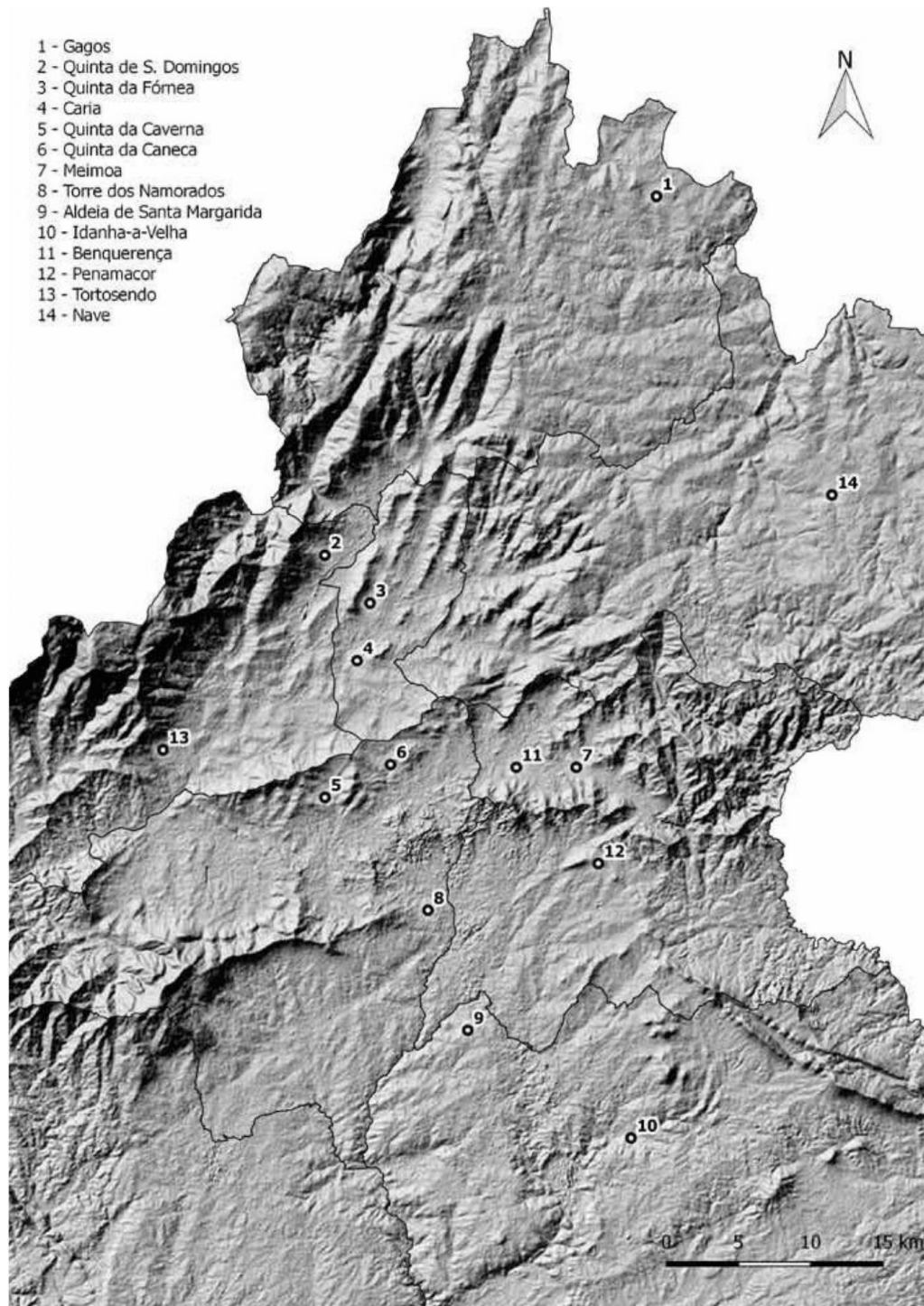
PL.26	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
PL.27	Indeterminado	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.28	Indeterminado	Indeterminado	Rosácea, 12/24 pétalas	Indeterminado
PL.29	Indeterminado	Indeterminado	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.30	côncavo	Em cotovelo	Rosácea, 12 pétalas	<i>urceus</i>
PL.31	Indeterminado	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.32	Indeterminado	Indeterminado	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.33	Indeterminado	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.34	Indeterminado	Indeterminado	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.35	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
PL.36	côncavo	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.37	côncavo	Indeterminado	Rosácea, 6 pétalas	Sem decoração
PL.38	côncavo	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
PL.39	côncavo	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
PL.40	Indeterminado	Em cotovelo	Indeterminado	Indeterminado
PL.41	Indeterminado	Indeterminado	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.42	Indeterminado	Indeterminado	Rosácea, 6 pétalas	Indeterminado
PL.43	Indeterminado	Indeterminado	Rosácea, 12/ 24 pétalas	Indeterminado
PL.44	Indeterminado	Em cotovelo	Indeterminado	Indeterminado
PL.45	Indeterminado	Em cotovelo	Indeterminado	Indeterminado
PL.46	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
PL.47	côncavo	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Meia lua?
PL.48	côncavo	saliente	Rosácea, 6 pétalas	<i>urceus</i>
PL.49	côncavo	Em cotovelo	Rosácea, 6 pétalas	Sem decoração
PL.50	Indeterminado	saliente	Rosácea, 19 raios curvos	Indeterminado

Tabela. 2

Nr.	Larg.	Profund.	Moldura (espessura)		Diâmetro Rosácea	Diâmetro botão central	Elemento Dec.		Local de Achado
			Alarg.Lat.	Ext.Cilind.			Comp.	Diâm.	
1	44.5	78	4/6	3/5	25	3	18/20	x	Casa Marrocos
2	42	56	3.5/4.5	3.5/4	31.5	x	x	x	Casa Marrocos
3	39	92	4.5/4.5	3.5/5	27	5	37.5	17	Casa Marrocos
4	45	80	3	2/7	27.5	6.5	x	14.5	Casa Marrocos
5	44.5	66	3/4	2/3	28	6.5	19	11.5	Casa Marrocos
6	44.5	86	2/4.5	3.5/4	25.5	4.5	30	13	Casa Marrocos
7	44	41.5	x	3/3.5	23.5	x	x	x	Casa Marrocos
8	44.5	90	5.5	5.5	29	9	x	x	Casa Marrocos
9	38	78	3/6	3.3	28.5	x	x	x	Casa Marrocos
10	41	72	3/6	3.5/4	25.5	x	x	x	Casa Marrocos
11	42	78	3/3.5	3.5/4	28	6	x	x	Casa Marrocos
12	46	42.5	x	4	25	4	x	5.5	Casa Marrocos
13	41	50	3/3.5	3.5/4	21	x	vários	14.5	Casa Marrocos
14	35.5	74	3/6	3.5/4	21	3.5	x	x	Casa Marrocos
15	40	85	3	3.5/4	29.5	5.5	x	9.3	Rua Nova
16	52.5	91	5/5.5	5/5.5	25.5	x	x	x	Rua Nova
17	42	88	5.5/6	3/5.5	29	3	27	11	Casa Marrocos
18	38	79	3/6	4/4.5	28.5	x	x	x	Casa Marrocos
19	44.5	99	4/4.5/8	3.5	27	x	x	x	Casa Marrocos
20	38.5	48.5	4/4.5	4.5/5	24	4	x	x	Casa Marrocos
21	31	45.5	5.5/16.5	x	x	x	23.5	12	Rua da Sé.N.7
22	36,5	45	3/3.5	3/3.5	23,5	x	x	x	Junto Muralha Porta Norte
23	57.5	39	x	5/10	22.5	x	x	x	Casa Marrocos
24	39.5	64	4	4	32	6.5	x	x	Rua Nova
25	48.5	81	3	3.5/4	24	x	x	x	Palheiros
26	34	47	4	x	x	x	x	x	Rua Nova
27	42.5	24	6	2.5/3.5	24.5	2	x	x	Casa Marrocos
28	55	44	9.5	7	32	8.5	x	x	Casa Marrocos
29	39	44	6	3/5	25	4?	x	x	Casa Marrocos
30	32.5	80.5	3/3.5	3.5	31.5	6.5	19	x	Ficheiro Epigráfico
31	50	x	4/3.5	3.5/4	32.5	6.5	x	x	Lagar de Azeite
32	59	35.5	2.5	2.5/3	22	x	x	x	Rua Nova
33	55.5	38	6.5	4.5	28.5	4.5	x	x	Rua Nova
34	29	28	x	3	24	x	x	x	Rua Nova
35	34	35	x	x	x	x	x	x	Rua Nova
36	46.5	84.5	3/3.5	3	22.5	x	x	x	Rua Nova
37	76	47	3.5/4	4	35	x	x	x	Rua Nova
38	93	45.5	x	x	x	x	x	x	Troço Oeste da Muralha (Sé)
39	29	x	3.5/4	x	x	x	x	x	Troço Sul da Muralha

40	26	x	x	x	x	x	x	x	Rua Nova (Muro ext.)
41	37	43	3	3,5	30	3,5	x	x	Rua Nova
42	25	x	x	3,5	27	x	x	x	Muro da Ponte
43	17	x	x	4/5,5	20,5	4,5	x	x	Rua do Castelo
44	43	x	x	x	x	x	x	x	Troço Sudoeste da Muralha
45	44	x	x	x	x	x	x	x	Rua Nova
46	25	x	x	x	x	x	x	x	Rua da Amoreira
47	?	?	?	?	?	?	?	?	?
48	?	?	?	?	?	?	?	?	?
49	62	31	6	4	23,5	3	x	x	Cabeço da Forca
50	35	x	4/5	5/10	29	x	x	x	Armazém Família Marrocos

Est. I



a) Mapa da distribuição dos *pulvini* pela Beira Interior. Retirado de Salvado e Bizarro, 2018: 59, fig. 2.

Est. II

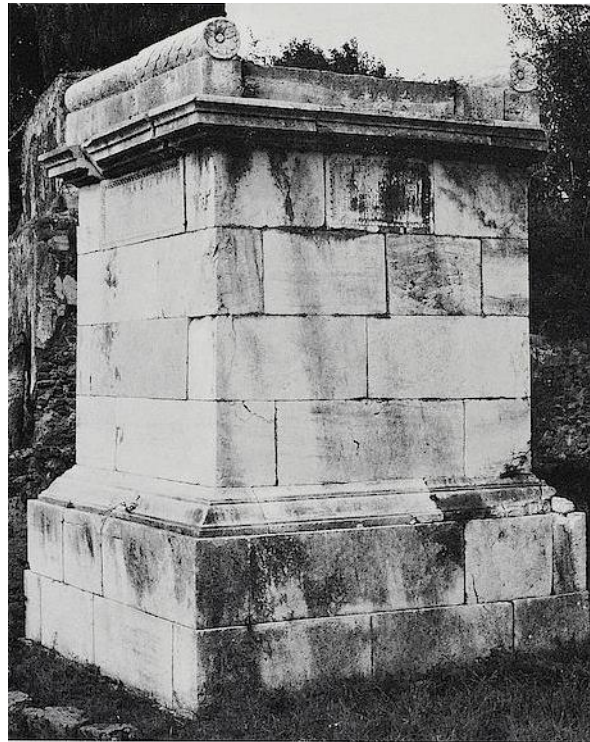


- a) Representação de pátera e *urceus* numa ara funerária. Retirado de Murciano Calles, 2019: Láms. 122. Fig. 2 e 3



- b) Representação de pátera e *urceus* numa ara funerária. Retirado de Murciano Calles, 2019: Láms. 126. Fig. 2 e 3

Est. III

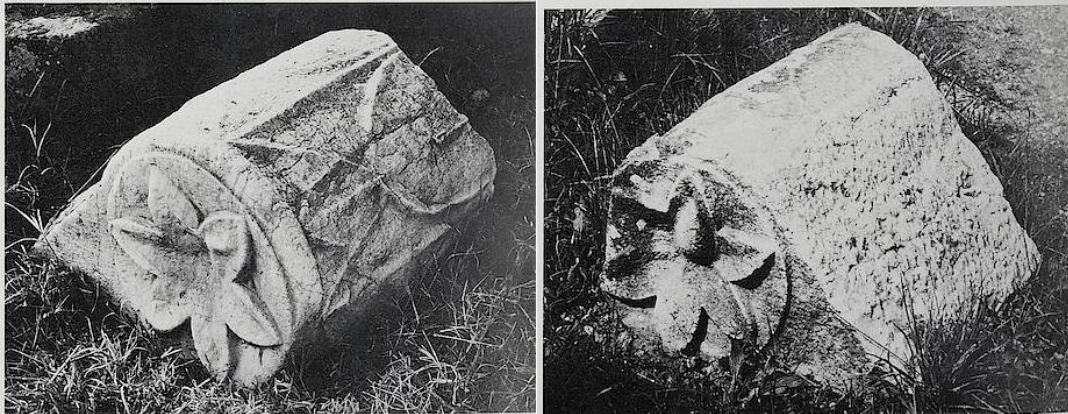


a) Exemplo de Mausoléu em forma de altar com *pulvini*, de planta quadrangular em *opus quadratum*, de modelo itálico. Retirado de Kockel, 1983: Tafel. 60. a

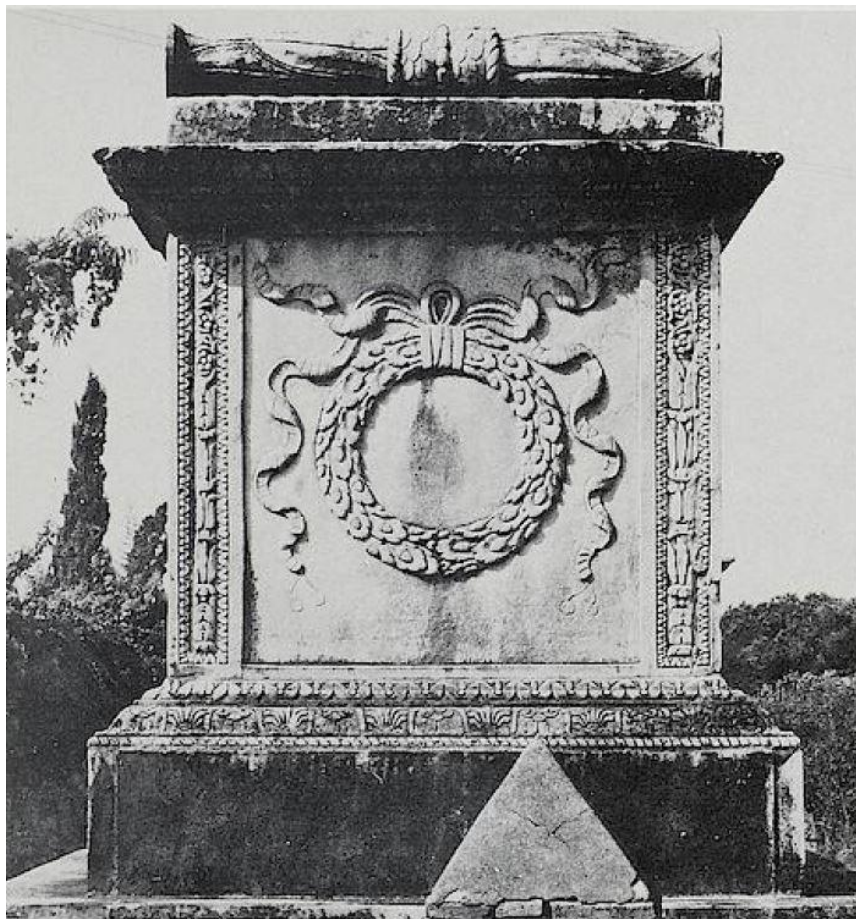


b) Vista da necrópole da porta de Herculano, Pompeia. Retirado de Beltrán Fortes, 2017: 793, fig.1

Est. IV



- a) Exemplo de pulvinus cilíndrico com alargamento lateral, de modelo itálico. Retirado de Kockel (1983: Tafel. 8 c, e)



- b) Exemplo de pulvinus de corpo cilíndrico, de modelo itálico. Retirado de Kockel (1983: Tafel. 25. e)

Est. V



a) PL. 22. Troço norte da muralha. (Foto de José Luís Cristóvão)



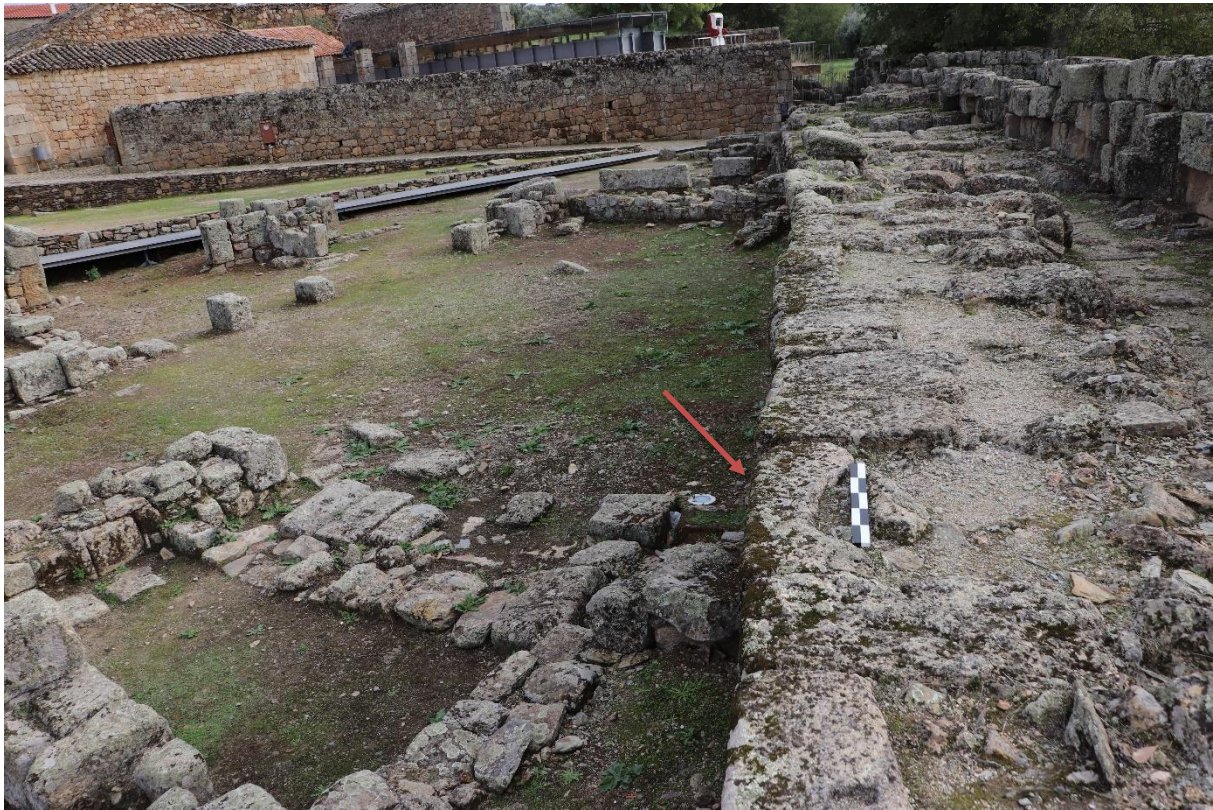
b) PL. 25. Troço este da muralha. (Foto de José Luís Cristóvão)

Est. VI



a) PL.31. Parede oeste do Lagar das Varas.

Est. VII



a) PL.38. Troço Oeste da muralha.

Est. VIII



a) PL.39. Troço sul da muralha.

Est. IX



a) PL.40. Troço sudoeste da muralha.



b) PL.42. Muro na rua Espírito Santo, no alinhamento da passagem da ponte.

Est. X



a) PL.43. Rua do Castelo. (Foto de Maria Caldeira)



c) PL.46. Rua da Amoreira.

Est. XI



a) PL.44. Troço sudeste da muralha.

Est. XII



a) PL.49. Cabeço da forca

Est. XIII



a) Pormenor da do tratamento de superfície caracterizado por um relevo convexo tipo almofadado do exemplar PL.3.



b) Pormenor da do tratamento de superfície caracterizado por um relevo convexo tipo almofadado do exemplar PL.31.

Est. XIV



a) *Pulvinus* cilíndrico com alargamento lateral, de perfil superior côncavo com gorgónia. Proveniente de *Barcino*. Retirado de Montserrat Claveria, 2005, Lám 4. Cat. N.º 4 a

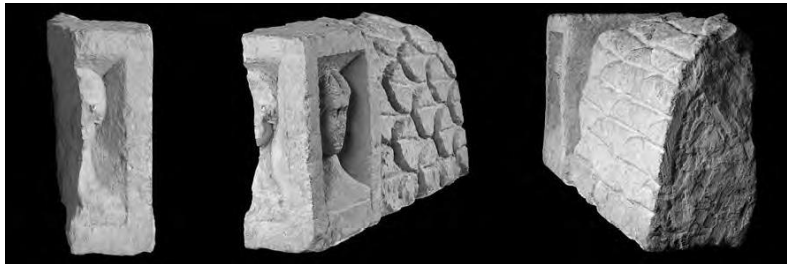


b) *Pulvinus* cilíndrico com alargamento lateral, de perfil superior côncavo com gorgónia. Proveniente de *Barcino*. Retirado de Montserrat Claveria, 2005, Lám. 8. Cat. n.º 8

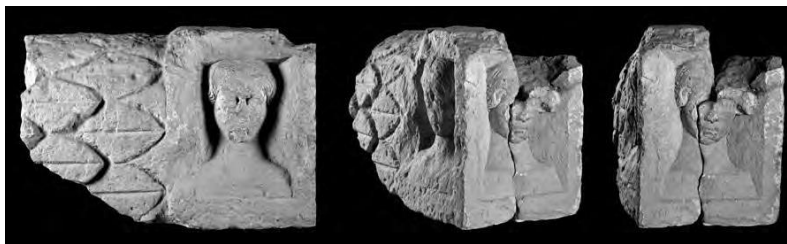
Est. XV



a) *Pulvinus* cúbico com retrato de Segóbriga. Retirado de (Noguera Celdrán, 2012: Lám. XIII. 1)



b) *Pulvinus* cúbico com retrato de Segóbriga. Retirado (Noguera Celdrán, 2012: Lám. XIII. 2)

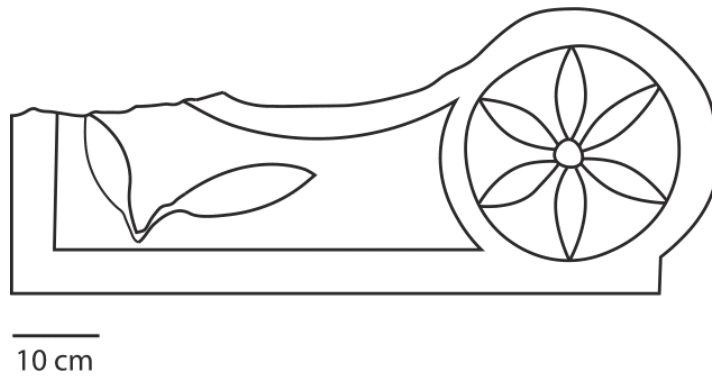


c) *Pulvinus* cúbico com retrato de Segóbriga. Retirado (Noguera Celdrán, 2012: Lám. XIII. 3)

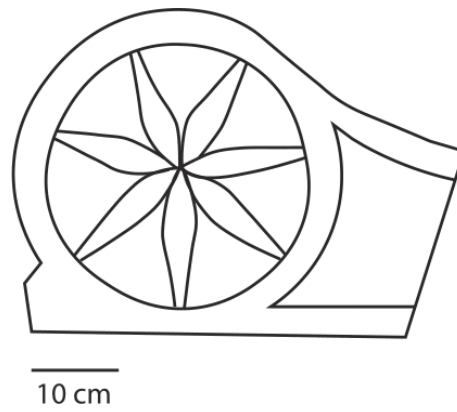


d) *Pulvinus* cúbico com retrato de Segóbriga. Retirado (Noguera Celdrán, 2012: Lám. XIII. 4)

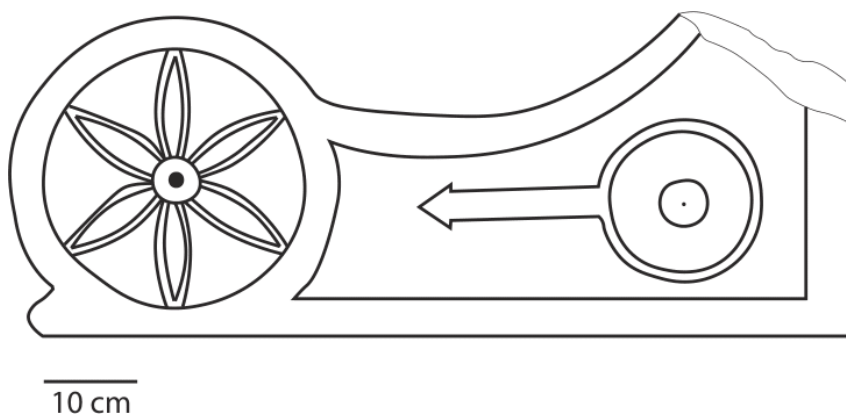
Est. XVI



a) Desenho de autoria desconhecida do PL.1

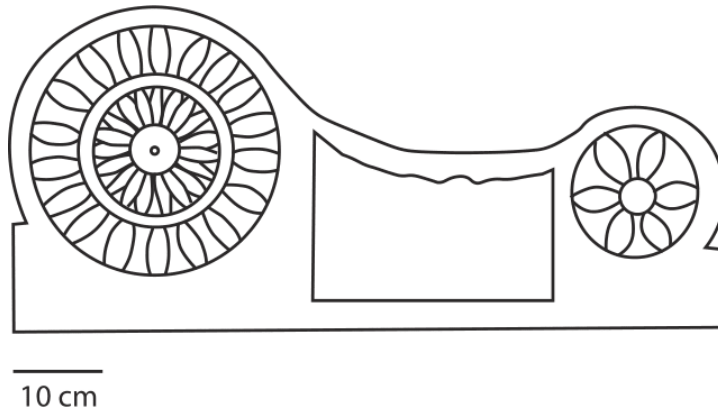


b) Desenho de autoria desconhecida do PL.2

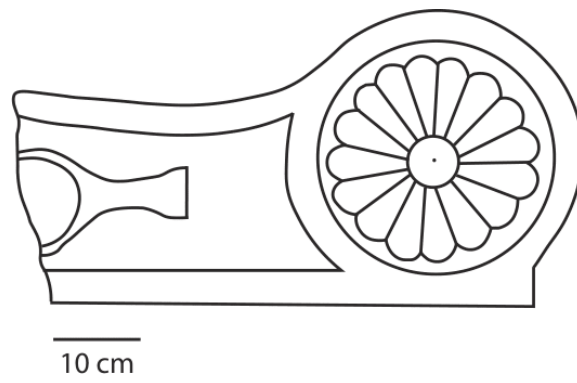


c) Desenho de autoria desconhecida do PL.3

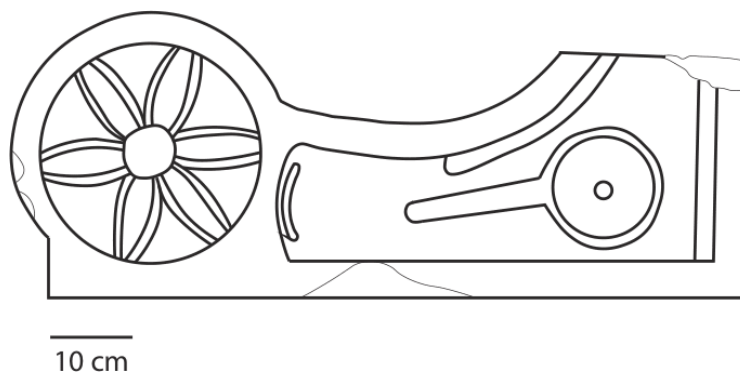
Est. XVII



a) Desenho de autoria desconhecida do PL.4

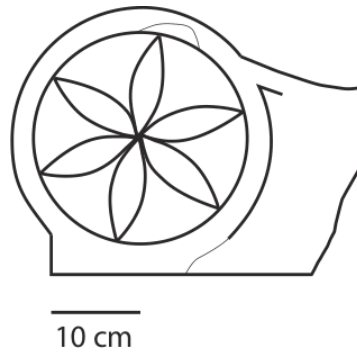


b) Desenho de autoria desconhecida do PL.5

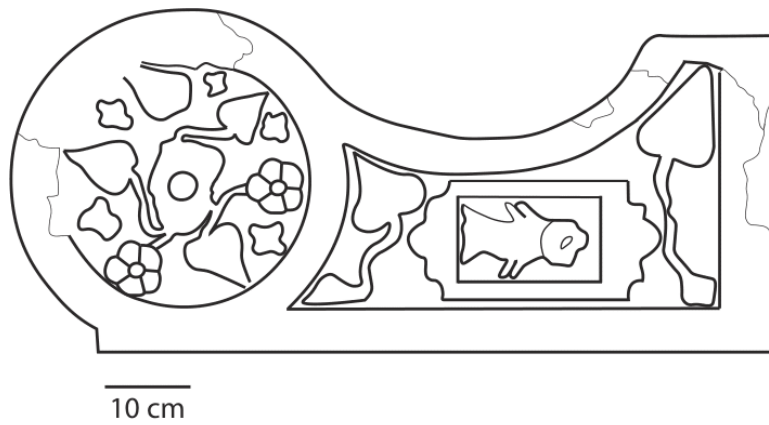


c) Desenho de Autoria desconhecida do PL.6

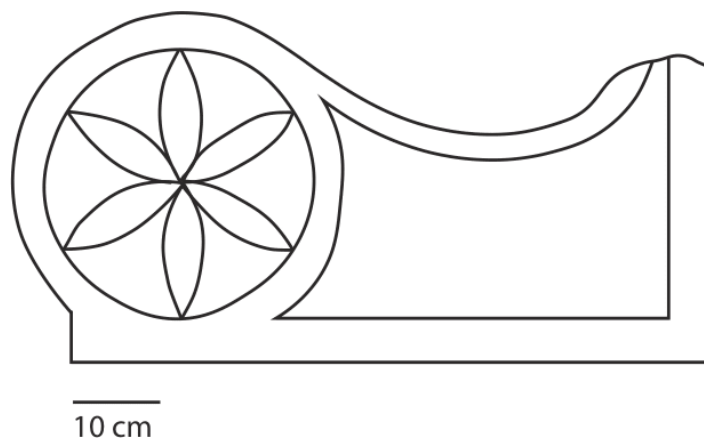
Est. XVIII



a) Desenho de autoria desconhecida do PL.7

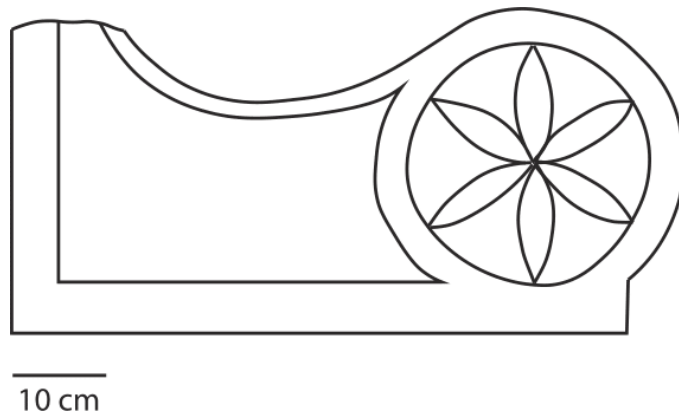


b) Desenho da autoria desconhecida do PL.8

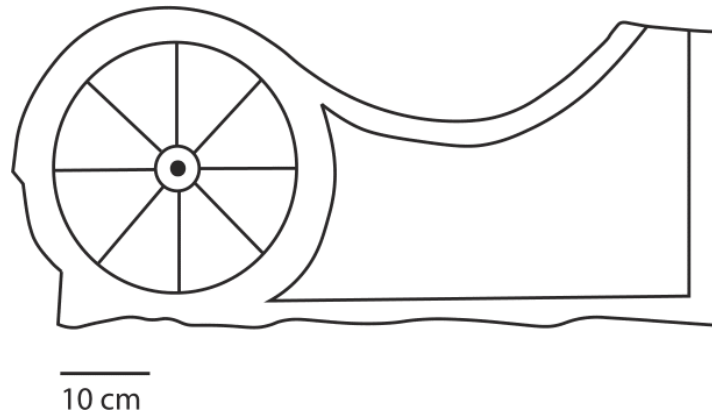


c) Desenho de autoria desconhecida do PL.9

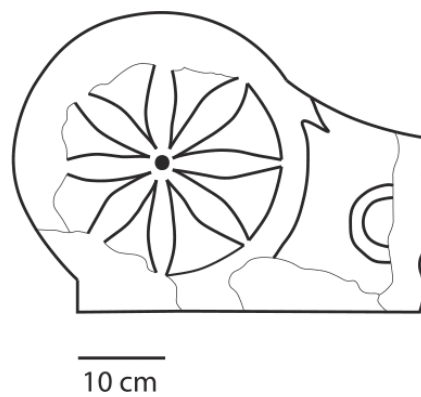
Est. XIX



a) Desenho de autoria desconhecida do PL.10

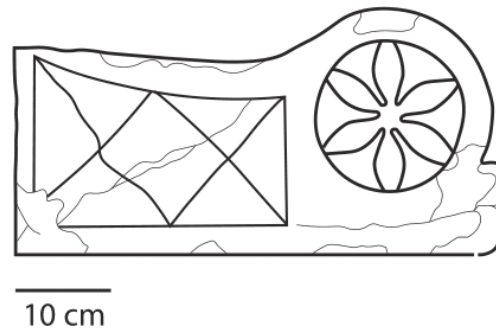


b) Desenho de autoria desconhecida do PL.11

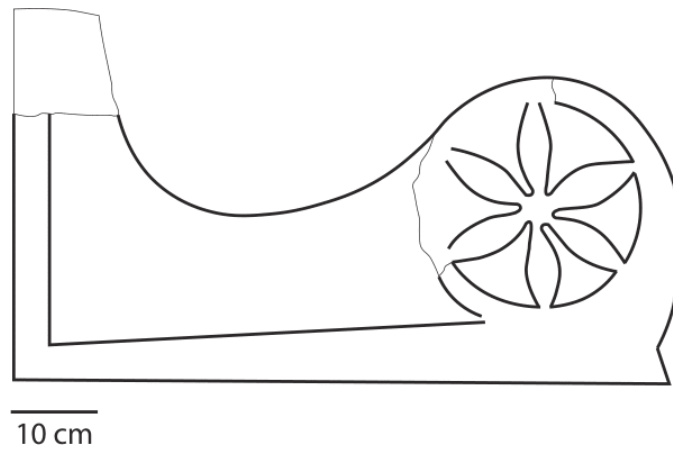


c) Desenho de autoria desconhecida do PL.12

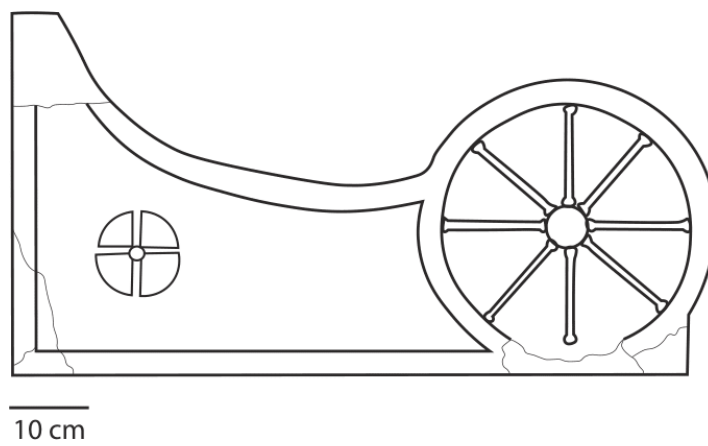
Est. XX



a) Desenho de autoria desconhecida do PL.13

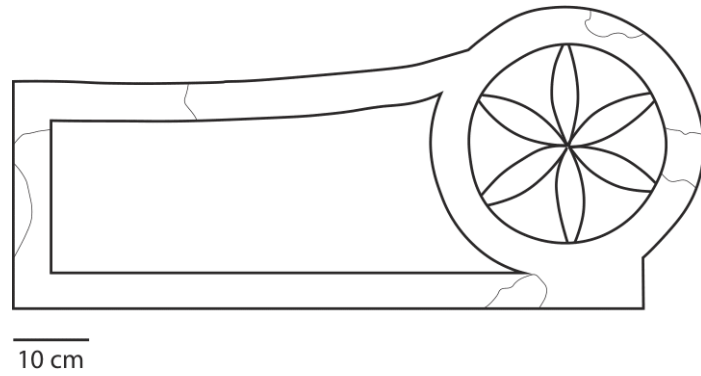


b) Desenho de autoria desconhecida do PL.14

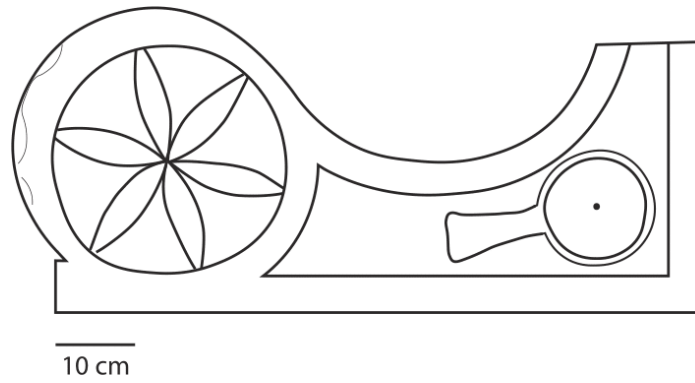


c) Desenho de autoria desconhecida do PL.15

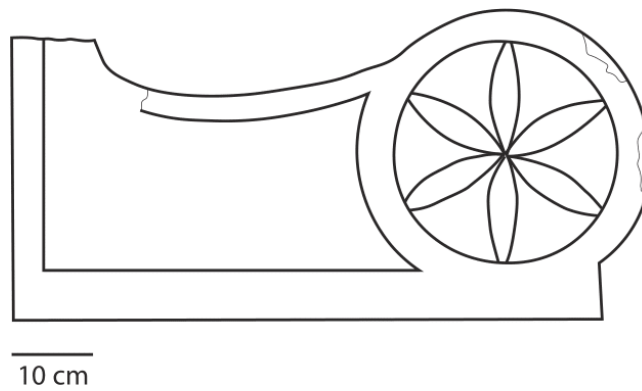
Est. XXI



a) Desenho de autoria desconhecida do PL.16

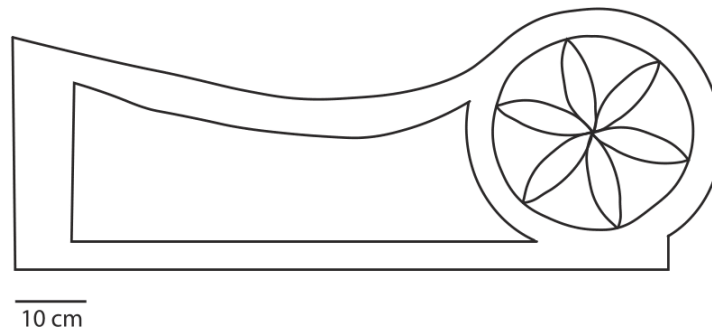


b) Desenho de autoria desconhecida de PL.17

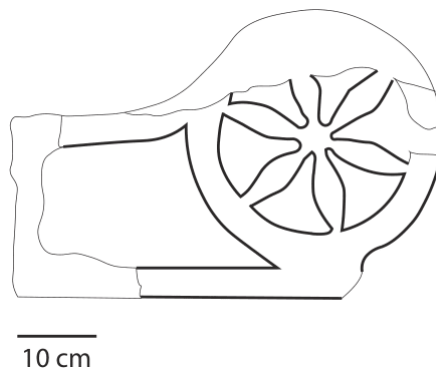


c) Desenho de autoria desconhecida do PL.18

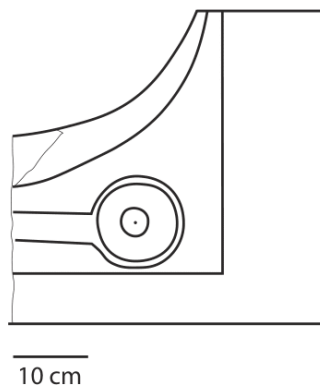
Est. XXII



a) Desenho de autoria desconhecida do PL.19

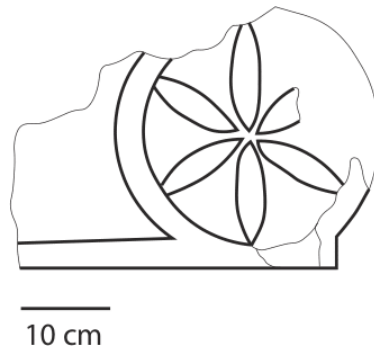


b) Desenho de autoria desconhecida do PL.20

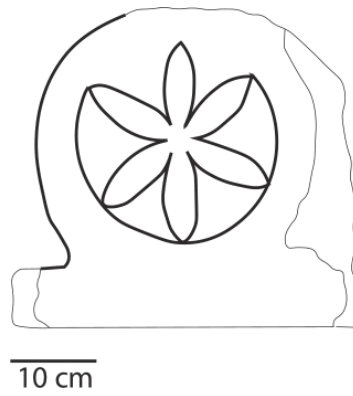


c) Desenho de autoria desconhecida do PL.21

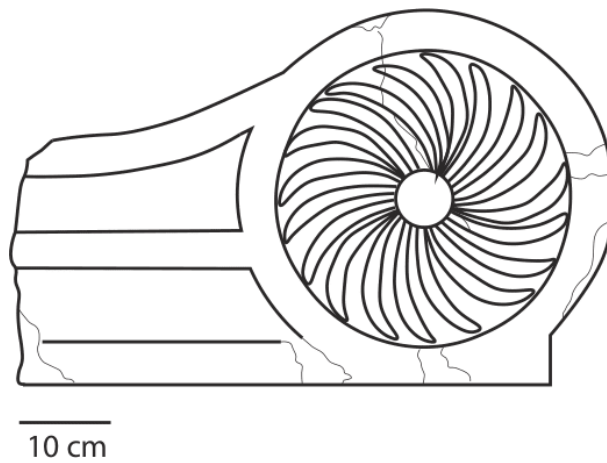
Est. XXIII



a) Desenho de autoria desconhecida do PL.22

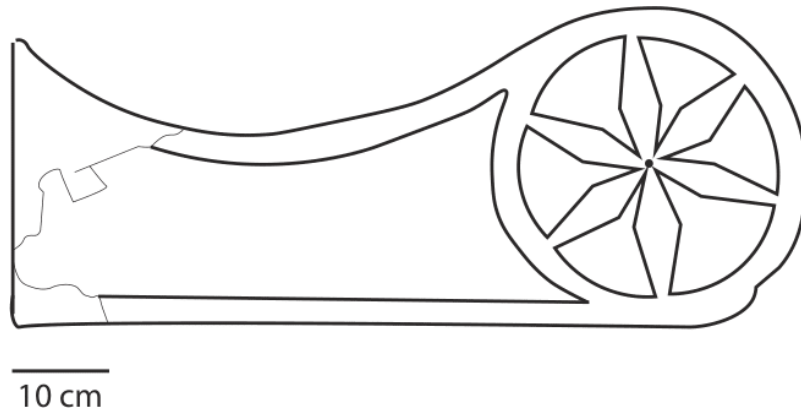


b) Desenho de autoria desconhecida do PL.23

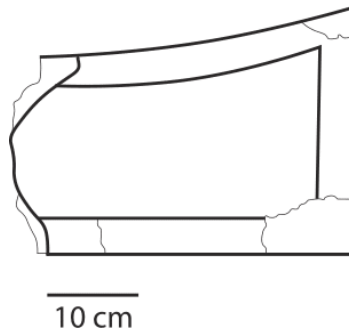


c) Desenho de autoria desconhecida do PL.24

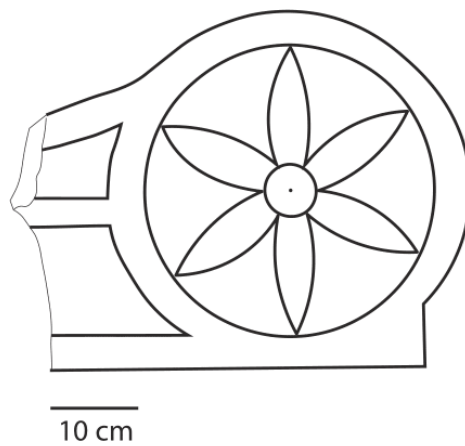
Est. XXIV



a) Desenho de autoria desconhecida do PL.25

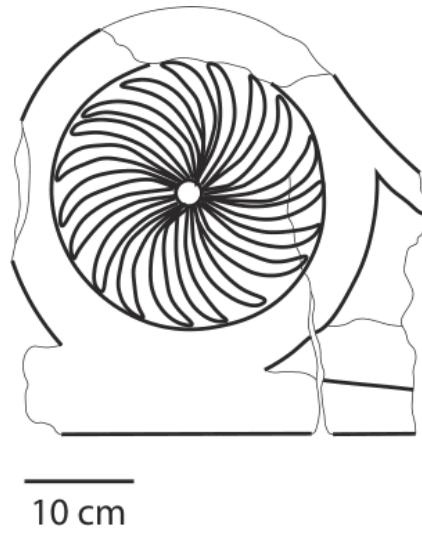


b) Desenho de autoria desconhecida do PL.26



c) Desenho de autoria desconhecida do PL.31

Est. XXV



a) Desenho de autoria desconhecida do Pl.50